



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Curso de Doutorado em Letras**



***O RESGATE DE RABELO:*
MEMÓRIA, BIOGRAFIA E TRADIÇÃO
NA VIDA DO DOUTOR GREGÓRIO DE MATTOS GUERRA**

por

SILVIA LA REGINA

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Elizabeth de Andrade Lima Hazin

**SALVADOR
2003**



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Curso de Doutorado em Letras**



***O RESGATE DE RABELO:
MEMÓRIA, BIOGRAFIA E TRADIÇÃO
NA VIDA DO DOUTOR GREGÓRIO DE MATTOS GUERRA.***

por

SILVIA LA REGINA

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Elizabeth de Andrade Lima Hazin

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras.

**SALVADOR
2003**

Biblioteca Central - UFBA

L321 La Regina, Silvia,
O resgate de Rabelo : memória, biografia e tradição na vida do Doutor Gregório de Mattos
Guerra / por Silvia La Regina . - Salvador : S. La Regina, 2003.
188 f.

Orientadora : Profa. Dra. Elizabeth de Andrade Lima Hazin.
Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2003.

1. Rabelo, Manuel Pereira – Crítica e interpretação. 2. Matos, Gregório de, 1633-1696 –
Biografia. 3. Literatura brasileira. 4. Crítica textual. I. Hazin, Elizabeth de Andrade Lima. II.
Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU – 821(81).09
CDD – B869.09

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Elizabeth Hazin, pelas sugestões, pelo incentivo e pelo apoio;

A Eneida Leal Cunha, coordenadora do PPGLL, sem cujo incentivo eu não teria levado a cabo este trabalho;

A Fernando da Rocha Peres, pelo precioso material, pelas sugestões e pela amizade constante;

A José Mindlin, em cuja magnífica biblioteca encontrei textos fundamentais para a redação desta tese, e a Cristina, competente e sensível bibliotecária;

A Gabriella Micks, pelos conselhos e pela ajuda;

A Vera, por tudo;

À CAPES, que me concedeu uma bolsa de doutorado.

*Lo tems vai e vem e vire
Per jorns, per mes e per ans,
Et eu, las!, no.n sai que dire*

Bernart de Ventadorn

RESUMO

Este trabalho focaliza o texto biográfico *Vida do Dr. Gregório de Mattos e Guerra*, de Manuel Pereira Rabelo, escrito por volta de meados do século XVIII. O texto, que acompanha e antecede alguns dos códices manuscritos de poemas atribuídos a Gregório, foi impresso integralmente pela primeira vez em 1881. Procura-se enquadrar historicamente o autor, fazer uma relação dos códices nos quais aparece o texto (sete do século XVIII e um do século XIX), relacionar os códices entre si, enquadrar o texto no âmbito específico da biografia de filósofos e letrados. Discutem-se o papel do copista na transmissão dos textos manuscritos e a circulação e fluidez dos textos e de sua atribuição ao longo da época barroca e das academias, assim como a função do texto de Rabelo e sua representatividade na construção da identidade nacional. É apresentada uma versão da *Vida* provinda de um manuscrito até então inédito e não relatado. São feitas várias referências à obra e à biografia de Tomás Pinto Brandão, poeta português cuja vida e obra frequentemente se entrelaçaram com as de Gregório.

ABSTRACT

This work focuses *Vida do Dr. Gregório de Mattos e Guerra*, a biography written by Manuel Pereira Rabelo about the middle of the XVIIIth century.

The text, to be found at the beginning of some codices containing poems attributed to Gregório de Mattos, was first printed integrally in 1881. The aims of the present work are to set the author in his historical context, describe the codices in which the text appears (7 of the XVIIIth century and one of the XIXth), establish connections among these codices, and set the text in the specific context of the art of biography, as regards philosophers and men of letters.

The role of the copyist in the transmission of manuscript texts is discussed next, along with the circulation and fluidity of texts and their attribution during the age of Baroque and of the academies, as well as the function of Rabelo's text and its significance in creating a national identity.

The version of the *Vida* here presented derives from a hitherto unknown manuscript, still unpublished.

Many references have been made to the works and biography of Tomás Pinto Brandão, a Portuguese poet whose life and work were often entwined with Gregório's.

Sumário

Resumo	
<i>Abstract</i>	
Introdução	I
Capítulo 1. O autor	1
1.1 Os documentos e as citações	1
1.1.1 Loreto Couto e a <i>Summula</i>	2
1.1.2 A Torre do Tombo	4
1.1.3 O Arquivo Histórico Ultramarino	6
1.1.4 Inocência	8
1.2 Espínola	9
1.3 Gregório <i>et son double</i>	13
1.4 Um autor imaterial	15
Capítulo 2. O texto e os códices	17
2.1 Relação dos códices	17
2.2 Datação da <i>Vida</i>	31
2.2.1 <i>Vida e Morte de Tomás Pinto Brandão</i>	31
2.2.2 Diferentes datas citadas na <i>Vida</i>	35
2.3 Relações entre os códices	39
2.3.1 É possível desenhar uma árvore genealógica?	39
2.3.2 As coletâneas em quatro volumes	42
2.3.3 AC1 e BPE303	47
2.3.4 AC1 e BNRJ50,59	54
2.3.5 MC e BNRJ50,57	55
2.3.6 BNRJ50,56, L15-2a e BPE587	56
2.3.7 Códices isolados	62
2.3.8 Omissões, acréscimos e semelhanças.	62
2.3.9 Relações	67
2.4 Edições impressas da <i>Vida</i>	68

Capítulo 3. Transcrição do texto da Vida (código MC)	70
3.1 Critérios e características	70
3.1.1 Critérios de edição	70
3.1.2 Características gráficas e ortográficas	71
3.2 Transcrição	73
3.3 Os irmãos de Gregório (código BNRJ50,59)	96
Capítulo 4. A obra	99
4.1 Dados, fatos	99
4.2 O mito de Gregório	101
4.2.1 Mitos, não anedotas	101
4.2.2 Um herói sem saudade	102
4.3 Gregório e Rabelo como metáfora	105
4.4 O romance de Gregório	106
4.5 Índices	108
4.5.1 Índice toponímico	108
4.5.2 Índice onomástico	109
Capítulo 5. Vidas, textos: Gregório e Pinto Brandão	114
5.1 Circulação, contaminação: o copista e o autor	114
5.1.1 O copista	116
5.1.2 Autor, autores	122
5.1.2.1 Tomás Pinto Brandão e a contaminação biográfica	123
5.2 A <i>Vida socinta...</i> , de Pinto Brandão	134
5.3 Rabelos	146
Capítulo 6. A biografia	147
6.1 A biografia e sua tradição	147
6.2 Os primórdios. “Não histórias, mas vidas”	148
6.3 Idade Média, Humanismo, Renascença	155
6.3.1 Biografias dos trovadores	155
6.3.2 Dante Petrarca Boccaccio	157

6.3.2.1 Petrarca: <i>Posteritati e De viris illustribus</i>	157
6.3.2.2 <i>Trattatello in laude di Dante e De vita et moribus ...</i>	159
6.3.3 Os humanistas italianos	163
6.3.4 Um humanista castelhano	164
6.4 Vasari	165
6.5 Pedro Mariz e a biografia de Camões	168
6.6 Biografia como relato verdadeiro?	170
Conclusões	172
Bibliografia	174

INTRODUÇÃO

Até pouco tempo atrás, todas as informações sobre a vida e a obra de Gregório de Mattos baseavam-se na *Vida do doutor Gregório de Mattos Guerra* (adoto aqui um dos títulos da obra, que, como se verá, tem vários) escrita em meados do século XVIII por Manuel Pereira Rabelo. Era este o único documento, ainda que não fidedigno, sobre a biografia do poeta; e estava disponível em algumas versões, ainda que com variantes não extremamente significativas, em vários códices manuscritos de Gregório. Sobre os dados fornecidos pela *Vida* os estudiosos construíram suas interpretações, favoráveis ou hostis, escandalizadas ou admiradas, da vida e juntamente da obra do poeta – freqüentemente enxergada, à moda romântica, como reflexo e expressão da própria vida – eventualmente deixando de lado as anedotas mais inverossímeis.

A *Vida* era, porém, uma pequena obra apologética, construída segundo cânones precisos, e posturas e acontecimentos relatados por Rabelo são verdadeiros *topoi* literários e retóricos¹. Assim o que era uma biografia romanceada e resumia virtudes, vícios, intenções e retórica de uma época numa perspectiva ainda rigidamente barroca de oposições retoricamente dualísticas, foi lida como vida real.

¹ cf. HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, passim e especificamente p.23.

Assim, a partir de 1841, quando Januário da Cunha Barbosa, responsável em 1831 pela primeira publicação de poemas atribuídos a Gregório², publicou também alguns excertos da *Vida de Rabelo*³, cada crítico e pesquisador que tenha trabalhado com a obra de Gregório teve que se confrontar com a imagem fantástica, o *exemplum*, o rótulo que carregava o nome de Gregório na *Vida*, esquecendo assim de considerar quando a obra fora escrita e em qual perspectiva. E como numa avalanche, enquanto a reputação da *Vida*, considerada fidedigna por ser relativamente próxima da época de Gregório, crescia cada vez mais, a figura do poeta como nela retratado ganhava traços e cores cada vez mais reais, que pareciam imprescindíveis para quem quisesse dar uma interpretação adequada da obra, cujo estudo acabava assim sendo também condicionado e deformado. A obra era lida como fonte e confirmação de notícias biográficas, num processo perverso de “*autoschediasmi*”⁴ pelo qual a vida era reinventada à luz da obra e a obra era lida à luz da vida⁵.

Hoje o poeta Gregório goza, não só na Bahia, como em todo o Brasil, de uma fortuna que mais uma vez chega a extrapolar o aspecto propriamente literário, e faz dele, a depender dos casos, um precursor de quase todos os fenômenos e movimentos, incluindo o tropicalismo (vestindo o escritor de *pré-caetano*).

² BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso Brasileiro*, ou colleção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas 2 vols. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Nacional, 1829-1831 II, p.53-61

³ id. Biografia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc., in *Revista Trimestral de História e Geografia*, Rio de Janeiro: Typographia de JES.Cabral, III, n.9, abril de 1841, pp.333-337.

⁴ Cfr. STEGAGNO PICCHIO, Luciana. Biografia e autobiografia: due studi in margine alle biografie camoniane. *Quaderni Portoghesi* 7-8, 1980, p. 21-111, p. 44-45.

⁵ Cfr. por exemplo os estudos de Rossini Tavares de Lima e, mais recentemente, de Maria de Lourdes Teixeira: LIMA, Rossini Tavares de. *Gregório de Matos, o Boca do Inferno*. São Paulo: Elo, 1942 e TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Gregório de Matos*. São Paulo: Melhoramentos / Brasília: INL, 1977.

A conseqüência desta reavaliação tão positiva da obra atribuída a Gregório de Mattos foi, ao invés, negativa para a biografia escrita por Rabelo: perdida a tão equivocada função documental, a obra foi completamente esquecida. A *Vida* de Rabelo, porém, é uma obra literária, um documento autônomo de um estilo e de uma época, que merece e aliás exige ser avaliado e estudado.

Para não ser repetitiva, assumo a dicção “poemas de Gregório” ou “gregorianos”, subentendendo “atribuídos a” ou “supostamente”.

Por considerar desagradável o uso do duplo sistema de referência, e havendo a necessidade de inserir nas notas a tradução de alguns textos citados, resolvi recorrer ao sistema de notas “à moda antiga”, ao invés daquele, muitas vezes mais prático, autor-data-página.

Apesar de morar há muitos anos na Bahia, por uma feliz opção, e de conviver há mais tempo ainda com a literatura brasileira, ainda assim muitas das minhas referências culturais permanecem italianas, menos por escolha e mais por um hábito difícil de ser extirpado. O meu olhar, portanto, por vezes é de lá; nele, estou incluída eu também, num papel duplo e espelhado, na expectativa de não ser etnocêntrica.

1 O AUTOR

1.1 Os documentos e as citações

Na atualidade sabe-se muito sobre Gregório de Mattos: ao todo, existem 28 documentos históricos sobre a vida do poeta¹, e numerosos códices nos trazem a obra poética a ele atribuída (obra que conheceu o que Barbara Spaggiari escreveu a respeito do Camões lírico: “um processo incessante de dilatação”²). São 23 códices apógrafos setecentistas em 38 volumes, normalmente de grande extensão, além de 2 cópias em 3 volumes do século XIX e várias cópias do século XX³. Destes códices, 10 encontram-se no Brasil, 10 em Portugal e 2 em Washington; um em 4 volumes está dividido entre o Brasil e Portugal. Além disso, poemas atribuídos a Gregório aparecem em numerosos códices do tipo *cancioneiro*. Nada se sabe, porém, a respeito do biógrafo do poeta. É de fato singular a sorte de Rabelo, porque sua obra ajudou a garantir ao poeta uma fama que talvez a ausência de informações biográficas (ainda que fantasiosas) deixasse esvaír no grupo sem nome e rosto dos autores a ele contemporâneos; mas Rabelo para nós constitui um mistério, e é curioso como ele (no título de algumas versões da biografia definido como *licenciado*) seja lembrado só em relação ao seu biografado, e nunca como autor em si, até mesmo nas histórias literárias. Examinarei portanto a seguir

¹ Cf. PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos Guerra - uma re-visão biográfica*. Salvador: Macunaíma, 1983. *Passim*.

² SPAGGIARI, Barbara. A obra lírica de Camões e seus problemas, in SPAGGIARI, Barbara; PINILLA, Antonio Sabio; AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *O renascimento italiano e a poesia lírica de Camões*, Niterói: UDUFF/ Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. pp. 27-35: p. 27.

³ Sobre os códices gregorianos, ver LA REGINA, Silvia. Os códices de Gregório de Mattos. PERES, Fernando da Rocha e LA REGINA, Silvia. *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos*. Salvador: Edufba, 2000. p.33-53 e principalmente o cap. 2 deste trabalho.

as raras referências feitas a Rabelo pelos autores contemporâneos dele e pelos críticos atuais, assim como eventuais documentos que possam elucidar sua existência.

1.1.1 Loreto Couto e a *Summula*

Nos *Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco*, de Domingos do Loreto Couto (1757), há uma referência a um Manoel Rebello Pereyra, que aqui transcrevo:

33. Manoel Rebello Pereyra, presbítero secular, nasceo no Reciffe em 4 de março de 1717, sendo seus pays Appolinario Rebello Pereyra e D.Luiza. Instruído profundamente em as sciencias amenas, e severas, se dedicou ao ministério do púlpito, para o qual o inclinava o gênio, concorrendo na sua pessoa a valentia, com que representa, e a elegância com que orna os seus discursos. Estudou a gramática latina com tanta applicação, como a ensina com applauso. He insigne na poesia latina, e vulgar, de cuja fecunda veyra se lem produçoens na summa triumphal de Soterio da Sylva Ribeiro impressa em Lisboa por Pedro Ferreira 1753. 4. a fol. 95, e 116⁴.

Esta “summa triumphal” na verdade é a *Summula triumphal da nova e grande celebridade do glorioso e invicto Martyr São Gonçalo Garcia*, “Dedicada, e offerecida ao Senhor Capitão José Rabelo de Vaconcellos por seu autor Soterio da Sylva Ribeiro: com huma Colleção de vários folgedos, e danças, Oração Panegírica, que recitou o Doutissimo, e Reverendíssimo Padre Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam, Religioso Capucho da Província de S. Antonio do Brazil, na Igreja dos Pardos da Senhora do Livramento, em Pernambuco no primeiro de Mayo do anno de 1745”, impresso em Lisboa em

⁴ COUTO, Domingos do Loreto. *Desagravos do Brazil e Glorias de Pernambuco*. Discursos brasílicos, dogmáticos, bélicos, apologeticos, moraes e históricos repartidos em 8 livros [...]. (1757). 2 tomos. Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1902-1903. Tomo 2, livro V, cap. 1, p.22. Encontrei a informação relativa a Loreto

1753, na Oficina de Pedro Ferreira, exatamente como consta no texto de Loreto Couto. Na introdução – não assinada – da edição de 1928, ressalta-se como o verdadeiro nome do autor fosse na realidade Frei Manuel da Madre de Deus, nascido em 1724, “natural da Cidade de Bahia, professo no Convento da Villa de Iguaraçu”⁵ – o que nos lembra um trecho da *Vida* de Rabelo, no qual é citado o nome da cidade⁶. A *Summula*, sobre a qual escreveu recentemente José Ramos Tinhorão⁷, é o relato das festas, verdadeiramente triunfais, que acompanharam a instituição no Recife do culto de São Gonçalo Garcia, introduzido pelos mulatos da cidade, com procissões, carros alegóricos, tiros de artilharia e, enfim, uma academia, “que se fez no Domingo 19 do mez com toda a grandeza, e tão científica [...] sendo presidente o M.R.Doutor José Correya de Mello”⁸. Infelizmente, na série de mote e glosa, décimas, oitavas e sonetos que compõem o texto poético, não foi possível encontrar nenhum Manuel Pereira Rabello ou Rebello Pereira: há três composições de autoria de Manoel Ribeiro e um soneto atribuído a um

Couto, cuja obra consultei, in CALMON, Pedro. *História da literatura baiana*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1949. p.30 nota 20.

⁵ A *Summula* encontra-se na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 99, vol. 153. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928, nas págs 7-104. A introdução ocupa as páginas 5-6.

⁶ Cito do códice MC, mas o trecho encontra-se também em JA, na p. 1261. “Hum homem de bayxa esfera, que por aquella iniquidade a que /**XXXI**/ no Brasil chamaõ fortuna sobio a desconhecer seo amo, comprando a vara de Juiz Ordinario na Villa de Igaracû em Pernambuco, fez hum auto criminal contra este, por lhe haver chamado por voz, como antez de o ver Juiz costumava. Defendia o nosso Jurista ao Reo, e confeçando a culpa, mostrou, que o não héra, comessando as razoenz com este argumento.

Se trataõ a Deos por tû,
E chamaõ a El Rey por vos,
Como chamaremos nos
Ao Juiz de Igaracû?

Tu, e vos, vos, e tu.”. Códice MC, XXX-XXXI.

⁷ TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000. págs. 121-125

⁸ *Summula*, cit. p.53. Sobre esta academia, do tipo “comemorativo, votivo e encomiástico”, pode-se ler em UBIALI, Nelson Atílio. *A Academia Brasílica dos Esquecidos* no contexto do Movimento Academicista Brasileiro. Londrina: UEL, 1999, nas páginas 62 e 66, além de que, naturalmente, no fundamental clássico brasileiro sobre as academias, *O Movimento*

Padre Antonio Pereira, além de outros autores, numa série de textos, como era de se esperar, extremamente convencionais.

O texto em prosa da *Summula* de Sotério/Frei Manuel lembra muito o estilo da *Vida* de Rabelo, o que é natural, considerando que deve ter sido escrita exatamente nos mesmos anos e, possivelmente, nos mesmos locais.

Há de ser levada em conta a hipótese de que Loreto Couto tenha se equivocado, mas também a de que ele, tão próximo do acontecimento e da própria publicação da *Summula* (1753, quando os *Desagravos* são de 1757), tenha eventualmente sabido que, assim como Sotério na verdade era Frei Manuel, um dos autores da Academia, apresentado com outro nome, na verdade era Manuel Rebello Pereira. Ainda assim, não sabemos se este autor era de fato o Rabelo de Gregório, pois parece estranho não haver nenhuma referência de Loreto Couto à *Vida de Gregório*, que em 1757 possivelmente – mas não necessariamente – já devesse ter sido escrita. Enfim, nenhum dado que nos ajude. De qualquer forma, considerando que Gregório morreu no Recife no ano de 1695, não seria impossível que seu biógrafo tivesse sido pernambucano, e nascido em 1717 – vivo ainda em 1757 – se considerarmos que a *Vida*, como se verá adiante, é posterior ao ano de 1717 e anterior ao de 1765.

1.1.2 A Torre do Tombo

Na Torre do Tombo, em Lisboa, há o Índice da Leitura de Bacharéis da Universidade de Coimbra. O nome de Gregório de Mattos aparece no I tomo,

academicista no Brasil, de José Aderaldo CASTELLO, no qual ocupa parte do volume III, tomo 3.

e a leitura aconteceu em 1662, portanto quando Gregório, nascido em 1636, tinha 26 anos. No tomo II, na p.260, constam quatro diferentes Manoel Pereira, que fizeram a leitura respectivamente em 1690, 1716, 1732, 1742. Há ainda um Manoel Pereira Rebello, que fez a leitura em 1686. O índice não relata a procedência dos bacharéis, nem sua data de nascimento, mas de qualquer forma dificilmente o Manoel Pereira Rebello que fez a leitura em 1686 poderia ser o mesmo que escreveu a *Vida* depois de 1732, já que o bacharel nesta altura estaria com quase 80 anos; isto considerando que o texto deixa claro que Rabelo não conheceu Gregório, e que era notavelmente mais novo do que ele. Vejam-se a este respeito os seguintes trechos da *Vida* na versão do códice MC:

Fiz tirar delle a presente copia por hum antigo Pintor, que foi seo familiar, e conferindo-a com az memorias que delle tem algumas pessoas antiguas tenho-a por mui conforme a seo original. Naquelle tempo héra pouco versado o vzo das cabeleyras, e elle a trajava (LXVI).

Deste Moço, que com sua Mây ficou em summa pobreza, e dezamparo, correm noticias muito geraes, que totalmente degeneràra daquella massa scientifica de seos estupendos progenitores. [...] Mas para cumprir com os relativos desta historia consultêy dous sugeitos, que se crearaõ com Gonçalo de Mattos, ambos de instinto capaz para huã informaçãõ, e entre elles achêy a contradiçãõ que pode servir de exemplo, a quem se informa [...] (LXII-LXIII).

Quanto aos demais quatro Manoeis, deveria ser averiguada sua procedência.

Adriano Espínola, de cujo livro se falará em seguida, conseguiu encontrar na Torre do Tombo três documentos nos quais é citado um Manuel Pereira

Rabello⁹. Os documentos, porém, são por ele descartados, no sentido de não serem considerados relativos ao Rabelo autores da *Vida*; em dois, de 1680, resulta que Rabelo estaria então com 11 anos, ou seja, teria nascido em 1669, e, na opinião de Espínola, Rabelo deveria ser contemporâneo de Gregório (aliás, como se verá adiante, Espínola acha que Gregório e Rabelo são a mesma pessoa); o terceiro é descartado, com mais razão, por ser de 1686, relativo a um Manuel Pereira Rebello casado há 25 anos naquela data – logo contemporâneo de Gregório – e morador da vila de Lamego, em Portugal. Este Rabelo, então, deveria ser considerado por Espínola como um provável autor da *Vida*; mas, na cegueira que o leva a querer sobrepor e juntar Gregório e Rabelo, ele o descarta sem maiores explicações. Pelo contrário, consideramos que, por uma série de razões expostas a seguir, Rabelo devia ser notavelmente mais moço do que Gregório, e por isso é preciosa a referência de Espínola aos dois primeiros documentos citados, que infelizmente ainda não puderam ser consultados.

1.1.3 O Arquivo Histórico Ultramarino

Existem no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa três documentos de 1753, nos quais fala-se a respeito de um Manuel Pereira Rabello¹⁰; obviamente nada, porém, atesta que este seja realmente o licenciado.

⁹ ESPÍNOLA, Adriano. *As artes de enganar*. Um estudo das máscaras poéticas e biográfica de Gregório de Mattos. Rio de Janeiro: Topbook, 2000. págs. 249-252 e 401-403.

¹⁰ Cfr. *Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa*, organizado para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por E.de Castro

Consultei os documentos, sendo que na verdade é um único documento em três cópias realizadas em meses diferentes, que infelizmente aparentam não ter relevância, por tratarem de questões relativas à Casa de Fundição do Serro do Frio e ao não pagamento de um tributo (o “quinto”) relativo a algumas barras de ouro. Manoel Pereira Rebello, morador em o Tijuco (antigo nome da cidade de Diamantina), teria levado à Casa de Fundição algumas barras de ouro por conta de Carlos Pereira de Sá (que no terceiro documento consta como Carlos Pereira da Sylva); sobretudo, Manuel Pereira Rabello é citado sem que haja qualquer referência mais específica à sua pessoa. De qualquer forma é curioso notar como em cada uma das três cópias o nome da pessoa apareça com uma diferente grafia: no documento 393 de 23.2.1753, Manoel Pereira Rebello; no documento 420 de 28.2.1753, Manoel Pereyra Rabello; no documento 489 de 9.1.1753, Manoel Pereira Rabelo. Este é o trecho do documento n. 393, de um total de 24 páginas não numeradas, no qual aparece citado o nome de Rabelo:

n. 329. O Intendente, e Fiscal da Casa de Fundição do Serro do Frio abaixo designados: Fazemos saber que Carlos Pereira de Sá por Manoel Pereira Rebello morador em o Tijuco meteo nesta caza de Fundição 4 marcos – 3 onças – 2 outavas, e 36 grãos de ouro de que se tirou de quinto para a Fazenda Real – marco – onça – outava, e grão de ouro, e mais se fundio e dellese fez hua barra que pezou – 4 marcos, 2 onças, e e hua octava, e 12 grãos de ouro de 22 quilates [...]. Aos quatro de Janeiro de mil sete centos sincoenta e dous. Jozê Pinto de Moraes Bacellar, João Teixeira Leitão.

1.1.4 Inocência

Inocência no seu *Dicionário* fala em Rabelo apenas no verbete dedicado a Gregório:

O primeiro que escreveu a vida d'este poeta, e formou colleção dos seus versos, foi o licenciado Manuel Pereira Rebello, seu contemporâneo e admirador. Esta vida é um tecido de aneddotas comicas e chistosas que (como diz outro biographo moderno) de certo farão apparecer um dia no tablado com muito bom exito o nosso poeta¹¹.

Lembremos que Inocência possuía os códices da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 50,56 e 50,61, dos quais o primeiro contém a *Vida* de Rabelo. Já no Suplemento realizado por Brito Aranha há um verbete dedicado a Rabelo, ainda que sem maiores informações sobre o autor, já que se limita a relatar a publicação da *Vida* por Vale Cabral em 1881:

Esta Vida, que se conservou inedita e era trabalho do licenciado Pereira Rebello para anteceder uma edição das obras do poeta, que elle colligira, foi dada à luz por diligencias do sr Valle Cabral, que por isso se serviu de uma copia que possuia o sr.dr. José Antonio Alves de Carvalho, e era do punho do distinto bibliophilo Manuel Ferreira Lagos¹².

Por sua vez, Sacramento Blake só cita o licenciado *en passant* no verbete relativo a Gregório¹³.

¹¹ SILVA, Inocência F.da. *Dicionário bibliográfico português, estudos aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, 22 vols., Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923, Tomo III (1859), p.165.

¹² Id. *Ibid.*, tomo XVI (1893), p.287.

¹³ BLAKE, A.V.A. Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. 7 vols. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902, vol.III pp.189-90.

1.2 Espínola

Deve ser relatada a recente hipótese de Espínola¹⁴, segundo o qual Gregório não teria morrido em 1695, como consta na biografia realizada por Peres¹⁵, ou 1696, como quer parte da tradição¹⁶. Segundo Espínola, Gregório teria sobrevivido até 1713 ou mais, e teria ele próprio escrito a biografia que leva a autoria de Rabelo, autor cuja existência ele teria inventado, num verdadeiro jogo, até muito condizente com o gosto barroco, mas absolutamente inverossímil e que só poderia ser aceito como mera provocação intelectual.

A pesquisa de Espínola, exaustiva e coroada de sucessos – como a descoberta de dois códices gregorianos, de grande importância, na Torre do Tombo¹⁷ – fica debilitada por uma série de ingenuidades e deduções erradas, que exemplificaremos a seguir. No capítulo que trata das *didascálias*, o VI, Espínola justamente ressalta a importância destes pequenos títulos antepostos aos poemas, como numa explicação ou introdução. No delírio que o leva a querer juntar numa mesma pessoa Gregório e Rabelo, porém, insiste em atribuir as didascálias ao próprio Gregório: “segue-se que somente o autor – Gregório de Mattos – é que poderia tê-las escrito”¹⁸. A explicação para isto seria de que “se a didascália explícita para o leitor o contexto ou parte da enunciação do poema, parece claro que só quem participou desse contexto é quem poderia defini-lo, apontando para os detalhes e/ou para as

¹⁴ ESPÍNOLA, cit. *passim* e p. 289.

¹⁵ PERES. *Revisão*, cit. *Passim* e especificamente págs. 97-98.

¹⁶ Como Valle Cabral: CABRAL, Alfredo do Vale. Introdução. *Obras poéticas de Gregório de Mattos Guerra* precedidas pela vida do poeta pelo licenciado Manuel Pereira Rebello. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1882. págs. V-LIII: XX. Também SPINA, Segismundo. *Gregório de Mattos*. São Paulo: Assunção, 1946. Segunda edição: *A poesia de Gregório de Mattos*. São Paulo: Edusp, 1995, na Introdução (págs. 17-88): p.23.

¹⁷ ESPÍNOLA, cit., p. 394-95

¹⁸ Id. *Ibid.*, p.207.

circunstâncias, a partir dos quais o poema foi realizado”¹⁹. E ainda: “Necessitaria [...] para escrever as didascálias, de ter um certo dom de onipresença, para seguir GM tão de perto, a ponto de poder informar detalhes situacionais mínimos, quando não do estado de espírito e das próprias intenções do poeta [...]”²⁰. Ainda: “Outro aspecto indicador do fato de que as didascálias teriam sido realizadas pelo próprio GM reside nas intenções e estados subjetivos, os quais, por própria natureza, se mostram impossíveis de ser expressos por outra pessoa, anos depois”²¹. Ainda,

[...] é nas relações populares [...] que flagramos numerosos exemplos de detalhes situacionais significativos. Tal o caso do poema cuja didascália nos informa: A dona Marta Sobral que, sendo-lhe pedida do poeta uma arroba de carne de uma rês que matara, respondeu que lha fosse tirar do olho do cu. Como uma terceira pessoa saberia de detalhes tão precisos: 1) que o poema é dirigido a dona Martha? 2) que esta matara uma rês; 3) que recebera o pedido de uma arroba de carne; e 4) que mandara o poeta tira-la do olho do cu?²²

E enfim

[...] basta lembrar a relação mantida com a esposa, Maria de Povos. Diversas didascálias dão conta da vida afetiva e doméstica do casal. [...] Como o licenciado teria sabido que GM, “por razão de honestidade”[...] passa a ocultar o nome da esposa, chamando-a sucessivamente de “Silvia”, “Gila”, “Lise”, e “Clóri”?²³

É evidente a extrema e perigosa confusão de Espínola, que parece regressar aos tempos de Araripe Júnior, que escrevia de Gregório que “[...] boêmio, quase louco, sujo, malvestido [...], tocando lundus e decantando poesias obscenas para regalo [...] dos devassos e estúpidos Mecenas da roça que lhe

¹⁹ Id. *ibid.*, p.208.

²⁰ Id. *ibid.*, p.212.

²¹ Id. *ibid.*, p.217.

²² Id. *ibid.*, p.223.

²³ Id. *ibid.*, págs. 232-33.

nutriam a gulodice senil. O fauno de Coimbra [...] degenerava no velho sátiro do mulatame”²⁴.

Ou, pior, se aproxima da prática “crítica” e biográfica de autores como Rossini Tavares de Lima, que, para explicar o gosto de Gregório pelas mulheres negras, escreveu:

Na Bahia, ele [Gregório] gostava das mulatas. Não haverá nesse “leit motif” alguma coisa de extraordinário? Mulheres de preto [as freiras] em Portugal, mulheres pretas no Brasil? Não teria sido esta persistência da cor negra, nos seus amores, um complexo resultante da época da latência? [...] Na sua época, era costume, as negras amamentarem as crianças. [...]. assim sendo [...] somente teve satisfação sexual durante a sua existência quando teve pela frente mulheres pretas ou vestidas de preto. Estas, ele identificava, inconscientemente, à sua ama de leite²⁵.

Espínola não consegue vislumbrar a existência da ficção poética; desconhece, apesar da sua erudição relativa ao barroco, o caráter impessoal e extremamente convencional de boa parte da produção poética de então; cai constantemente no antigo vício dos *autoschediasmi*²⁶, ler e inventar a vida a partir dos poemas, e a partir desta vida inventada interpretar os poemas; ignora a grande quantidade de poemas traduzidos do espanhol presentes no *corpus* gregoriano e ainda assim caracterizados por uma didascália que se esforça de situa-los num (fictício) contexto local²⁷; não enxerga como, no

²⁴ ARARIPE Júnior, T.A. *Gregório de Matos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1910, p.55.

²⁵ LIMA, Rossini Tavares de. *Gregório de Mattos, o Boca do Inferno*. São Paulo: Elo, 1942. p.123.

²⁶ Cf. a nota 4.

²⁷ Baste o exemplo do famosíssimo soneto Discreta, e formosíssima Maria, notoriamente composto através da justaposição habilíssima da tradução de dois sonetos gongorinos – por sua vez fruto também de reelaborações de outros autores, entre os quais Bernardo Tasso – em cuja didascália, à p.507 na edição JA, se lê: Lizongea outra vez impaciente a retenção de sua mesma desgraça, aconselhando a esposa neste regallado soneto. O soneto é uma reformulação do *carpe diem* horaciano. Sobre o assunto, cf. CAMPOS, H.de. Texto e história. in *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976, págs. 13-22; p.16. e GÓNGORA, Luis de. *Sonetos completos*. Edición de Biruté Ciplijauskaitė. Madrid: Castalia, 1985. p.230-232. cf. LA REGINA. Os sonetos de Gregório de Mattos. Fernando da Rocha Peres (org). *Gregório de*

exato contrário do que ele argumenta, grande parte das didascálias seja uma evidente tentativa de inventar uma situação concreta e datável para poemas que não têm ligação com a realidade baiana de então; e enfim demonstra-se tão obcecado pela vontade de demonstrar de qualquer jeito sua teoria – que de fato ele dá como estabelecida: “Reestabelecida a autoria das didascálias ao próprio Gregório de Mattos, segundo a análise empreendida acima.[...]”²⁸ – que parece perder a noção da mais simples absurdidade.

Mattos: o poeta renasce a cada ano. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 139-155. p.141-142

²⁸ ESPÍNOLA. Cit. p.237.

1.3 Gregório *et son double*

É então completamente rejeitável, por ser absurda e sem fundamento, a hipótese de Espínola. Numa narração romanesca, logo nada acadêmica, poderíamos imaginar, quando muito, a existência de um *duplo* gregoriano²⁹: uma espécie de perseguição atuada por Gregório e pela sua imagem na imaginação de Rabelo (na esteira do conto *La Horla* de Maupassant, por exemplo) algumas décadas após sua morte.

Gregório como reflexo do espelho deformado no qual se refletiria a imagem toda convencional e temente a Deus de Rabelo; Gregório como *alter ego* de seu biógrafo (e afinal, não é sempre assim a relação entre biógrafo e biografado?); Gregório, enfim, como sombra perdida de seu autor, e mais ainda, como sombra desgarrada do seu dono que acaba carregando consigo toda a identidade e até a consistência corpórea do próprio Rabelo.

Este duplo não seria *avant la lettre*, já que a grande fortuna do duplo começa na época romântica³⁰, mas o tema e, aliás, o *topos* do duplo estão presentes na literatura desde a antiguidade clássica. Nele convergiam o mito de Narciso, tratado por Ovídio nas suas *Metamorfoses* – explorando assim o irresistível fascínio do espelho, tão apreciado pelos romanos – e o fecundo artifício, utilizado sobretudo nas comédias, da troca de identidades (penso aqui, por exemplo, nas comédias de Plauto³¹). Desde o início, e não só no

²⁹ Sobre a questão do duplo, fundamentais, obviamente, Otto RANK. *Il doppio*. Il significato del sosia nella letteratura e nel folklore (1914). Traduzione di Maria Grazia Cocconi Poli. Milano: SugarCo Edizioni, s/d, e FREUD, Sigmund. Il perturbante (Das Unheimliche). *Psicanalisi dell'arte e della letteratura*. Traduzione di Celso Balducci. Roma: Newton Compton, 1997. p.147-178.

³⁰ A *história maravilhosa de Peter Schlemihl*, de Chamisso, é de 1814; *Os elixires do diabo*, de Hoffmann, de 1813.

³¹ A famosíssima *Amphitruo* e a também conhecida *Menaechmi*.

folclore, o duplo tem sido associado à idéia de morte³²: a imagem do duplo e a sua poderosíssima carga simbólica têm se entrelaçado estreitamente com a da sombra, por um lado, da imagem refletida no espelho (ou na água, como é o caso de Narciso), pelo outro. Sempre vinculado à visão, o tema aparece também relacionado com os olhos e mais adiante com os óculos³³ e o binóculo³⁴; mas em todos os casos, como se dizia acima, a imagem é mensageira de morte. E, de fato, o destino do duplo “sfocia quasi inevitabilmente nell’eliminazione di una delle due metà, nell’omicidio-suicidio, come se l’identità sdoppiata non potesse sussistere a lungo”³⁵.

³² RANK. *Il doppio*. cit. Cf especialmente o cap.4.

³³ A respeito dos óculos, impossível não lembrar, ainda que *en passant*, os óculos que Rabelo atribui a Gregório (“Com tam bizarra cõfiança interpunha os oculos[...]”, *Vida do Doutor Gregório de Mattos Guerra Escrita pelo Lecenciado Manoel Pereyra Rabello*. Códice BNRJ 50,56. p.77. Sempre sobre este assunto, deve ser ressaltado que toda a iconografia relativa a Francisco de Quevedo o retrata usando óculos. Mais um testemunho, então, do fato de que Rabelo na maioria dos casos fez uma saborosa assemblagem de *topoi* relativos aos escritores de então.

³⁴ Penso aqui especificamente na novela *Der Sandmann* de E.T.A Hoffmann, citada *passim* por Otto Rank e sobretudo por Freud, no ensaio citado, nas págs 155-162.

³⁵ FUSILLO, Massimo. *L’altro e lo stesso*. Firenze: La Nuova Italia, 1998, p.25.

1.4 Um autor imaterial

Resumindo, nada sabemos de Rabelo. Não sabemos se foi português ou brasileiro; se brasileiro, baiano, pernambucano ou de outra procedência; quando nasceu, quando morreu, quando escreveu a *Vida*. Podemos deduzir, porém, que era um homem culto, porque a *Vida* segue o modelo da biografia clássica, como veremos adiante. Culto, também, porque conheceu a Antigüidade grega, ainda que de forma anedótica: cf. por exemplo em MC, XVII a referência a Bupalos, que subentende um paralelismo, de fato procedente, Hiponactes/Gregório³⁶. Foi culto, também, porque nas três versões da *Vida* que fazem menção de seu nome – BNRJ50,56, BPE587 e L15-2^a – ele é chamado de, ou chama-se de, *licenciado*: “Escrita pelo Licenciado Manoel Pereyra Rabelo”³⁷. No Bluteau, em 1717, temos

Licenciado (termo da universidade). Aquelle que no acto de licenciatura tem recebido algũa faculdade ou grao para poder ensinar, como approved nella, e assim a quem conseguiu o titulo de licenciado, lhe não fica mais que tomar as insignias de Doutor. O mesmo nome licenciado o está dizendo, que val o mesmo que receber licença para receber o tal grao, e insignias de Doutor. Hũs por pobreza, outros por ponto de honra, não passam de licenciados, e não chegão a receber as insignias de Doutor. Licenciado em alguma faculdade. Doctor in aliqua facultate designatus. De

³⁶ Cf. o fragmento 121, que diz “Peguem minha capa / que eu quero bater no olho de Bupalos” <http://www.biblio-net.com/lett_cla/ipponatte.htm. Lembremos que Horácio também fala em Bupalos, no Epodo VI, mas aparentemente sem justificar a referência de Rabelo:

“[...]Cave, cave, namque in malos asperrimus

parata tollo cornua,

qualis Lycambae spretus infido gener

aut acer hostis Bupalos.

An si quis atro dente me petiverit,

inultus ut flebo puer?”

“Cuidado, cuidado, pois levanto meus cornos prontos contra os malvados, como o genro desprezado contra o súbdoło Licambe ou o cruel inimigo contra Bupalos. Ou por acaso, se alguém me morder, deverei chorar como uma criança indefesa?”

<<http://www.hhhh.org/perseant/libellus/texts/horatius/epodes.html>>

³⁷ Ironicamente, como veremos, este também é um *topos*!

ordinario se diz Licenciatus (Licenciado em artes. Estatut da Univ 226)³⁸.

Portanto, Rabelo deveria realmente ter cursado a faculdade, porque, onde seu nome é citado, o é tendo o *epitheton ornans* de licenciado.

De uma forma geral, o licenciado passou sem deixar rastros de sua existência concreta, e, mais ainda do que no caso de seu biografado, só lhe resta a corporeidade por assim dizer virtual doada pela permanência de sua obra. Autor imaterial e insubstancial, ficção biográfica ele próprio, surgiu do nada, mergulha de volta para o nada e, de certa forma, constitui para o estudioso o autor perfeito. Assim como, no caso de Gregório, a invenção biográfica tem constantemente contaminado a leitura do texto – criando intertextos ficcionais outros – para Rabelo, de forma especular, a inconsistência do autor possibilita uma leitura quase que totalmente livre de ruídos, uma fruição do texto em que, ao gosto estruturalista, a corporeidade e a individualidade autorais não se sobrepõem à escrita – como escreveu Todorov, “deixo de parte... os estudos sobre a biografia do autor por não literários”³⁹ – ou também, numa perspectiva de estética da recepção, o ênfase maior é dado justamente ao leitor e à sua fruição e recriação do texto.

³⁸ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a Elrey de Portugal, D. João V pelo Padre Raphael Bluteau, clérigo regular doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa*. 10 vols. Coimbra, no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno 1712-1728. V, p.110.

³⁹ TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971. p.11.

2 O TEXTO E OS CÓDICES

2.1 Relação dos códices

A *Vida* de Rabelo hoje não pode mais, evidentemente, ser pacífica e ingenuamente aceita como biografia verídica, mas deve ser enquadrada num contexto histórico-literário específico no qual possa reencontrar sua dignidade de pequena obra saborosamente setecentista. Para tanto, a primeira tarefa é a de analisar os códices gregorianos que contêm a obra. Além do mais, é da maior importância o fato de a própria *Vida* poder ser de grande auxílio no que diz respeito não só à datação dos códices gregorianos como um todo, como também, e principalmente, ao estabelecimento das relações entre os códices, ou seja, propriamente, ao *stemma codicum* – por mais que, como se verá adiante, esta tarefa possivelmente seja, de fato, utópica.

O *corpus* de Gregório de Mattos encontra-se espalhado em numerosos códices, todos apógrafos: são conhecidos 23 códices apógrafos setecentistas em 38 volumes, 2 códices copiados no século XIX e várias cópias do século XX; isto sem levar em conta várias miscelâneas, algumas das quais contêm numerosos poemas atribuídos a Gregório¹, os numerosos códices do tipo cancionero que contêm uma ou outra composição de Gregório².

¹ É o caso dos manuscritos TT27, da Torre do Tombo, 353, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, LC 168, da Library of Congress de Washington, todos relacionados por Francisco Topa (veja a nota a seguir).

² Para a lista completa dos códices de Gregório (excluindo os do tipo cancionero) remeto ao que escrevi em Os códices de Gregório de Mattos, cit Sobre os códices de Gregório, ver também PERES. Gregório de Mattos: os códices em Portugal. *Revista Brasileira de Cultura*, 9, 1971, págs. 105-114; MANFIO, Diléa Zanotto. Manuscritos de Gregório de Mattos no Exterior. Fernando da Rocha Peres (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 35-44. Sucessivamente foi publicado o estudo de TOPA, Francisco. *O mapa do labirinto*. Inventário testemunhal da poesia atribuída a Gregório de Mattos. 2 vols. Rio de Janeiro: Imago/Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, 2001, extremamente

Até o presente momento, são conhecidos oito diferentes códices manuscritos que transcrevem a *Vida*, sempre anteposta às obras atribuídas a Gregório de Mattos. Destes códices, 7 são do século XVIII e um é do século XIX (o BNRJ 50,57).

Segue abaixo uma relação dos códices gregorianos – freqüentemente em mais volumes, todos citados - que contêm a *Vida* de Rabelo; os volumes que de fato contêm a biografia estão sublinhados. A lista é dividida por país e, dentro de cada país, por biblioteca.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)

BNRJ 50,56 *Vida, e morte do Doutor Gregorio de Mattos Guerra. I tomo. De obras Sacras, e Divinas. I e II PART.* XVIII século. Em duas cores, títulos iniciais e desenhos em vermelho. 200x150 mm. 214 páginas numeradas.

As páginas 172-214 contêm poemas religiosos atribuídos pelo copista inicialmente a Gregório, e numa anotação posterior (da mesma mão) a Eusébio de Mattos, irmão de Gregório. No catálogo da BNRJ, *Pergaminhos iluminados e documentos preciosos*, consta no n. 111. No começo (1-57) “Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra. Escrita pelo Lecenciado Manoel Pereyra Rabello”. No final, declarações e assinatura e sucessivos donos do códice no século XVIII e XIX: Izidoro Francisco Lisboa, Antônio da Rocha Pitta e o nome não legível de uma pessoa que o adquiriu em Lisboa em 1835. A mesma pessoa acrescentou no final uma página pouco clara de anotações sobre compras feitas em Lisboa, aparentemente de sacos de carvão. Da Col.Teresa Cristina Maria. Escrito na grafia de V/alle/C/abral: "Pertence a Sua Magestade o Imperador". Afrânio Peixoto o chama *Códice Inocência-Pedro II I*; James Amado, *Códice Imperador* (H). Amado supõe, aceitando a opinião de Afrânio Peixoto, que este códice e o **BNRJ50,57A** provenham da biblioteca de Inocência Francisco da Silva, o autor do *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, adquiridos após a morte do estudioso.

BNRJ50,57 (sem folha de rosto). Segunda metade do XIX século. Caderno de folhas pautadas. 374 pp., sem índice. 27 x 19 cm. Bibl.Nac. I-3.1 - n.º44 e cod. DCCLXIII/25-67. Col.Carvalho, *Cat. Exp. Hist. do Brasil* n.15674.

Anotações a lápis de Valle Cabral. Começa com uma *Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra* (p.1-42). A *Vida* ocupa as primeiras 42 páginas; as outras, numeradas de 43 a 374, contêm poemas de Gregório de Mattos. Este códice foi examinado por Afrânio Peixoto, que o denominou *Códice Valle Cabral*; por James Amado, que o define o *Códice Carvalho* (T). Segundo Brito Aranha, que segue as informações de Valle Cabral³, este manuscrito foi de propriedade de José Antônio Alves de Carvalho, e foi copiado pelo bibliófilo Manuel Ferreira Lagos⁴. O interessante é que Valle Cabral diz ter havido um segundo volume de 47 páginas numeradas, evidentemente perdido. Isto explicaria a diferença que ocorre entre MC e 50,57: de fato, até a p.316 do códice MC e a 359 do códice 50,57, quase não há diferenças, levando a crer que este último seja um mero *codex descriptus* do MC, com apenas algumas pequenas contaminações; no final, porém, a identidade cessa, porque em 50,57 faltam alguns poemas presentes em MC, seguindo este esquema:

MC	Pag.	50,57	Pag.
Que tem oz menstros comigo?	311-16	Que tem os menstros comigo?	354-59
Quem hâver pode que soffra,	316-18		
Ao pasto de Santo Antonio	318-21		
Tenho amargas saudades	321-26		
Eu Pedro Cabra da India,	327-34	Eu Pedro Cabra da India,	359-66
Senhora Cota Vieira	335-38	Senhora Cota Vieira	367-70
Achei Anica na fonte	338-41		
Se me deixaes pelo jogo,	341-43		
Fui Betica, a vossa caza	344-46		
Brites, aquella cachopa	347-49		
Mandaes-me, Senhorez, hoje,	349-58		

³ CABRAL. Introdução. Cit. Págs.VII-VIII.

⁴ *Dicionário Bibliographico Portuguez*. Estudos de Inocêncio Francisco da Silva, aplicáveis a Portugal e ao Brasil, continuados e ampliados por Brito Aranha. Tomo Décimo Sexto (nono do Supplemento). Lisboa: Imprensa Nacional, 1893. p.287.

Se sois homem valerozo	359-63	Se sois homem valerozo	370-74
Ouve, o' Amigo Joam	364-80		

Sabendo, porém, que havia um segundo volume de 47 páginas, pode-se pensar que os poemas que faltam tenham confluído neste, mantendo-se assim a identidade entre MC e 50,57. Como se verá adiante, as versões da *Vida* de Rabelo de MC e de 50,57 também são idênticas entre si, e apresentam variantes disjuntivas que as diferenciam de todas as demais.

BNRJ50,57A *Doutor Gregorio de Mattos Guerra*. Segundo volume do **BNRJ50,56**. Em duas cores. Títulos em vermelho. Iniciais freqüentemente desenhadas. 363 pp. e 9 de índice (no final). 203x152 mm. Adquirido pela B.N. nel 1939. Reg. B.N.S., mas.39/1948. *Cat. Exp. Pergaminhos Iluminados e Docs. Preciosos n.º112*.

Amado relata ter lido uma anotação do proprietário: "Do Cappitam Mór Jozê Rodrigues LIMA", que, porém, não consta do microfilme. Para James Amado é o "códice Capitão Mor" (J)

BNRJ50,59 *Vida do grande poeta americano Gregorio de Mattos e Guerra*. Grafia do XVIII século. 454 páginas e índice de 9 páginas. 204 x 145 mm.

Antes do texto poético, há a *Vida* de Rabelo, que ocupa as págs.1-84. Este volume pertenceu a Afrânio Peixoto, que o doou à Biblioteca Nacional em 1933. É o primeiro de dois volumes que chegaram à Biblioteca Nacional por vias diversas. *Cat.Exp.Pergaminhos e Docs.Preciosos n.117, vol.I*. Afrânio Peixoto o chama de "Códice1", e para James Amado é o códice "Afrânio Peixoto 1" (D)

BMRJ50,59A *Poesias*. Século XVIII. 204x135 mm. 370 páginas (na numeração do códice, errada, 388) numeradas recto e verso; 5 páginas de Índice das obras, posposto aos poemas. *Cat.Exp.Pergaminhos e Docs.Preciosos* n.117, vol.II.

É o segundo volume do códice anterior, copiado pela mesma mão. Interessante como o primeiro poema do códice seja “Um reino de tal valor”, que no códice AC consta como sendo de Tomás Pinto Brandão, composta em 1713; infelizmente no 50,59A não é possível ler o título do poema, de cujas primeiras páginas, aliás, sobraram só palavras esparsas. O códice não está em boas condições e as primeiras páginas estão praticamente ilegíveis. Afrânio Peixoto não o consultou; Amado o chama *Códice n.59* (F).

BNRJ50,61 *As obras poéticas do D^{or} Gregorio de Mattos Guerra Divididas em 4 tomos Em que se contem as obras sacras, jocosarias, e satiricas, que a brevidade não permittio separar. Tomo 2^o Bahia anno de 1775*. 204x147 mm. 456 páginas (228 folhas r e v), sem índice. Col. Thereza Cristina Maria. *Cat. Exp. Pergaminhos Iluminados e Docs. Preciosos* n.118.

Da p.113 a p.126, poemas atribuídos pelo copista a Eusébio de Mattos. É um dos pouquíssimos códices datados. Anotação a lápis: "Pertence a S. Mag^e. o Imperador, V C [Valle Cabral]". Adquirido pela Biblioteca no final do século XIX. Peixoto se refere a este códice como *Códice Inocênciao-Pedro II*, 2; Amado o chama *Códice Imperador II* (I). É o segundo volume do códice **MC**.

Salvador – biblioteca privada

MC. *As obras poéticas do D^{or} Gregorio de Mattos Guerra Divididas em 4 tomos Em que se contem as obras satiricas, que a brevidade não permittio separar. Tomo 1^o*

Bahia anno de 1775. Começa com 62 páginas não numeradas da *Vida* de Rabelo; seguem 380 páginas de textos poéticos e índices. 20,4 x 14,7 cm.

Códice de uma bibliófila, encontrado há poucos anos numa livraria antiquária. O códice integra o grupo de quatro volumes ao qual pertence também o **BNRJ50,61**; juntamente com os da Torre do Tombo, são os únicos dos quais se pode afirmar que foram copiados em Salvador, como se lê na folha de rosto. Pedro Calmon, em *A vida espantosa de Gregório de Matos*, se refere a “Códices dados na Bahia pelo Visconde do Rio Vermelho a Inácio Accioli”, e na nota fala em códices compilados na Bahia em 1775: necessariamente devem ser **MC, BNRJ50,61**, e os outros dois volumes que completavam o códice⁵. A informação dada por Pedro Calmon integra a de Valle Cabral, que, um século antes, em sua introdução escreve: “Francisco de Paula Brito também teve em seu poder dois volumes in-4º [...]. Estes dois volumes pertenceram ao Visconde do Rio Vermelho, que os deu na Bahia a Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva”⁶.

Biblioteca do Itamarati -- Rio de Janeiro

BI-L 15 – 2 Códice em quatro volumes de 20,5 cm x 12,8.

a) *Obras sacras, e Moraes do Doutor Gregorio de Mattos Guerra Natural q^ foy da cidade da Bahia de Todos os Sanctos, capital da Bahia de Todos os Sanctos, capital dos Estados do Brazil. Tomo 1º das suas composições Metricas Em q~ no princípio*

⁵ CALMON, Pedro. *A vida espantosa de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: José Olympio / Brasília: INL, 1983. p.212 e 218.

⁶ CABRAL. Introdução, cit. p.X.

se inclûe a sua vida escrita por hû Am.^{te} da sua memoria: e depois apurada melhor por outro curiozo Engenho. Volume encadernado em couro. *Ex libris* da Biblioteca Varnhagen.

Antes dos textos poéticos, uma "Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.^{el} Pereyra Rabelo E mais apurada despois por outro Engenho". 141 páginas não numeradas de *Vida*. Em seguida, as *Obras Sacras e Morais* em 269 páginas e 7 de índices. Mão muito clara, códice limpo. Para James Amado é o códice Varnhagen 1 (O).

b) Obras profanas do Doutor Gregorio de Mattos Guerra Natural q[^] foy da Bahia de Todos os Sanctos, Capital dos Estados da America Portugueza. Tomo 2^o das suas composições métricas Escriptas, e destribuidas aqui pella ordem, e divizão dos Metros. Volume encadernado em couro. *Ex libris* da Biblioteca Varnhagen. 457 páginas e 15 de índices.

Para James Amado é o códice Varnhagen 2 (P). No final do códice foram acrescentadas duas páginas de dimensões maiores, nas quais há, escrita por outra mão, em grafia confusa, uma "Lyra: Salve, Pater Apollo".

c) Obras Profanas do Doutor Gregorio de Mattos Guerra natural, q[^] foi da cidade da Bahia de Todos os Sanctos, Capital dos Estados da América Portuguesa. Tomo 3^o das suas composições métricas copiadas, e destribuïdas aquí pella devizam dos metros. Volume encadernado em couro. *Ex libris* da Biblioteca Varnhagen. 484 páginas e 13 de índices.

Para James Amado é o códice Varnhagen 3 (Q)

d) *Obras profanas do Doutor Gregorio de Mattos Guerra Natural que foy da Bahia de Todos os Sanctos, Capital dos Estados da America Portugueza. Tomo 4º das suas composições métricas Escriptas, e destribuídas aqui pella ordem Devizão, ou separação dos Metroz.*

Volume encadernado em couro. *Ex libris* da Biblioteca Varnhagen. 376 páginas, e 5 de índice.

Para James Amado é o códice Varnhagen 4 (R).

Biblioteca da UFRJ – Rio de Janeiro

AC Códice originariamente em quatro volumes, de propriedade da família do prof. Celso Cunha, a quem foi doado por Eugenio Asencio em 1962.

Os poemas estão divididos por assunto. Este códice constitui a base da edição de James Amado – que acredita que tenha sido redigido materialmente por Rabelo, sem ter, contudo, nenhuma evidência que comprove esta afirmação – e pode ser denominado Asencio-Cunha, ou AC.

a) *Mattos da Bahia 1º. tomo que contem a vida do Dor. Gregório de Mattos Guerra. Poesias Sacras e obsequiozas a Príncipes, Prelados, Personagens, e outros de distinção com a mescla de algumas satyras aos mesmos.* 43 páginas não numeradas de *Vida* e 485 páginas de textos poéticos, índice dos títulos e dos primeiros versos.

Inclui as "Obras do Pe. Euzebio de Mattos A Payxão de Christo, S.N. Instituição do Diviníssimo Sacramento". Inicia com a *Vida* de Rabelo. James Amado chama este códice "códice Licenciado" 1 (U)

b) *Mattos da Bahia 2º Tomo Que contem várias poezias à Clérigos, Frades, e Freyras e algumas obras discretas e tristes.* 414 páginas, índice dos títulos e dos primeiros versos.

Na pag. 390: "Estas obras supposto andem em nome do Poeta com tudo não são suas: porque esta he de João de Brito Lima, e as mais seguintes de Thomaz Pinto Brandão, e por esta causa vão fora do seu lugar". James Amado chama este códice "códice Licenciado" 2 (V)

c) *Matos da Bahia 3º Tomo Que contem poezias judiciais, correções, de picaros, e desenvolturas do Poeta.* 530 páginas, índice dos títulos e dos primeiros versos.

James Amado chama este códice "códice Licenciado" 3 (X)

d) *Mattos da Bahia 4º Tomo. Poezias amorosas, respeytando as qualidades e proseguindo com as Damas de menos conta, e incertas com alguns assuntos soltos, e deshonestos.* 470 páginas, índice dos títulos e dos primeiros versos.

Na p.470 começa uma seção "Maximas e sentenças de vida beata, urbana, e politica com outras da galantaria, que pertencem aos dous amores Cupido, e Antheros extrahidas de varias poezias do Doutor Gregorio de Mattos", de 30 páginas. James Amado chama este códice de "códice Licenciado" 4 (Y). Este volume não integra mais a biblioteca e seu paradeiro é desconhecido.

Biblioteca Pública de Évora

BPE303 (Manizola). Sem folha de rosto; na lombada: *Obras poeticas*. Códice do “Núcleo Cimeiário da Biblioteca da Manizola à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora”, no n. 303 dos manuscritos. 342 folhas r e v. Páginas não numeradas. 20,5 (encadernação), 20 (folhas) x 14,5 cm.

Da p. 1r a 44 r: *Vida do Excelente poeta lyrico o Doutor Gregorio de Mattos Guerra*. Seguem três páginas brancas e depois *Poezias Sacras do Doutor Gregorio de Mattos Guerra* na p. 48r. Compreende poemas religiosos, mas também encomiásticos e satíricos. Termina com “Triste Bahia! oh quam dessemelhante” na p. 342 v. Sem índice.

BPE587 (Manizola). *Obras Sacras do Dr. Gregorio de Mattos Guerra precedidas da sua vida e morte por Manoel Pereira Rebello*. Códice do Inventário de cedência e entrega do Núcleo Cimeiário da Biblioteca da Manizola à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, sob o nº 587 da II Parte dos Manuscritos. 211 páginas numeradas e 9 de índices.

Nas páginas 1-58 a “Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escrita pelo Lecenciado Manoel Pereira Rabelo”. Na página seguinte “Obras Deste Primeiro tomo Sacras Do Doutor Gregorio de Matos, e Guerra A varios assumptos em que louva a Deos, e a seus santos, como se verá. Anno de 1765”. Na página 61 começam os poemas com “O alegre do dia entristecido”. 20,6 x 15,3 cm.

Torre do Tombo - Lisboa

TT NVII/10 *As Obras Poéticas do Dor. Gregório de Mattos Guerra – Divididas em quatro tomos – Em que se contem as Obras Sacras, Jocosas, e Satíricas, que a brevidade não permittio separar.* Tomo 3º. Bahia, anno de 1775. 266 fls não numerados e sem índice. Arquivo da Casa da Fronteira e Alorna agregado ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa. Cota; ref. 45/46 NVII/10

TT NVII/11 *As Obras Poéticas do Dor. Gregório de Mattos Guerra – Divididas em quatro tomos – Em que se contem as Obras Sacras, Jocosas, e Satíricas, que a brevidade não permittio separar.* Tomo 4º. Bahia, anno de 1775. 587 páginas numeradas e 34 de índice dividido por metro. Arquivo da Casa da Fronteira e Alorna agregado ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa. Cota; ref. 45/46 NVII/11.

Estes dois volumes⁷ completam um grupo de quatro, juntamente com o **MC** e o **BNRJ50,61**. O **TT NVII/11** apresenta um erro na numeração das páginas, que passam de 143 a 444, no meio da glosa de *De dous FF se compõem*: o poema, porém, prossegue normalmente, sem aparentar falta de páginas.

Resumindo, estes são os volumes dos códices citados nos quais se encontra a *Vida* de Rabelo:

- **Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 50,56** (*Vida, e morte do Doutor Gregorio de Mattos Guerra*) 57 páginas.
- **BNRJ50,57** (*Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra*). 42 páginas
- **BNRJ50,59** (*Vida do grande poeta americano Gregorio de Mattos e Guerra*). 79 páginas.
- **UFRJ Asensio-Cunha1** (*Vida do excelente poeta lirico, o doutor Gregorio de Matos Guerra*). 43 páginas.
- **Biblioteca do Itamaraty L 15-2a** (*Vida, e morte do Doutor Gregório de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.el Pereyra Rabelo E mais apurada depois por outro Engenho*). 141 páginas.
- **Biblioteca Pública de Évora 303 (Manizola)**(*Vida do Excelente poeta lirico o Doutor Gregorio de Mattos Guerra*) 44 folhas = 87 páginas.
- **Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora 587 (Manizola)** (*Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escrita Pelo Lecenciado Manoel Pereira Rabelo*). 58 páginas.
- **MC** (*Vida Do Doutor Gregorio de Mattos Guerra*) (este códice é inédito e conservado numa biblioteca particular em Salvador). 62 páginas.

Três destas versões da *Vida* nunca foram estudadas: as dos códices MC, BPE303 e BPE587; destas, MC e BPE303 também nunca foram relatadas antes, MC por ser

⁷ Encontrei a primeira referência a estes dois volumes em ESPÍNOLA, cit. p.326.

códice completamente inédito e desconhecido dos estudiosos, enquanto a do códice 303 de Évora não foi citada por nenhum dos estudos consultados, apesar de o códice já ser conhecido e estar relacionado entre os gregorianos.

2.2 Datação da *Vida*

2.2.1 *Vida e Morte de Tomás Pinto Brandão*

Numa relação mútua, a composição e a organização dos códices gregorianos ajudam a datar a *Vida* e a presença da *Vida*, como neste caso, ajuda a datar os códices, porque o *terminus post quem* da obra é, na minha avaliação, 1717, data de composição de um manuscrito que contém poemas do autor português Tomás Pinto Brandão (1664-1743)⁸; isto porque Rabelo cita um trecho da *Vida e Morte de Tomás Pinto Brandão, escrita por ele mesmo semivivo*, no qual o poeta se refere à sua viagem rumo ao Brasil em companhia de Gregório:

[...] afirmarêy que o Doutor Gregorio de Mattos cahio da graça do Soberano a persuaçã de algum prejudicado em suas satyras, sem que atrevida, ou temerozamente recuzace mercêz. Thomas Pinto Brandaõ em hum resumo, que fas da sua mesma vida dîz, que viêra ao Brazil na companhia delle, que se retirava descontente de lhe negarem aquillo mesmo, com que rogavaõ a outroz, e isto por ser Poeta, e Jurista famoso.

Procurei hirme chegando
a hum Bacharel mazombo,
que estava para a Bahia
despachado, e desgostozo.
De lhe naõ darem aquillo,
com que rogavaõ a outros,
pello crime de Poêta,

⁸ Sobre este autor, cuja obra mais conhecida é o *Pinto Renascido* cf. PALMA-FERREIRA, João. Prefácio. In BRANDÃO, Tomás Pinto. *Este é o bom governo de Portugal*. Prefácio, leitura de textos e notas por João Palma-Ferreira. Lisboa: Europa América, 1976. p.5-18. Palma-Ferreira, porém, não consultou os manuscritos de Pinto Brandão, que não relaciona, mas somente as edições impressas. Sobre Pinto Brandão, ver também PERES, Fernando da Rocha. O Pinto novamente renascido. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. N.8/9, janeiro/agosto 1971. Págs. 215-249. Como é sabido, Pinto Brandão aparece como personagem no *Memorial do Convento*, de José Saramago (*passim*).

sobre Jurista famoso.

Daqui infiro, que invejas de huã, e indignaçõens de outra prenda ocasionaraõ, que o Doutor /XVI/ Gregorio de Mattos se retirasse desgostozo para a Patria daquellas injustiças que de ordinario padecem na Corte os benemeritos. E com elle mezmo provarei o que digo, que hê Autor sem suspeita, escrevendo humas decimas, a D.Joaõ de Alencastre⁹.

A citação de Rabelo não alcança o nome de Gregório, que consta no trecho de Pinto Brandão, assim como o ano do *despacho*; de qualquer forma no volume de Palma-Ferreira, que se baseia na edição da *Vida e Morte ...* impressa em 1779, o texto apresenta algumas leves diferenças:

Busquei a sociedade
 De um tal bacharel Mazombo,
 Que estava para a Baía
 Despachado e desgostoso
 De lhe não darem aquilo
 Com que rogavam a outros,
 Pelo crime de Poeta,
 Sobre jurista famoso.
 Era Gregório de Matos,
 Que também lhe foi forçoso
 Fugir do Norte às correntes
 E buscar do Sul os Golfos.
 Seriam mil e seiscentos
 E oitenta e hum, quando fomos
 Desta Barra do Bugio
 Buscar aquela dos monos.¹⁰

⁹ Cito do códice MC, xv. Este trecho não apresenta variantes e repete-se idêntico em todas as versões da *Vida*.

¹⁰ BRANDÃO. Ed. PALMA-FERREIRA, cit. p.29. Sobre a Vida e morte... de Pinto Brandão, ver também PERES, Fernando da Rocha. De novo o Pinto Renascido. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. N.30, maio/agosto 1982. Págs. 49-58. Peres cita um longo trecho do

Consultei o códice manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa BNL8589¹¹ e descobri outras diferenças, umas das quais notável:

/337/ [...]

Procurei logo achegarme
 A hû Baxarel Mazombo,
 Que estava para a Bahia
 Despachado, e desgostozo,
 De lhe não darem aquilo
 Com que rogavam a outros
 Por ser galante Poeta
 Sobre Jurista famoso.
 Era Gregorio de Mattos
 Que tambem lhe foi forsozo
 Fugir do Norte ás correntes,
 E buscar do Sul os Golfos.
 Seriam mil e seis centos
 E oitenta e hum, quando fomos
 Desta Barra dos Bugios
/338/ Buscar aquela dos Monos.

Aqui pela primeira vez não se fala em “crime” e sim de um “galante Poeta”.

Este manuscrito é de 1776, mas foi copiado de um manuscrito de 1717; nas duas folhas de rosto se lê:

poema de Pinto Brandão, incluindo aquele aqui reproduzido, tirando-o de um códice da Biblioteca Pública Municipal do Porto, o n.41 F.A.

¹¹ Sob o título de “Vida e Morte de Thomaz Pinto Brandaõ, em forma de dialogo falando com sigo proprio Escripto por elle mesmo semivivo e oferecida ao Serenissimo Senhor Dom Antonio Infante de Portugal”, o texto começa à p.317 do códice e vai até a p.406. Na p. 318 uma anotação diz: “NB A compozição desta obra, teve por motivo, ter o Autor descachido, e achar-se fora da grassa do dito Infante, seu favorecedor”.

Obras poeticas
 Das que deixou manuscriptas
 Thomaz Pinto Brandaõ
 Divididas em quatro tomos

[...] 1º tomo [...]
 por Antonio Correia Vianna
 Lisboa 1776

e

Verdades Pobres
 Ditas em
 Portugal, e nos Algarves, daquem, e dalem,
 America, Africa, e Ethiopia A

1ª parte
 offerecida
 a Magestade de El Rey
 Dom Joaõ – o 5º
 Novo Senhor
 Descriptas pelo m^{to} pobre, e m^{to} verdadeiro
 Thomaz Pinto Brandaõ
 Lisboa Occidental, Anno de 1717

Evidentemente, Rabelo deve ter tido acesso a algum manuscrito da *Vida e Morte...* de Pinto Brandão, cuja publicação só ocorreu em 1781, numa miscelânea (descrita por Inocêncio em seu dicionário) intitulada *Miscelânea Curiosa e proveitosa ou compilação tirada das melhores obras das nações estrangeiras: traduzida e ordenada por C.I.*, publicação em sete tomos feita entre 1779 e 1785 pela Tipografia Rollandiana¹²; isto considerando que um dos códices de Évora, o BPE587, tem a data de 1765 e o MC de 1775.

¹² Inocêncio relata a publicação no VI volume do seu *Dicionário*, na p.254. SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. 20 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859-1893. A *Vida e Morte* foi publicada no III volume da *Miscelânea*, nas págs. 240-278. Encontrei ambas as informações *apud* o citado prefácio de PALMA-FERREIRA, p.8. Pedro Calmon também cita a *Miscelânea*: CALMON, Pedro. *A vida espantosa de Gregório de Matos* (1983). cit. Págs. 54-57.

2.2.2 Diferentes datas citadas na *Vida*

Uma data que não aparece em todos os códices, é 1740:

Naõ poderá negar-me a razam que choro, quem sabe, *que* no anno de 1740 /**XLV**/ mandou o Provincial de S.Francizco conduzir do Porto huma chusma de pobretoenz em desprezo dos pacientissimos Naturaes da Terra, para adorno da Sua Religiaõ, e nunca o Demonio acertou com esta deztreza para combater o animo de Job. (MC, p.XLIV-XLV).

A este respeito, há duas versões distintas entre as variantes da *Vida*: os códices MC, BNRJ50,57, AC1, Évora 303 citam a data de 1740. BNRJ50,56, BNRJ50,59, L 15-2A, BPE 587 não. Aliás, AC1 e BPE 303 citam também a data de 1743:

Naõ poderá negar-me a razão, que choro quem sabe, *que* no anno d' 1740 mandou o Provencial de S.Francisco conduzir do Porto patria sua huma chusma de pobretoens à custa da ralegião em desprezo dos pacientissimos Naturais da Terra, para adorno da /**32v**/ sua relegião: e no anno de 43 mandou outro Provencial da mesma parcealidade conduzir outros tantos, e tudo à custa da relegião. (BPE 303, 32r-32v)

Pode se supor que estes códices que não citam a data sejam mais antigos, o que seria deduzível também pelo estudo da letra dos vários copistas. Isto significaria então que houve de fato alterações sucessivas à redação de Rabelo, como pode ser confirmado pelo título da biografia contida em L 15-2a: *Vida, e morte do Doutor Gregório de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.el Pereyra Rabelo E mais apurada depois por outro Engenho.*

Há, também, uma outra diferença entre as diversas versões, e que divide os códices em dois blocos distintos, em duas linhas de tradição:

1. a tradição pela qual Gregório nasceu em 1633 (BNRJ50,56, BNRJ50,59, AC1, L15-2A, Évora 303, Évora 587);

2. a tradição pela qual Gregório nasceu em 1623 (MC, BNRJ50,57), que na verdade se resume a uma versão isolada, considerando que está fora de dúvida que o códice BNRJ50,57 é um *codex descriptus* de MC.

É preciso lembrar que, se a data verdadeira de nascimento de Gregório é o ano de 1636¹³, e portanto mais próximo de 1633, todas as versões que dão como data de nascimento o 1633 dizem que Gregório morreu em 1696 aos 73 anos, como a *Vida* do L15-2a: “Faleceu finalmente o Dr. Gregório de Mattos Guerra no Anno de 1696, com idade de setenta e tres annos” (p.135) ou do BNRJ50,56: “Morreu finalmente no anno de 1696, com idade de Setenta e tres annos” (p.50) ou BPE587 “Morrêo, finalmente no anno de 1696, com edade de 73 annos” (p.52) ou AC1: “Morreu finalmente no ano de 1696, com idade de 73 anos” (JA, 1268). Pode-se portanto pensar numa primeira versão (um imaginário “original” ou arquetipo) que continha o erro, devido provavelmente a distração – Gregório, tendo nascido em 1633, em 1696 teria sessenta e três anos – erro que nunca foi corrigido, ou por falta de atenção dos copistas, ou, mais plausivelmente, por fidelidade a uma das poucas informações concretas contidas na narração. Já MC, redigido em 1775 – e portanto sendo o mais recente dos códices datados – poderia descender de um imaginário exemplar correto, mas, ao que tudo indica, simplesmente teve a atenção ou a inspiração de corrigir a data de nascimento, por considerar mais correta a informação sobre a idade de Gregório na época de sua morte do que aquela sobre a data de seu nascimento. É evidente que Rabelo não dispunha de quase nenhuma informação factual sobre a biografia de Gregório; ainda assim, deve ser ressaltado como somente MC relate a informação da publicação das sentenças de Gregório na obra de Pegas, informação

absolutamente correta inclusive no que diz respeito à indicação bibliográfica: “Hê tradiçãõ constante, que servio na corte o lugar de Juiz do Crime. E que tambem servio o de Orphaonz se mostra de hua douda sentença sua proferida em 2 de Novembro de 1671; que traz Pegas no tomo 7° a Ordenaçãõ Livro 1 titulo 87 §24” (MC, xiii).¹⁴ A informação na realidade consta também de BPE587, mas foi acrescentada sucessivamente à margem do texto, ainda que, aparentemente, pela mesma mão: “Peg. Ord. tom.7 fol.294 usq.296”

Curiosamente, nem MC nem BNRJ50,57 dão notícias relativas aos irmãos de Gregório, contidas fartamente nos outros códices: “Farêy particular mençãõ dos dous primeiroz no segũdo tomo, para que o vltimo senão queixe dos dezarez que a minha pena poderia ocasionarlhe, que hê menoz honra ser hum accidentalmente grande, que o ter vinculada sua grandeza na especie generativa” (MC, ix).

Veja-se então o seguinte esquema:

Códice	Data	Título Vida	págs Vida	Nasc. GM
BNRJ 50,56	>1717	Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra. Escrita pelo Lecenciado Manoel Pereyra Rabello	57 p	20.12.1633
BNRJ 50,59	>1717	Vida do grande poeta americano Gregorio de Mattos e Guerra	79 p	20.12.1633
L 15-2a	>1717	Vida, e morte do Doutor Gregório de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.el Pereyra Rabelo E mais apurada depois por outro Engenho	141 p	20.12.1633
AC1	>1743	Vida do excelente poeta lirico, o doutor Gregorio de Matos Guerra	43 p	20.12.1633
BPE 303	>1743	Vida do Excellente poeta lyrico o Doutor Gregorio de Mattos Guerra	44 fl = 87 p	20.12.1633

¹³ Segundo a datação estabelecida por PERES, *passim*.

¹⁴ Cfr. PERES. Uma re-visão, cit. p.63 e p.72. A publicação houve em 1682.

BPE 587	1765	Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escrita Pelo Lecenciado Manoel Pereira Rabelo	58 p	20.12.1633
MC	1775	Vida Do Doutor Gregorio de Mattos Guerra	62 p	7.4.1623
BNRJ 50,57	>1850	Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra	42 p	7.4.1623

Enfim, dadas as considerações feitas acima, e devido ao fato de o códice 587 de Évora ter a data de 1765, podemos então situar a composição da *Vida* de Rabelo entre 1717 (data do manuscrito das *Obras poéticas* de Pinto Brandão, sucessivamente copiado em 1776) e 1765.

2.3 Relações entre os códices.

2.3.1 É possível desenhar uma árvore genealógica?

Deve ser feita a ressalva de que seria mais um dos equívocos que cercaram a existência da *Vida* de Rabelo utilizá-la como mero instrumento para a tentativa de estabelecimento de uma árvore genealógica dos códices gregorianos: desta forma, o texto seria mais uma vez desqualificado e desclassificado como não literário. Além do mais, no fundo parece bastante ilusória a expectativa de identificar uma genealogia precisa dos códices gregorianos, por causa não só da incomum quantidade de testemunhos, além do mais de grandes dimensões, mas principalmente às características anômalas da transmissão textual manuscrita nos séculos XVII e XVIII¹⁵ e sobretudo ao processo de *mouvance*, ou movência, o quase frenético movimento dos textos que aconteceu em várias etapas¹⁶: a da redação, na qual o escritor lança mão, intencionalmente ou não, de um repertório poético comum, a da re-elaboração pelo autor de textos já compostos, por vezes para reutilizá-los em outra ocasião (a este respeito, Luciana Stegagno Picchio escreveu que Camões foi um autor “scatenatore di entropia testuale per le sue stesse poesie”¹⁷) e sucessivamente a da transmissão, na qual os copistas atuaram escolhendo livremente uma entre as numerosas variantes, ou antes variações existentes. Variação no sentido musical: este termo, utilizado por Zumthor,¹⁸ privilegia uma dimensão por assim dizer democrática da pluralidade de lições, sem

¹⁵ Cf. BLECUA, Alberto. La transmisión de los textos em los siglos XVI y XVII e La transmisión de los textos em los siglos XVIII, XIX y XX. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983. págs. 169-216 e 217-232.

¹⁶ Sobre esse assunto, cf. LA REGINA. Matos e la mouvance. *Merope* XI, 27, giugno 1999, Pescara, Itália. págs. 139-146.; Os códices de Gregório de Mattos, cit., p.35.

caracterizar pedagogicamente umas como certas e outras como erros, mas, pelo contrário, compreendendo e respeitando a pluralidade de vozes que, se constitui uma dificuldade, não impede a percepção e a recepção do texto e dos textos, mas torna-se uma de suas riquezas e qualidades, característica marcante de uma época e um lugar em que a voz e a memória compõem grandes afrescos, ou melhor sinfonias que seria reduutivo e autoritário constranger num único tom, numa única cor.

Enfim, a própria forma de redação, a circulação oral, as variações de autor (um texto feito para ser declamado é passível de infinitas alterações, sem mencionar o fato de que pode ser coligido no ato da declamação por diferentes ouvintes, que sucessivamente o reproduzirão de diversos modos), a circularidade do produto poético, a sucessiva justaposição de diferentes folhetos e dos “livros de mão”, ou *cartapacios* para uso pessoal, como os chama Blecua¹⁹, determinam uma situação textual na qual cada códice termina sendo exemplar único, composto quase que por colagem de diferentes fragmentos autônomos, numa alteridade de famílias em que o original é, mais do que nunca, mera abstração – enfim, pode-se falar em “mestiçagem textual”.

Parece portanto uma atitude mais razoável, ao invés de adotar a metodologia lachmanniana, ou, italianamente, neo-lachmanniana, pensar em edições que respeitem a pluralidade de vozes dos códices e, sem deixar de corrigir eventuais erros mecânicos (omissões, repetições involuntárias, *saut du même au même*, por exemplo) aceitar a diversidade e publicar os códices assim como nos foram legados. Discordo, então, da opinião de Maas, para o qual o único método filologicamente

¹⁷ STEGAGNO PICCHIO, *Camões/Petrarca*, cit, p. 441. “Camões desencadeou entropia textual para seus próprios poemas”.

¹⁸ Cf. ZUMTHOR, Paul. *Intertextualité et mouvance. Littérature*, 41, fév. 1981, págs. 8-16: p.12.

aceitável é o de Lachmann²⁰: a diferença é de que eu também, como ele, não acredito que deva ser procurado um *codex optimus*, mas que deva se explorar a riqueza dos *codices plurimi*. Neste aspecto, ainda que passado algum tempo, continuo considerando válida, sem deixar de ser emendável em vários aspectos, a proposta de edição exemplificada com a publicação do códice RBM²¹, num projeto que terá seguimento com a edição do ainda inédito MC.

Ainda assim, de qualquer forma, a própria presença da *Vida* ajuda a evidenciar relações entre os códices que podem esclarecer sua forma de composição e construção e, por conseqüência, o próprio processo de formação de *corpus* poético e transmissão textual naquela época. Neste aspecto, os códices que contêm a *Vida* se diferenciam dos demais, não só por serem mais bem cuidados do que os demais, com grafia muito clara, cada um redigido por uma única mão, mas sobretudo por apresentarem um projeto mais definido e uma intencionalidade de edição aparentemente ausentes nos outros testemunhos; estes códices visam alcançar a integridade textual, formar e transmitir a *Opera Omnia* do autor: integridade que, ainda que fictícia, termina levando à construção de um *corpus* com características homogêneas (muitas vezes por serem as de uma época, de um gosto) e uma ficção que abarca o biográfico e o poético, a invenção de um personagem e de um autor.

Evidentemente, a presença ou a ausência da *Vida* de Rabelo é de grande importância para ajudar a estabelecer uma datação quanto mais possível exata do manuscrito apógrafo que a contém. Um códice que contenha a *Vida*, pelas observações feitas

¹⁹ BLECUA, cit. p.202.

²⁰ MAAS, Paul. *Critica del testo*. Tradução de Nello Martinelli. Firenze: Le Monnier, 1980. p.25-26.

²¹ cf. o citado PERES, LA REGINA. *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos*.

acima, não pode ser anterior ao ano de 1717, e a rigor deveria ser posterior ao ano de 1743, citado no texto (só que, como vimos, não por todos os testemunhos). Vice-versa, estabelecer relações entre os códices ou blocos de códices pode explicar melhor a forma de composição e transmissão da *Vida*.

2.3.2 As coletâneas em quatro volumes

Sabemos que as coletâneas de poemas gregorianos possivelmente completas, ou visando ser, eram em quatro volumes; esta foi uma observação de Ferdinand Wolf²² que o estudo dos testemunhos que foram preservados torna plausível. Dispomos de dois exemplos completos e um recentemente desmembrado destas coletâneas:

- O códice **L 15-2** da Biblioteca do Itamaraty. São quatro volumes que incluem a *Vida* de Rabelo e o texto poético numa grafia clara e correta, e a matéria dividida por gêneros de forma ordenada. Varnhagen usou este códice para o seu *Florilégio* e Afrânio Peixoto consultou-o para a edição ABL.
- O grupo formado por **MC**, **BNRJ50,61**, **TT-NVII/10** e **TT-NVII/11**. Como nos demais códices, neste também – cujos volumes, espalhados aquém e além do Atlântico, têm a característica de serem os únicos copiados na Bahia que tenham chegado até nós – a *Vida* antecede o texto poético. Este códice, o único completo que seja datado, é de 1775.

²² WOLF, Ferdinando. *O Brasil literário*. São Paulo, 1955 (tradução da edição francesa de 1863), p.37.

- O códice **AC**, transcrito por James Amado em sua edição. O manuscrito tem uma divisão em gêneros menos rigorosa do que **L 15-2**; ele também começa com a *Vida* de Rabelo. Recentemente o quarto volume foi extraviado; de qualquer forma, podemos reconstruir os poemas que ele continha.

Disto pode-se concluir que:

1. todas as coletâneas em quatro volumes que conhecemos foram compiladas após 1740 (nas três versões da *Vida* é citada a data, sendo que em **AC1** e **BPE303** é citado também o ano de 1743);
2. a iniciativa de juntar os poemas de Gregório pode realmente ter sido de Rabelo, como acredita James Amado (mesmo que nada nos indique que o códice **AC** realmente tenha sido redigido materialmente por Rabelo)²³, considerando que todas estas coletâneas iniciam com a *Vida* e que nela em geral o autor se refere ao texto que ele organizou; como

Naõ quero persuadir, que a dezesperaçaõ lhe occauzionou dezemvolturas; mas direy, que do genio, que já tinha tirou a mascara para manusear obscenas, e petulantes obras, en tanta quantidade, que das que tenho em meo poder, taõ indignas do prelo, como merecedoraz da melhor estimaçaõ se pode conztetuhir hum grande volume (MC, xxxv)

Este hê o mais abbreviado resumo que posso dar da vida do meo suspirado, quam dilectissimo Poêta Lyrico; e oxala podèra /**LVIII**/ eu publicar oz prodigiosos fundamentos do meo amor, derramando entre as gentes o manancial thesouro de suas graças! (MC, lvii-lviii)

²³ AMADO, James. Notas à margem da editoração do texto – II in JA, p.1279-1282: p.1279.

Deixou o Doutor Gregorio de Mattoz hum Filho de sua mulher Maria de Povos chamado Gonçalo de Mattos, cujo amor publicava em varias obras, que se encontraõ neste Livro, e em seos Lugares se veraõ sem enfadozas citas.

~~~~~ o quente da cama  
 com Gonçalo, e com sua ama  
 dizendo estava comei-me, *et cetera*  
 Por vida do meo Gonçalo  
 Custodia formoza, e Linda. *et cetera*  
 /LXII/ Madrasta do Gonçalinho,  
 que hê Lindo enteado a fê *et cetera*  
 sim por vida de Gonçalo *et cetera*  
 Mas por vida de Gonçalo. *et cetera*  
 (MC, lxi-lxii)

Observe-se que em nenhuma outra versão setecentista da *Vida* são citados os versos acima.

No final da versão do códice BPE587 ficam evidentes a intencionalidade da obra e a reivindicação da autoria da organização do *corpus* poético:

Por venerar as obras deste insigne Poeta, as ajuntey com grande trabalho, e disvello, por as ter o tempo já destruncadas; porem pelo melhor modo as quero dara publico nestes volumes, e serà o primeiro este com as obras sacras; *que* o seu catholico animo tambem sabia louvar a Deos na sua Lyra, e os demais hiram seguindo conforme as pessoas; preferindo sempre as de mayor graduaçam; ainda, *que* vam misturadas alguãs satyricas com os elogios, se faz assim preciso por nam romper o estilo ponderado (BPE587, p.58).

Uma versão quase idêntica do mesmo trecho aparece em BNRJ50,56, e com maiores diferenças em L15-2a:

E pella veneração devida ás suas [de GM] obras, as ajuntey com grande trabalho, e desvello, pellas ter o tempo já dispersas; e pello melhor modo as quero dar à curiosidade nos volumes, que se forem seguindo, sendo o primeiro da colleção o presente adas obras sacras, e Moraes, que em tudo deve ter o lugar primeiro (L15-2a, p.141).

Um exemplo interessante, por demonstrar a claras letras que o autor dos pequenos títulos que acompanham os textos poéticos não foi Rabelo, ou o compilador da coletânea, é o seguinte:

Era a Esposa hum pouco impaciente, talvez pelo pouco pam, que via em casa, e tambem pelo destrahimento de seo Marido; cujas dezvolturaz claro se patenteaõ deztas obras: /**XXXIII**/ como veremos pellas rubricas de cada huã, posto que nem a todas se deva dar inteyro credito; (MC, xxxiii)

O texto de BPE303, assim como o de AC1, de BPE587 e de BNRJ50,56, difere do de MC, dizendo exatamente o contrário:

Era a esposa hum pouco impaciente, talvez pelo pouco pam, que via em casa, e tal pelo destrahimento de Seu Marido, cujas dezvolturas claro se patenteão destas obras: posto que nem a todas se deva inteiro credito, como veremos pelas rubricas de cada huma: (BPE303, f.24v).

Enquanto L15-2a e BNRJ50,59 não mencionam as rubricas, mas somente as “desvolturas”.

A demonstração mais clara, porém, da relação de identidade do autor da *Vida*, ou pelo menos do copista do texto, dotado de uma suficiente autonomia quanto à organização dos poemas, e do compilador da coletânea deve ser encontrada em BNRJ50,59:

[...] porque não so achou disposto a morrer, como verdadeiro criztão, maz em sinal de que lhe servia o entendimento no maior conflito vio em huma folha de papel ezcrito com caracterez tremuloz de sua letra o soneto 1º que vai nezte primeiro tomo, que começa: Meo Deoz q’ estaez pendente (BNRJ50,59, p.82).

Realmente este poema encontra-se às págs. 244-45 do códice, e é o primeiro dos sonetos. Em AC1 também é citado o primeiro verso do poema, só que dizendo que é “o soneto que vai no fim das obras sacras a fl.105 que começa Meu Deos, que estais pendente em hum madeyro” (AC, p.41). Em BPE303 o texto é o mesmo que nos dois códices citados anteriormente, mas com uma diferença: “[...] o Soneto que vai no fim das obras sacras, que comessa a f ‘Meu Deos, q estais pendente num madro.’” (BPE303, f.39v). Portanto, o copista, quando copiou a *Vida*, não sabia ainda qual seria a localização do soneto, e possivelmente depois deva ter esquecido de acrescentar o número de página. O soneto é citado por inteiro em BNRJ50,56, L15-2a e BPE587 que, porém, não se referem à página; esta citação de AC1 e BNRJ50,59 é a única que seja possível encontrar no texto em prosa contendo uma referência pontual ao texto poético, além de estabelecer uma ligação entre os dois códices.

3. a disposição da matéria não é a mesma nos três códices, o que só pode ser explicado hipotizando uma ou mais intervenções sucessivas à primeira organização dos textos. Estas intervenções devem ter acontecido num lapso de tempo relativamente curto, entre 1740 e 1775, data na qual foi redigido o grupo que começa com MC. De toda forma há grandes semelhanças entre a organização de BNRJ50,61 e L 15-2, mas há divergências no texto da *Vida*, o que torna difícil acreditar que ambos sejam *codices descripti*, cópias sem variantes do mesmo códice. A principal diferença entre estas três coletâneas é a colocação da lírica sacra, que em L 15-2 e no Asencio-Cunha está no primeiro volume – prática por outro lado comum em outros códices, a exemplo do BNRJ50,56: começar os códices com o gênero e a forma considerados mais

nobres, a lírica sacra e o soneto – enquanto no grupo **MC-BNRJ50,61** encontra-se neste último, que é o segundo volume da coletânea. De qualquer forma devemos lembrar o título que aparece na folha de rosto do códice **L 15-2**: “[...] depois apurada melhor por outro curiozo Engenho”.

### 2.3.3 AC1 e BPE303

A primeira relação constatada entre os códices que contêm a *Vida* foi entre AC1 e BPE303. As duas versões do texto de Rabelo são idênticas, começando pelo título (em ambas, “Vida do Excelente poeta lyrico o Doutor Gregorio de Mattos Guerra”) e correspondem palavra por palavra: são as únicas, inclusive, que citam a data de 1743, como reportado acima. Observando então os poemas contidos em AC1 e BPE, vê-se que os dois códices apresentam o mesmo número de poemas – 222 – e quase exatamente as mesmas composições, na mesma ordem. A única diferença é no fato de que BPE303 não inclui os poemas de Eusébio e poucos outros textos, estes últimos talvez por desatenção, ou, mais provavelmente, pelo gosto do copista, por um total de 38 poemas ausentes, conforme se verá no índice dos dois códices, reproduzido a seguir<sup>24</sup>. Faltam em BPE303 o bloco dos 17 poemas de Eusébio, presente em outros códices, sempre com a indicação de autoria (por exemplo, em BNRJ50,56, onde é também respeitada a mesma ordem, ou em L15-2a, no qual aparecem os 17 poemas, mas em ordem diferente); 3 poemas em espanhol; 3 glosas do solilóquio de Violante do Céu; 15 outros poemas, quase exclusivamente religiosos e encomiásticos, com a exceção de um único poema satírico, “Ha cousa, como ver o Sô Mandú”. Há uma precisa intenção presente na confecção do BPE303: para chegar

ao mesmo número de poemas de AC1, o copista de BPE303 acrescenta respectivamente os primeiros 34 poemas de AC2, na mesma ordem, e os primeiros 4 de AC3, estes também na mesma ordem de AC. De AC2 elimina unicamente “Prelado de tan alta perfeccion” (AC2, p.78), confirmando uma antipatia do copista pelos poemas em castelhano, que, como se dizia, estão ausentes de BPE303. Nenhum poema presente em BPE não consta de AC – AC1, AC2 ou AC3 – mas evidentemente acontece o contrário; por isso podemos considerar BPE 303 *codex descriptus* de AC.

| Nr | AC1                                        |    | BPE303                                   |
|----|--------------------------------------------|----|------------------------------------------|
| 1  | Ay Senhor! Quanto me peza                  | 1  | Ay Senhor quanto me peza                 |
| 2  | Estou, Senhor, da vossa mão tocado         | 2  | Estou Senhor da vossa mão tocado         |
| 3  | Isto, que ouço chamar por todo o mundo     | 3  | Isto que oiço chamar por todo o Mundo    |
| 4  | Se o descuido do futuro                    | 4  | Se o descuido do futuro                  |
| 5  | Ay de mim!se neste intento                 | 5  | Ay de mim! Se neste intento              |
| 6  | Meu amado Redemptor                        | 6  | Meu amado Redemptor                      |
| 7  | Tremendo chego, meu Deos                   | 7  | Tremendo chego, meu Deos                 |
| 8  | Pequei, Senhor, mas não porque hei peccado | 8  | Pequei, Senhor, mas não porq hei peccado |
| 9  | Numa cruz vos exaltastes                   | 9  | Numa cruz vos exaltastes                 |
| 10 | Sendo sol, que dominais                    | 10 | Sendo Sol que dominais                   |
| 11 | Depois de crucificado                      | 11 | Depois de crucificado                    |
| 12 | Todo amante, e todo digno                  | 12 | Todo amante, e todo digno                |
| 13 | Já sei, meu Senhor, que vivo               | 13 | Ja sei, meu Senhor, que vivo             |
| 14 | Oh quem tivera empregados                  | 14 | Oh quem tivera empregados                |
| 15 | Ay meu Deos, quem merecera                 | 15 | Ay meu Deos, quem merecera               |
| 16 | Esta alma, meu Redemptor                   | 16 | Esta alma, meu Redemptor                 |
| 17 | Ay meu Deus, que já não sey                | 17 | Ay meu Deus! q já não sei                |
| 18 | Cuidey, que não permitisse                 | 18 | Cuidei q não permetisse                  |
| 19 | Se no pam vos disfarçais                   | 19 | Se no Pam vos disfarçais                 |
| 20 | De hum barro fragil, e vil                 | 20 | De hum barro fragil, e vil               |
| 21 | Já requintada a fineza                     |    |                                          |
| 22 | Á meza do Sacramento                       | 21 | Á meza do Sacramento                     |
| 23 | Trez vezes grande, Senhor                  | 22 | Trez vezes grande, Senhor                |
| 24 | Sol de justiça divino                      | 23 | Sol de justiça divino                    |
| 25 | Agora, Senhor, espero                      | 24 | Agora Senhor espero                      |

<sup>24</sup> Quando não indicado, os índices dos códices foram redigidos por mim. Diferentemente, como neste caso, servi-me do volume de TOPA. *O mapa do labirinto*. cit. vol. I, *passim*.

|    |                                               |    |                                                 |
|----|-----------------------------------------------|----|-------------------------------------------------|
| 26 | Não he minha voz ouzada                       | 25 | Não he minha voz ouzada                         |
| 27 | Mostray, Senhor, a grandeza                   | 26 | Mostray, Senhor, a grandeza                     |
| 28 | Ay quem bem considerára                       | 27 | Ay quem bem conciderara                         |
| 29 | Quem fora tam fino amante                     | 28 | Quem fora tam fino amante                       |
| 30 | Bem sey, meu amado objecto                    |    |                                                 |
| 31 | Se todo a vos me dedico                       |    |                                                 |
| 32 | Nada, meu Senhor, vos digo                    | 29 | Nada, meu Senhor, vos digo                      |
| 33 | Ofendi-vos, meu Deos, bem he verdade          | 31 | Ofendivos, meu Deos, bem he verdade             |
| 34 | Quem da religiosa vida                        | 30 | Quem da relegioza vida                          |
| 35 | Na oração; que desaterra ... aterra           | 32 | Na oração; que desaterra ... aterra             |
| 36 | Que es terra home, e em terra hasde tornar-te | 33 | Que és terra, homem, e em terra hasde tornar-te |
| 37 | Divina flor, si em essa pompa vana            |    |                                                 |
| 38 | Venho, Madre de Deos, ao vosso monte          | 36 | Venho, Madre de Deos, ao vosso monte            |
| 39 | Salve celeste Pombinha                        |    |                                                 |
| 40 | Para May, para Esposa, Templo, e Filha        |    |                                                 |
| 41 | Entre as partes do todo a melhor parte        |    |                                                 |
| 42 | O todo sem a parte não he todo                | 34 | O todo sem a parte não he todo                  |
| 43 | Oh quanta divindade, oh quanta graça          | 35 | Oh quanta divindade, oh quanta graça            |
| 44 | Como na cova tenebrosa, e escura              |    |                                                 |
| 45 | Antes de ser fabricada                        | 37 | Antes de ser fabricada                          |
| 46 | Fragante Rosa em Jericô plantada              | 38 | Fragante Rosa em Jericô plantada                |
| 47 | Oh que de rosas amanhece o dia!               | 39 | Oh que de rozas amanhece o dia!                 |
| 48 | A Rainha celestial                            | 40 | A Rainha celestial                              |
| 49 | Temor de hum damno, de huma offerta indicio   |    |                                                 |
| 50 | Desse cristal, que desce transparente         | 41 | Desse cristal, que desce transparente           |
| 51 | O alegre do dia enristecido                   |    |                                                 |
| 52 | Oh magno serafim, que a Deos voaste           | 42 | Oh magno Serafim, que a Deos voaste             |
| 53 | Quando o livrinho perdestes                   | 43 | Quando o livrinho perdestes                     |
| 54 | Gosta Christo de mostrar                      | 44 | Gosta Christo de mostrar                        |
| 55 | Entrou hum bebado hum dia                     | 45 | Entrou hum bebado hum dia                       |
| 56 | Na conceição o sangue esclarecido             | 46 | Na conceição o sangue esclarecido               |
| 57 | Meu Deos, que estais pendente em hum madeyro  | 47 | Meu Deos, q estais pendente em huã madeyro      |
| 58 | Pertendeis hoje,oh Deos sacramentado (EM)     |    |                                                 |
| 59 | Hoje, que por meu respeito (EM)               |    |                                                 |
| 60 | Arrojado aos pés dos homens (EM)              |    |                                                 |
| 61 | Já sepultava os apolineos rayos (EM)          |    |                                                 |
| 62 | Vos doce Bem, por hum traidor vendido! (EM)   |    |                                                 |
| 63 | De barbara crueza revestida (EM)              |    |                                                 |
| 64 | Oh barbaro atrevido                           |    |                                                 |
| 65 | Como o teu odio a tal rigor te inclina (EM)   |    |                                                 |
| 66 | Oh cega tyrannia (EM)                         |    |                                                 |
| 67 | Nessa columna fortemente atado (EM)           |    |                                                 |
| 68 | Sedenta estava crueldade humana (EM)          |    |                                                 |

|     |                                             |    |                                             |
|-----|---------------------------------------------|----|---------------------------------------------|
| 69  | Hoje, que tam demudado (EM)                 |    |                                             |
| 70  | Meu Atlante soberano (EM)                   |    |                                             |
| 71  | Pendente estava da Arvore da Cruz (EM)      |    |                                             |
| 72  | Sacrilego, e arrojado (EM)                  |    |                                             |
| 73  | Esse espelho, Senhora, cristalino (EM)      |    |                                             |
| 74  | Nos braços do Ocidente agonizava (EM)       |    |                                             |
| 75  | Oução os sebastianistas                     | 48 | Oução os sebastianistas                     |
| 76  | Este, Senhor, que fiz leve instrumento      | 49 | Este Senhor que fiz leve <i>Instrumento</i> |
| 77  | Hoje pô, ontem Deidade soberana             | 50 | Hoje pô, ontem Deidade soberana             |
| 78  | Nasces, Infanta bella, e com ventura        | 51 | Nasces, Infanta bella, e com ventura        |
| 79  | Bem dice eu logo que ereis venturosa        | 52 | Bem dice eu logo que ereis venturosa        |
| 80  | Nascestes bella, e fostes entendida         | 53 | Nasceste bella, e fostes entendida          |
| 81  | Se a dar-te vida a minha dor bastara        | 54 | Se a darte vida a minha dor bastara         |
| 82  | Filha minha Izabel, alma ditosa             | 55 | Filha minha, Izabel Alma ditoza             |
| 83  | Sacro Pastor da America florida             | 56 | Sacro Pastor da America florida             |
| 84  | Chegou o nosso Prelado                      | 57 | Chegou o Nosso Prelado                      |
| 85  | Eu, que me não sey callar                   | 58 | Eu que me não sei callar                    |
| 86  | Subi à purpura já; rayo luzente             | 59 | Sobi á purpura já, rayo luzente             |
| 87  | Neste tumulto a cinzas reduzido             | 60 | Neste tumullo a cinzas reduzido             |
| 88  | Este marmore encerra, oh Peregrino          |    |                                             |
| 89  | Hoje os mattos incultos da Bahia            | 61 | Hoje os mattos incultos da Bahia            |
| 90  | Tal frota nunca viram as idades             | 62 | Tal frota nunca viram as idades             |
| 91  | Bem vindo seja, Senhor, Vossa Illustrissima | 63 | Bem vindo seja, Senhor, Vossa Illustrissima |
| 92  | Appareceram tam bellas                      | 64 | Apparecem tam bellas                        |
| 93  | Senhor, os Padres daqui                     | 65 | Senhor, os Padres daqui                     |
| 94  | Brilha em seu auge a mais luzida estrella   | 66 | Brilha em seu auge a mais luzida estrella   |
| 95  | Hum benemerito peyto                        | 67 | Hum benemerito peito                        |
| 96  | Quando a morte de Abner David sentia        | 68 | Quando a morte de Abner David sentia        |
| 97  | Aqui jaz o coração (a)                      | 69 | Aqui jaz o Coração (a)                      |
| 98  | Aqui jaz o coração (b)                      | 70 | Aqui jaz o Coração (b)                      |
| 99  | Em trez partes enterrado                    | 71 | Em trez partes enterrado                    |
| 100 | Hum soneto começo em vosso gabo             | 72 | Hum soneto começo em vosso gabo             |
| 101 | Tanta virtude excellente                    | 73 | Tanta virtude excellente                    |
| 102 | Nesse precipicio, Conde                     | 74 | Nesse precipicio, Conde                     |
| 103 | Oh caso mais fatal da triste sorte!         |    |                                             |
| 104 | Teu alto esforço, e valentia forte          | 75 | Teu alto esforço, e valentia forte          |
| 105 | Quem ha de alimentar de luz ao dia          | 76 | Quem ha de alimentar de luz ao dia?         |
| 106 | Oh não te espantes não, Dona Antonia        | 77 | Oh não te espantes não, D. Antonia          |
| 107 | Tempo, que tudo trasfegas                   | 78 | Tempo, que tudo trasfegas                   |
| 108 | Prezo entre quatro paredes                  | 79 | Prezo entre quatro paredes                  |
| 109 | Senhor Antão de Souza de Menezes            | 80 | Senhor Antão de Souza de Menezes            |
| 110 | Ja da Primavera entrou                      | 81 | Ja da Primavera entrou                      |
| 111 | Daqui desta Praya grande                    | 82 | Daqui desta Praya Grande                    |
| 112 | Clori: nas festas passadas                  | 83 | Clori: nas festas passadas                  |
| 113 | Generoso Dom Francisco                      |    |                                             |
| 114 | Do Prado mais ameno a flor mais pura        | 84 | Do Prado mais ameno a flor mais pura        |
| 115 | Em essa de cristal campanha errante         | 85 | Em essa de cristal campanha errante         |
| 116 | No reyno de Neptuno submergido              | 86 | No reyno de Neptuno submergido              |

|     |                                        |     |                                         |
|-----|----------------------------------------|-----|-----------------------------------------|
| 117 | Nasce el sol de los astros presidente  |     |                                         |
| 118 | Num dia proprio â liberalidades        | 87  | Num dia proprio a liberalidades         |
| 119 | Senhor: se quem vem não tarda          | 88  | Senhor, se quem vem não tarda           |
| 120 | Senhor: os Negros Juízes               | 89  | Senhor, os Negros Juízes                |
| 121 | Senhor: deste meu sobrinho             | 90  | Senhor: deste meu sobrinho              |
| 122 | Sey eu, Senhor, que Vossa Senhoria     | 91  | Sei eu, Senhor, que Vossa Senhoria      |
| 123 | Se da Guarda pareceis                  | 92  | Se da Guarda pareceis                   |
| 124 | Acabou-se esta cidade                  | 93  | Acabouse esta cidade                    |
| 125 | No culto, que a terra dava             | 94  | No culto, que a terra dava              |
| 126 | Entre aplausos gentis com luz preclara | 95  | Entre aplauzos gentis, com luz preclara |
| 127 | Quem, Senhor, celebrando a vossa idade | 96  | Quem, Senhor, celebrando a vossa idade  |
| 128 | A quem não dá aos fieis                | 97  | A quem não dá aos fieis                 |
| 129 | Veyo ao Espirito Santo                 | 98  | Veyo ao Espirito Santo                  |
| 130 | Estas as novas são de Antonio Lui=     | 99  | Estas as novas são de Antonio Lui-      |
| 131 | No becco do cagalhão                   | 100 | No beco do cagalhão                     |
| 132 | Quem aguarda a luxuria to Tocano       | 101 | Quem aguarda a luxuria to Tocano        |
| 133 | Que aguarde Luiz Ferreyra de Norô=     | 102 | Que aguarde Luiz Ferreyra de Norô-      |
| 134 | Senhora velha zoupeyra                 | 103 | Senhora velha zoupeyra                  |
| 135 | Sal, cal e alho                        | 104 | Sal, cal e alho                         |
| 136 | Desta vez acabo a obra                 | 105 | Desta vez acabo a obra                  |
| 137 | Agora sayo eu a campo                  | 106 | Agora sayo eu a campo                   |
| 138 | Banguê, que será de ti                 | 107 | Banguê, que será de ti                  |
| 139 | Vá de retrato                          | 108 | Vá de retrato                           |
| 140 | Quando Deos redimio da tyrannia        | 109 | Quando Deos redimio da tirannia         |
| 141 | Foy das onze mil Donzellas             | 110 | Foi das onze mil donzellas              |
| 142 | Alto Principe, a quem a Parca bruta    | 111 | Alto Principe, a quem a Parca bruta     |
| 143 | Quer hoje força meu fado               |     |                                         |
| 144 | Marinículas todos os dias              | 112 | Marinículas todos os dias               |
| 145 | Fazer hum passadiço de madeyra         | 113 | Fazer hum passadiço de madeyra          |
| 146 | Aquí chegou o Doutor                   | 114 | Aquí chegou o Doutor                    |
| 147 | Atrevido este criado                   | 115 | Atrevido este criado                    |
| 148 | Heroe Numen, Heroe soberano            | 116 | Heroe Numen, Heroe soberano             |
| 149 | Nasceste em pranto (debito preciso)    |     |                                         |
| 150 | Esqueça-se o materno sentimento        |     |                                         |
| 151 | Senhor Doutor, muito bem vinda seja    | 117 | Senhor Doutor, muito bem vindo seja     |
| 152 | He questão muy antiga, e altercada     | 118 | He questão muy antiga, e altercada      |
| 153 | Douto, prudente, nobre, humano, afavel | 119 | Douto prudente nobre humano afavel      |
| 154 | He este memorial de hum afligido       | 120 | He este memorial de hum afligido        |
| 155 | Lobo cervical, phantasma peccadora     | 121 | Lobo cervical, phantasma peccadora      |
| 156 | Ha cousa como ver hum Payayá           | 122 | Ha cousa como ver hum Payayá            |
| 157 | Hum calção de pindoba a meya porra     | 123 | Quem poderá de pranto soçobrado         |
| 158 | Hum Rolim de Monay Bonzo Bramâ         | 124 | Hum calção de pindoba a meya porra      |
| 159 | Quem poderá de pranto soçobrado        | 125 | Hum Rolim de Monay Bonzo Bramâ          |
| 160 | Alma gentil spirito generoso           | 126 | Alma gentil spirito generoso            |
| 161 | Vindes da Mina, e só trazeis a fama    | 127 | Vindes da Mina, e só trazeis a fama     |
| 162 | Hoje he melhor ter mina, que ter fama  | 128 | Hoje he melhor ter mina, que ter fama   |
| 163 | Nos assumptos que dais a vossa fama    | 129 | Nos assumptos, que dais á vossa fama    |
| 164 | Ya rendida, y prostrada mas que vana   |     |                                         |
| 165 | Oitavas canto agora por preceyto       | 130 | Oitavas canto agora por preceito        |
| 166 | Na republica, Senhor (1)               | 131 | Na republica, Senhor (1)                |
| 167 | Na republica, Senhor (2)               | 132 | Na republica, Senhor (2)                |



|     |                                          |     |                                          |
|-----|------------------------------------------|-----|------------------------------------------|
| 168 | De repente, e cos mesmos consoantes      | 133 | De repente, e co'os mesmos consoantes    |
| 169 | Athe vir a manhã serena, e pura          | 134 | Até vir a manhã serena, e pura           |
| 170 | Hum prazer, e hum pezar quase hermanados | 135 | Hum prazer, e hum pezar quase hermanados |
| 171 | Querido Filho meu, ditoso espirito       | 136 | Querido Filho meu, ditoso esperito       |
| 172 | Na flor da idade à morte te rendeste     | 137 | Na flor da idade à morte te rendeste     |
| 173 | O vicio da sodomia                       | 138 | O vicio da sodomia                       |
| 174 | Coytada de quem                          | 139 | Coitada de quem                          |
| 175 | Puta Andrezona, eu peccador te aviso     | 140 | Puta Andrezona ,eu peccador te aviso     |
|     | [no nr. 218]                             | 141 | Entre os demais doutorandos              |
| 176 | Quem vos vio na terra entrar             | 142 | Quem vos vio na terra entrar             |
| 177 | Estava o Doutor Gilvaz                   | 143 | Estava o Doutor Gilvas                   |
| 178 | Vos não quereis, cutillada               | 144 | Vos não quereis, cutillada               |
| 179 | Deyxe, Senhor Beato, a beati=            | 145 | Deixe Senhor Beato, a beati-             |
| 180 | Este, que de Nize conto                  | 146 | Este, que de Nize conto                  |
| 181 | Casou-se nesta terra esta, e aquelle     | 147 | Casou-se nesta terra esta, e aquelle     |
| 182 | Deo agora o Frizão em requerente         | 148 | Deo agora o Frizão em requerente         |
| 183 | Foy hum tonto amancebado                 | 149 | Foi hum tonto amancebado                 |
| 184 | Ha cousa, como ver o Sô Mandú            |     |                                          |
| 185 | Letrado, que caximbais                   | 150 | Letrado que caximbais                    |
| 186 | Oh Gallileo Requerente                   | 151 | Oh Gallileo Requerente                   |
| 187 | Peralvilho: o Peralvilho                 | 152 | Peralvilho, o Peralvilho                 |
| 188 | Amigo capitão forte, e guerreyro         | 153 | Amigo Capitão forte e guerreiro          |
| 189 | Faltava para alegria                     | 154 | Faltava para alegria                     |
| 190 | Meu capitão, meu amigo                   | 155 | Meu capitão, meu amigo                   |
| 191 | Meu capitão dos infantes                 | 156 | Meu capitão dos infantes                 |
| 192 | Pois me deyxais pelo jogo                | 157 | Pois me deixais pelo jogo                |
| 193 | Hontem, Senhor Capitão                   | 158 | Hontem Senhor Capitão                    |
| 194 | Amigo Bento Pereyra                      | 159 | Amigo Bento Pereira                      |
| 195 | Amigo Senhor Jozé                        | 160 | Amigo Senhor Jozé                        |
| 196 | Meu Senhor sette carreyras               | 161 | Meu Senhor Sete Carreyras                |
| 197 | Meu Joanico, huma Dama                   | 162 | Meu Joanico, huma Dama                   |
| 198 | Minha gente, vosse vê                    | 163 | Minha gente, vosse vê                    |
| 199 | A quem não causa desmayo                 | 164 | A quem não causa desmayo                 |
| 200 | Dona secula in seculis ranhosa           | 165 | Dona secula in seculis ranhosa           |
| 201 | Bertolinha gentil, pulchra, e bizarra    | 166 | Bertolinha gentil, pulchra, e bizarra    |
| 202 | Prezo está no Limoeyro                   | 167 | Prezo está no Limoeiro                   |
| 203 | O Senhor João Teyxeyra                   | 168 | O Senhor João Teixeira                   |
| 204 | Isto faz-se à gente honrada?             | 169 | Isto fasse a gente honrada?              |
| 205 | Dizem, Senhor capitão                    | 170 | Dizem, Senhor Capitão                    |
| 206 | Passou o Suruccucú                       | 171 | Passou o Surucucú                        |
| 207 | Basta, Senhor capitão                    | 172 | Basta, Senhor Capitão                    |
| 208 | Porque a fama vos celebre                |     |                                          |
| 209 | Se vos foreis tam ouzado                 | 173 | Se vos foreis tam ouzado                 |
| 210 | Deyxais, Pedro, o ser chatim             | 174 | Deixais, Pedro, o ser chatim             |
| 211 | Pedralves não ha alcança-lo              | 175 | Pedralves não ha alcançallo              |
| 212 | Sette annos a Nobreza da Bahia           | 176 | Sete annos a Nobreza da Bahya            |
| 213 | Appareceo na Bahia                       | 177 | Appareceo na Bahia                       |
| 214 | A Deos, amigo Pedralves                  | 178 | A Deos amigo Pedralves                   |
| 215 | Sejais, Pedralves, bem vindo             | 179 | Sejais Pedralves bem vindo               |
| 216 | Digam, os que argumentaram               | 180 | Digão, os que argumentarão               |
| 217 | Treme a Pedro a passarinha               | 181 | Treme a Pedro a passarinha               |

|            |                                            |     |                                            |
|------------|--------------------------------------------|-----|--------------------------------------------|
| 218        | Entre os demais doutorandos                |     | [no nr. 141]                               |
| 219        | Minha Reyna: estou absorto                 | 182 | Minha Reyna: estou absorto                 |
| 220        | Goze a corte o ambicioso                   | 183 | Goze a corte o ambeciozo                   |
| 221        | Ditoso Fabio, tu, que retirado             | 184 | Ditoso Fabio, tu, que retirado             |
| 222        | Tem Vasco para seus dáños ... noventa anos | 185 | Tem Vasco p.a seus danos ... nov.ta anos   |
| <b>AC2</b> |                                            |     |                                            |
| 1          | A nossa Sé da Bahia                        | 186 | A nossa Sé da Bahia                        |
| 2          | Via de perfeição hé a Sacra via            | 187 | Via de perfeição hé a Sacra via            |
| 3          | O Cura, a quem toca a cura                 | 188 | O cura, a quem toca a cura                 |
| 4          | Naquelle grande motim                      | 189 | Naquelle grande motim                      |
| 5          | Reverendo Vigario                          | 190 | Reverendo Vigario                          |
| 6          | Da tua Perada mica                         | 191 | Da tua Perada mica                         |
| 7          | Hoje a Musa me provoca                     | 192 | Hoje a Musa me provoca                     |
| 8          | Hum Branco muito encolhido                 | 193 | Hum Branco <i>muito</i> encolhido          |
| 9          | Doutor Gregorio Guadanha                   | 194 | Doutor Gregorio Guadanha                   |
| 10         | Damaso, aquelle madraço                    | 195 | Damazo aquelle madraço                     |
| 11         | Pois me enfada o teu feytio                | 196 | Pois me enfada o teu feito                 |
| 12         | Padre Frizão, se vossa Reverencia          | 197 | Padre Frizão, se vossa Reverencia          |
| 13         | Este Padre Frizão, este sandeo             | 198 | Este Padre Frizão, este sandeo             |
| 14         | A vos, Padre Balthezar                     | 199 | A vos Padre Balthezar                      |
| 15         | Não me espanto que vossé                   | 200 | Não me espanto que vosse                   |
| 16         | Reverendo Padre Alvar                      | 201 | Reverendo Padre Alvar                      |
| 17         | Para esta Angolla enviado                  | 202 | Para esta Angola enviado                   |
| 18         | Padre; a caza está abrazada                | 203 | Padre a caza está abrazada                 |
| 19         | Vierão sacerdotes dous e meyo              | 204 | Vierão sacerdotes dous, e meyo             |
| 20         | Ao Padre Vigário a flor                    | 205 | Ao Padre Vigário a flor                    |
| 21         | Corpo a corpo â campanha embravecida       | 206 | Corpo a corpo á campanha embravecida       |
| 22         | Prelado de tan alta perfeccion             |     |                                            |
| 23         | Já que entre as calamidades                | 207 | Já que entre as calamidades                |
| 24         | Inda esta por dycidir                      | 208 | Inda esta por decidir                      |
| 25         | Padre Thomaz, se vossa Reverencia          | 209 | Padre Thomaz, se vossa Reverencia          |
| 26         | Só o vosso entendimento                    | 210 | So o vosso entendimento                    |
| 27         | No Céu pardo de Francisco                  | 211 | No ceo pardo de Francisco                  |
| 28         | Quem vos mette, Fr. Thomaz                 | 212 | Quem vos mete Fr. Thomas                   |
| 29         | Reverendo Fr. Sovella                      | 213 | Reverendo Frei Sovella                     |
| 30         | Ouve Magano, a vos de quem te canta        | 214 | Ouve Magano, a vos de <i>quem</i> te canta |
| 31         | Reverendo Fr. Fodaz                        | 215 | Reverendo Fr. Fodas                        |
| 32         | Illustre, e reverendo Frey Lourenço        | 216 | Illustre, e reverendo Fr. Lourenço         |
| 33         | Reverendo Frey Antonio                     | 217 | Reverendo Fr. Antonio                      |
| 34         | Reverendo Frey carqueja                    | 218 | Reverendo Frei Carqueja                    |
| <b>AC3</b> |                                            |     |                                            |
| 1          | Carregado de mim ando no mundo             | 219 | Carregado de mim ando no mundo             |
| 2          | Que nescio, que era eu então               | 220 | Que nescio, que era eu então               |
| 3          | Eu sou aquelle, que os passados annos      | 221 | Eu sou aquelle, q. os passados annos       |
| 4          | Triste Bahia! oh quam desimelhante         | 222 | Triste Bahia! Oh quam desemelhante         |

#### 2.3.4 AC1 e BNRJ50,59

Já vimos acima (2.3.2, item 2) um ponto de contato entre AC1 e BNRJ50,59, no que diz respeito à citação no texto da *Vida* de um soneto. Quanto aos poemas dos códices, é difícil avaliar se houve coincidência na distribuição dos textos e em sua ordem, porque só sabemos que BNRJ50,59 é relacionado com BNRJ50,59A, e ignoramos a existência, ainda que provável, de outros volumes. Se considerarmos, porém, AC1 e BNRJ50,59, veremos que ambos contêm majoritariamente poemas religiosos, misturados com alguns de teor satírico e encomiástico; ambos contêm, na mesma ordem – que, porém, é observada por todos os que a copiam – a glosa do Solilóquio de Soror Violante do Céu (ao qual aliás o texto da biografia de BNRJ50,59 se refere, p.77); e que, de uma forma geral, a maioria dos poemas que eles contêm aparece nos dois, que têm respectivamente 222 e 217 textos. De uma forma geral, os poemas que aparecem em AC1 e em BNRJ50,59 têm as mesmas variantes: veja-se por exemplo “Já requintada a fineza” (BNRJ50,59, p. 166-68), como em AC1, p.345 e TT46, f. 101r-102r, diferentemente de BPE587, p. 185-87, BNRJ50,56, p. 113-115 e L15-2a, p. 194-97, nos quais aparece como “Ja se requinta a fineza”. Curiosamente, esta concordância não acontece com os textos que, contidos em BNRJ50,59, aparecem em AC2. Veja-se por exemplo o soneto “Hum negro magro em sufilie justo” (BNRJ50,59, p.269-70), como em MC, p.36, e que em AC2 é “Hum Negro magro, em sufilié mui justo” (AC2, p.320) como em L15-2b, p.65 e BPMP1388, f.22r. Como sempre, então, aparece claro que os poemas foram copiados de coletâneas distintas, e que sua origem é quanto mais variada.

No tocante à versão da *Vida*, há uma série de fortes coincidências textuais, ainda que não integrais. Veja-se o começo da obra:

| AC1                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | BNRJ50,59                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Abreviarey a vida de hum Poeta pouco cuidadozo de eztendela noz ezpaços da Eternidade, que lhe franqueou as portaz. Escrevendo costumez do Doutor Gregorio de Mattoz Guerra, de toda a poezia Lyrica por ezpecial decreto da natureza; cujo enthuziaztico furor podéra só retratarse dignamente: porque de forma menos viva desconfia a equidade da taõ excellent materia. | Abreviarey a vida de hum Poeta pouco cuidadozo de eztendella noz ezpaços da Eternidade, que lhe franqueou az portaz. Escrevendo costumez do Doutor Gregorio de Mattoz Guerra de toda a poezia Lyrica por ezpecial decreto da natureza, cujo enthuziaztico furor podera só retratarse dignamente, porque de forma menoz viva desconfia a equidade da taõ excellent materia. |

Por outro lado, se há trechos de completa identidade, há também diferenças: por exemplo, BNRJ não cita nem o ano de 1740, tampouco o de 1740, diferentemente de AC1.

### 2.3.5 MC e BNRJ50,57

Já demonstramos que BNRJ50,57, copiado depois de 1850, é um mero *codex descriptus* de MC; não só os poemas são os mesmos, como, e é o que nos interessa, também a versão da *Vida* é idêntica, sendo inclusive a única que traz a data de 1623 como nascimento de Gregório.

### 2.3.6 BNRJ50,56, L15-2a e BPE587

Em BNRJ50,56 e L15-2a aparecem exatamente os mesmos poemas; só difere a ordem, porque L15-2a segue rigorosamente a divisão por metro, mais do que BNRJ50,56, que, ainda que dividindo, por vezes mistura; e, sobretudo, BNRJ50,56 separa no final os poemas de Eusébio, como bloco autônomo (inclusive declarando que são de Eusébio, enquanto L15-2a os mistura com os outros, a depender de sua forma métrica (ainda quem em pequenos blocos). Há no total 79 poemas em BNRJ50,56 e L15-2a.

Os mesmos poemas aparecem em BPE 587, com a exceção de “Na oração que desaterra...aterra”; o códice tem portanto 78 poemas. Só a ordem difere: poemas religiosos, o solilóquio de Violante do céu glosado, os poemas de Eusebio.

No que diz respeito à *Vida*, confira-se o título nas versões dos três códices:

BNRJ5056: “Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra. Escrita pelo Lecenciado Manoel Pereyra Rabello”

BPE587 (datado 1765) “Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escrita Pelo Lecenciado Manoel Pereira Rabelo”

L15-2a: “Vida, e morte do Doutor Gregório de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.el Pereyra Rabelo E mais apurada depois por outro Engenho”

Em nenhuma destas versões aparece citada a data de 1740; é preciso, porém, ressaltar como, diferentemente dos dois grupos citados anteriormente (AC e BPE303; MC e BNRJ50,57), as versões sejam muito parecidas, mas não idênticas. Por outro lado, isto parece natural, já que no próprio título da versão do L15-2a se diz “E mais apurada depois por outro Engenho”. De fato, se a *Vida* de BNRJ50,56 e de BPE587 são quase que iguais *ipsis litteris*, o texto de L15-2a difere em numerosos pontos,

ainda que, normalmente, por questões de floreios verbais e não de mudanças estruturais. Veja-se o começo das três versões:

| BNRJ50,56                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | BPE587                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | L15-2a                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Abreviarey a vida do Excelente Poeta Lyrico o Doutor Gregório de Mattos Guerra: pouco cuidadoso a estendella no espasso da eternidade, que lhe franqueou as portas: Escrevendo costumes, vida, e morte do Mestre mais excellente de toda a poezia lyrica por especial decreto da natureza, cujo favor poderia só retratarse dignamente; por que de forma menos viva desconfia a equidade de tão excelente matéria. Couzas direy menos decorozas ao sogeito da minha empreza; e por seguir aos ditames da verdadeira historia donde /2/ a integridade costuma tirar forças para enervar o commum proveyto, quero perder os lucros de piedozo Advogado contra exemplares famozos [...]. | Abreviarey a vida do Excelente Poeta Lyrico o Doutor Gregório de Mattos Guerra; pouco cuidadoso a estendella no espasso da eternidade, que lhe franqueou as portas: Escrevendo costumes, vida, e morte do Mestre mais excellente de toda a poezia lyrica por especial decreto da natureza; cujo favor poderia só retratarse dignamente: porque de forma menos viva desconfia a equidade de tam excelente matéria. Cousas direy indecorozas ao sogeito da minha empreza; e por seguir os dictames da verdadeira historia, onde a integridade costuma tirar forças para enervar o commum proveyto, quero perder os lucros de piedozo Advogado contra exemplares famosos [...]. | Rezumirey a vida do excelente Poeta Lyrico Gregório de Mattoz Guerra, para com este pequeno brado concorrer a estenderlhe o nome /2/ á Eternidade, que lhe franqueou as portas. E assim, escrevereý costumes, vida, e moprte deste illustre e mais excelente Engenho para toda a Poesia Lyrica, por especial privilegio da Natureza: não se me devendo estranhar, que no decurso desta minha empreza, se leyam couzas que pareçam indecorozas ao Sogeito de <i>que</i> falo; quando nisto sigo os dictames da completa historia; que he expressar os fastos, ou acçoens sem desvio, ou separ[ação] algũa da verdade. |

Portanto, se evidentemente estes códices são relacionados entre si, houve também a intervenção do “outro engenho” que separou as versões de BNRJ50,56 e BPE587, por um lado, e L15-2a, pelo outro.

## Índice dos códices BNRJ50,56; L15-2a; BPE587

| <b>BNRJ50,56</b>                                | <b>pág</b> | <b>L15-2a</b>                                    | <b>pág</b> | <b>BPE587</b>                                  | <b>pág</b> |
|-------------------------------------------------|------------|--------------------------------------------------|------------|------------------------------------------------|------------|
| Pequey, Senhor: mas não; porque hey peccado     | 48-49      | Pertendeis hoje, oh Deos sacramentado (EM)       | 1          | O alegre do dia entristecido                   | 61         |
| Meu Deos, que estais pendente em hũ madeiro,    | 49-50      | De barbara crueza revestida (EM)                 | 2          | Que es terra homem, e em terra has de tornarte | 62         |
| Que es terra, homem, e em terra hãs de tornarte | 58         | Como o teo odio a tal rigor te inclina, (EM)     | 3          | Entre as partes do todo, a melhor parte        | 63         |
| O Todo sem a parte, não hê todo,                | 59         | Nessa coluna fortemente atado, (EM)              | 4          | Via de perfeiçam he a sacra via                | 64         |
| O alegre do dia entristecido,                   | 60         | Esse Espelho, Senhora, cristalino, (EM)          | 5          | Falça gentilesa, e vaã                         | 65-66      |
| Ofendi-vos, meu Deos, bem hê verdade            | 61         | Estou, Senhor, da vossa Mão tocado;              | 6          | Temor de hu' dano, de huma oferta indicio      | 67         |
| Via de perfeição hê a Sacra via                 | 62         | Ofendi vos, meu Deos, he bem verdade;            | 7          | Como na cova tenebroza,e escura                | 68         |
| Estou, Senhor, da vossa mão tocado,             | 63         | Pequei, Snor: mas não porq^ hei pecado,          | 8          | Oh que discreta na eleiçam andaste             | 69         |
| Venho Madre de Deos ao vosso Monte,             | 64         | A vóz correndo vou, Brassos sagrado,             | 9          | A vos correndo vou, braços sagrados            | 70         |
| Entre as partes do todo, a melhor parte,        | 65         | Meu Deos, q^ estais pend.te em hũ madeiro,       | 10         | He a vaidade, Fabio, nesta vida                | 71         |
| Temor de hum damno de huã offerta indicio       | 66         | Temôr de hũ damno, de huã ofensa indicio,        | 11         | Sam neste Mundo Imperio da Loucura             | 72         |
| Como na cova tenebroza, e escura                | 67         | Como na cova tenebroza, e escura,                | 12         | Esse farol do Céo, fimbria luzida              | 73         |
| Oh que discreta na eleyação andastes,           | 68         | Divina Flor; si en essa pompa vana               | 13         | Divina flor, si en essa pompa vana             | 74         |
| A vós correndo vou braços sagrados,             | 69         | Fragante Roza em Jericó plantada                 | 14         | Fragante roza ~e Jericó plantada               | 75         |
| Hê a vaidade, Fabio, nesta vida,                | 71         | Oh que de Rozas amanhece o dia,                  | 15         | O que de Rozas amanhece o dia                  | 76         |
| Sam neste mundo Imperio de loucura,             | 72         | Desse cristal, que dece transparente,            | 16         | Desse cristal, q' desce transparente           | 77         |
| Esse Farol do Ceo, fimbria luzida               | 73         | Entre as partes do todo a melhor parte           | 17         | O magno Serafim, q' a Deos voaste              | 78         |
| Divina flor, si en essa pompa vana,             | 74         | O todo sem a parte não he todo,                  | 18         | Pertendey hoje, o DEOS sacramentado (EM)       | 79         |
| Na oração, que desaterra ..... a terra          | 75         | Oh quanta Divind <sup>e</sup> ! Oh quanta graça, | 19         | Hoje, que por meu amor (EM)                    | 80-82      |
| Ô quanta Divindade, ô quanta graça!             | 76         | Oh que discreta na eleição andaste               | 20         | Arrojado aos pés dos Homens (EM)               | 82-86      |
| Frangante Roza em Jericô plantada               | 77         | Venho, Madre de Deos, ao vosso Monte;            | 21         | Já sepultava os apollineos rayos (EM)          | 86-90      |
| Ô que de Rozas amanhece o dia!                  | 78         | Na conceição o sangue esclarecido,               | 22         | Vós, doce Bem, por hum traidor vendido! (EM)   | 91         |
| Desse cristal, que dece transparente            | 79         | Oh Magno Serafim, q^ a Deos voaste               | 23         | De barbara crueza revestida (EM)               | 92         |
| Ô Magno Saraphim! Que a DEOS voaste,            | 80         | O alegre do dia entristecido,                    | 24         | O' barbaro atrevido! (EM)                      | 93-94      |

|                                    |         |                                                     |         |                                              |         |
|------------------------------------|---------|-----------------------------------------------------|---------|----------------------------------------------|---------|
| Na conceição o sangue exclarecido, | 81      | Via de perfeição he a sacra via;                    | 25      | Como o teu ódio a tal rigor te enclina, (EM) | 95      |
| Quando o livrinho perdestes        | 82-84   | He a vaidade, oh Fabio, nesta vida,                 | 26      | O' cega tyrannia! (EM)                       | 96      |
| Falsa gentileza, e vaã             | 84-86   | São neste Mundo, Imperio de loucura,                | 27      | Nessa columna forte mente atado (EM)         | 97      |
| Numa cruz vos exaltastes,          | 87-89   | Esse Farol do Ceo, Fimbria Luzida,                  | 28      | Sedenta estava a crueldade humana (EM)       | 98-101  |
| Sendo Sol, que dominais            | 89-91   | Querido Filho meu, ditozo Espirito                  | 29      | Hoje, que taõ demudado (EM)                  | 101-05  |
| Depois de crucificado              | 91-93   | Que és terra, oh Home~, e em terra has de tornarte, | 31      | Meu Athalante soberano (EM)                  | 105-109 |
| Todo amante, e todo hino           | 93-95   | Quão elevado vives neste mundo                      | 32-40   | Pendente estava da Arvore da vida (EM)       | 109-112 |
| Jã sey, meu Senho, que vivo        | 96-97   | Nos brassos do occidente, agonizava (EM)            | 41-51   | Sacrilego, e arrojado (EM)                   | 112-3   |
| O' quem tivera empregados          | 98-100  | Pendente estava da Arvore da vida (EM)              | 53-58   | Esse Espelho, Senhora, cristalino, (EM)      | 113-4   |
| Ay meu DEOS, quem merecera         | 100-102 | Jã sepultava os cristalinos rayos (EM)              | 59-66   | Nos braços do occidente agonizava, (EM)      | 114-20  |
| Esta alma meu Redemptor,           | 102-104 | Sedenta estava a crueldade humana (EM)              | 67-72   | Ah Senhor, quanto me peza                    | 121-125 |
| Ay meu Deos, que já não sey,       | 104-106 | Vóz, doce Bem, por hũ traidor vendido? (EM)         | 73-74   | Querido filho meu ditoso espirito            | 125-6   |
| Cuydey, que não pemitisse          | 107-108 | Oh Bárbaro atrevido; (EM)                           | 75-78   | Meu amado Redemptor                          | 136-28  |
| Se no Pam vos disfarçais           | 109-111 | Oh céga tiranã, (EM)                                | 79-80   | Ofendi-vos, meu Deos, he bem verdade         | 129     |
| De hum barro fragil, e vil,        | 111-113 | Sacrilego, e arrojado (EM)                          | 81-82   | Na conceiçam o sangue esclarecido            | 130     |
| Jã se requinta a fineza;           | 113-115 | Hoje, que tão demudado (EM)                         | 83-89   | Pequey, Senhor, mas nam porq. hey peccado    | 131     |
| A â Meza do Sacramento             | 115-117 | Ay de mim, se neste intento                         | 90-94   | Meo Deos, que estaes pendente em hú madeiro  | 132     |
| Trez vezes grande, Senhor          | 118-119 | Antes de ser fabricada                              | 95-98   | Estou, Senhor, da vossa mam tocado           | 133     |
| Sol de Justiça Divino,             | 120-122 | Ah Senhor! quanto me pêza                           | 99-106  | Tremendo chego, meu Deos                     | 134-6   |
| Agora, Senhor, espero              | 122-124 | Meu amado Redemptor,                                | 107-111 | A Rainha celestial                           | 136-38  |
| Não he minha voz ouzadaa           | 124-126 | A Rainha celestial                                  | 112-15  | Oh quanta divindade oh quanta graça          | 138     |
| Mostray, Senhor a grandeza         | 126-128 | Quando o livrinho perdestes                         | 117-120 | O todo sem a parte, nam he todo              | 139     |
| Ay, quem bem conciderara           | 129-130 | Gosta Christo de mostrar                            | 121-23  | Venho Madre de Deos ao vosso monte           | 140     |
| Quem fora tão fino amante          | 131-133 | Entrou hum Bêbado hum dia                           | 124     | Quando o livrinho perdestes                  | 141-43  |
| Bem sey meu amado objecto          | 133-135 | Falha gentileza vãn                                 | 125-28  | Gosta Christo de mostrar                     | 143-44  |
| Se todo a vóz me dedico,           | 135-137 | Se o descuido do futuro                             | 129-35  | Entrou h~u bebado h~u dia                    | 144-45  |
| Nada, meu Senhor, vos digo,        | 137-139 | Salve Celeste Pombinha                              | 136-144 | Se o descuido do futuro                      | 145-49  |
| Ah, Senhor, quanto me peza!        | 140-144 | N'huma cruz vos exaltastes                          | 146-49  | Ay de mim se neste intento                   | 149-51  |



|                                          |         |                                  |         |                              |         |
|------------------------------------------|---------|----------------------------------|---------|------------------------------|---------|
| Se o descuydo do futuro,                 | 145-148 | Sendo Sol, que dominais          | 150-53  | Antes de ser fabricada       | 152-53  |
| Ay de mim, se neste intento,             | 149-151 | Depois de crucificado            | 154-57  | Salve celeste Pombinha       | 154-58  |
| Meu amado Redemptor                      | 152-153 | Todo Amante, e todo Digno        | 158-61  | Numa cruz vos exaltastes,    | 158-61  |
| Tremendo chego, meu DEOS                 | 154-157 | Já sey, meu Senhor, que vivo     | 162-65  | Sendo Sol, que dominais      | 161-63  |
| Quem da religiosa vida                   | 157-160 | Oh quem tivera empregados        | 166-69  | Depois de crucificado        | 163-65  |
| Antes de ser fabricada                   | 160-162 | Ay meu Deos, quem merecera       | 170-173 | Todo amante, e todo digno    | 165-67  |
| A raynha celestial,                      | 162-164 | Esta alma, meu redemptor         | 174-177 | Jâ sey, meu Senhor, que vivo | 167-70  |
| Gosta Christo de mostrar,                | 164-166 | Ay meu Deos! que já não sey      | 178-181 | Oh quem tivera empregados    | 170-72  |
| Entrou hum bebado hum dia                | 166     | Cuidey, que não permitisse       | 182-185 | Ay meu Deos, quem merecera   | 172-74  |
| Salve celeste Pombinha                   | 167-171 | Se no pão vos disfarçais         | 186-189 | Esta alma, meu Redemptor,    | 174-76  |
| Pertendey hoje, o DEOS sacramentado (EM) | 172     | De hum barro, fragil, e vil      | 190-193 | Ay, meu Deos, q. já nam sey, | 176-78  |
| Hoje, que por meu amor                   | 173-75  | Já, se requinta a fineza         | 194-197 | Cuidey, que não pemitisse    | 178-81  |
| Arrojado aos pés dos Homens              | 176-79  | Á meza do Sacramento             | 198-201 | Se no Pam vos disfarçais     | 181-83  |
| Já sepultava os apollineos rayos         | 179-84  | Trez vezes, grande Senhor        | 202-205 | De hum barro fragil, e vil,  | 183-85  |
| Vòs, doce Bem, por hum traidor vendido!  | 184-85  | Sol de Justissa Divino           | 206-209 | Jâ se requinta a finesa      | 185-87  |
| De barbara cruzea revestida              | 185-86  | Agora, Senhor, espero            | 210-213 | À Meza do Sacramento         | 187-89  |
| O' barbaro atrevido!                     | 186-88  | Não he minha vóz ouzada          | 214-217 | Trez vezes grande, Senhor    | 189-92  |
| Como o teu ódio a tal rigor te enclina,  | 188-89  | Mostray, Senhor, a grandeza      | 218-221 | Sol de Justiça Divino,       | 192-94  |
| O' cega tyrannia!                        | 189-90  | Ay, quem bem considerára         | 222-225 | Agora, Senhor, espero        | 194-96  |
| Nessa coluna forte mente atado           | 190     | Quem fôra tão fino Amante        | 226-229 | Nam he minha voz ouzada      | 196-98  |
| Sedenta estava a crueldade humana        | 191-94  | Bem sey, meu amado objecto       | 230-233 | Mostray, Senhor a grandeza   | 198-200 |
| Hoje, que taõ demudado                   | 194-98  | Se todo a vóz me dedico          | 234-237 | Ay, quem bem conciderara     | 201-3   |
| Meu Athalante soberano                   | 198-202 | Nada, enfim, Senhor, vos digo    | 238-241 | Quem fora tão fino amante    | 203-5   |
| Pendente estava da Arvore da vida        | 203-05  | Hoje que, por meu amôr (EM)      | 243-248 | Bem sey meu amado objecto    | 205-7   |
| Sacrilego, e arrojado                    | 206     | Arrojado aos pés dos Homêns (EM) | 249-255 | Se todo a vós me dedico,     | 207-09  |
| Esse Espelho, Senhora, cristalino,       | 207     | Meu Athlante Soberano (EM)       | 256-264 | Nada, meu Senhor, vos digo,  | 209-11  |
| Nos braços do occidente agonizava,       | 208-14  | Tremendo chego, meu Deos         | 265-269 |                              |         |
| 79 poemas                                |         | 79 poemas                        |         | 78 poemas                    |         |

Também, além disso, podemos observar como, pelo menos em dois casos de poemas que apresentam variantes significativas, as lições de **BNRJ50,56**, **L15-2** e **BPE587** sejam conjuntivas, contrapondo-os aos demais códices nos quais os poemas aparecem. Veja-se por exemplo o caso de “Jâ se requinta a finesa/Já requintada a fineza”, já citado acima (2.3.4):

| <b>Código</b> | <b>Primeiro verso</b>    | <b>página</b> |
|---------------|--------------------------|---------------|
| BPE587        | Jâ se requinta a finesa  | 185-87        |
| BNRJ50,56     | Jâ se requinta a fineza; | 113-115       |
| L15-2a        | Já, se requinta a fineza | 194-97        |
|               |                          |               |
| AC1           | Já requintada a fineza   | 345           |
| BPE303        | -----                    |               |
| BNRJ50,59     | Já requintada a fineza   | 166-68        |
| TT46          | Já requintada a fineza   | 101r-102r     |

Ou, no caso de um poema de Eusébio, mas que aparece junto aos de Gregório, “Pendente estava da Arvore da vida”:

| <b>Código</b>       | <b>Primeiro verso</b>             | <b>página</b> |
|---------------------|-----------------------------------|---------------|
| BNRJ50,56           | Pendente estava da Arvore da vida |               |
| L15-2a              | Pendente estava da Arvore da vida | 53-58         |
| BPE587              | Pendente estava da Arvore da vida | 109-112       |
|                     |                                   |               |
| AC1                 | Pendente estava da Arvore da Cruz | xxv-xxviii    |
| BPE303              | -----                             |               |
| MC/BNRJ50,61/<br>TT | -----                             |               |

### 2.3.7 Códices isolados

Com relação aos códices setecentistas em mais de um volume nos quais aparece a *Vida* (**BNRJ50,56** e **BNRJ50,57a**, **BNRJ50,59** e **BNRJ50,59A**), remeto a quanto escrito acima, com a ressalva de que, nestes códices, não temos indicações quanto à existência de outros volumes, e portanto podemos unicamente supor que, dada a disposição da matéria (presença da *Vida*; colocação da lírica sacra no começo do primeiro volume; cuidado na disposição e arrumação do texto; mão única, regular e elegante), integrassem séries de códices em quatro volumes, como MC/BNRJ50,61/TT45/TT46 ou L15-2.

O único códice no qual aparece a *Vida* e que não pode, por enquanto, ser relacionado com outros volumes existentes é um dos testemunhos de Évora (**BPE587**), de pouco anterior à redação de **MC**; ainda assim, na página 59 do códice lê-se “Obras Deste Primeiro tomo Sacras Do Doutor Gregorio de Mattos e Guerra a varios assumptos em que louva a Deos, e a seus santos, como se verá. Anno de 1765”. Novamente aqui a *Vida* antecede a lírica religiosa, e novamente há a referência a uma coletânea em vários volumes.

### 2.3.8 Omissões, acréscimos e semelhanças

Vimos, portanto, que há significativas semelhanças entre todas as versões da *Vida*, e que o critério para estabelecer as relações entre os códices, de uma forma geral, deve levar em conta tanto o texto da *Vida* como os poemas transcritos ao longo do volume; mas vimos também que às vezes as semelhanças estabelecidas através da

comparação da *Vida* não são tão significativas no caso dos poemas, e vice-versa. Isto evidentemente se explica pela diferente problemática e dinâmica de transmissão manuscrita da poesia e da prosa: um texto como a *Vida* de Rabelo, se podia eventualmente ter circulação autônoma (ainda que não só isto não esteja comprovado, como também apareça pouco provável, pela prática da época) não circularia desmembrado, mas pelo contrário o *corpus* poético atribuído a Gregório só teve este tipo de circulação, em folhetos, cadernos ou coletâneas de vária natureza, e foi encontrar uma tentativa de organização e completeza muito adiante, quando já existiam inúmeros exemplares soltos, que foram justapostos de maneira vária e irregular.

Tentei resumir num quadro os principais trechos e as principais informações cuja presença ou ausência estabelece relações entre as versões da *Vida*; vimos acima como de uma forma geral a coincidência textual seja notável, e, pode-se acrescentar, haja um notável cuidado gráfico e ortográfico, com as oscilações que ainda vigoravam àquela época. Não me detive nos pequenos erros ou nas variantes menos significativas:

| 1. Códice | 2. Nascimento | 3. Irmãos | 4. Pegas     | 5. 1740 | 6. “com ser estrangeiro” | 7. Gatos do Minho | 8. bestas | 9. PE |
|-----------|---------------|-----------|--------------|---------|--------------------------|-------------------|-----------|-------|
| MC        | 7.4.1623      | N         | S            | S       | S                        | S                 | N         | N     |
| 50,57     | 7.4.1623      | N         | S            | S       | S                        | S                 | N         | N     |
| 50,56     | 20.12.1633    | S         | N            | N       | N                        | S                 | S         | S     |
| L 15-2a   | 20.12.1633    | S         | N            | N       | N                        | N                 | S         | S     |
| BPE 587   | 20.12.1633    | S         | acrescentado | S       | N                        | S                 | S         | S     |
| 50,59     | 20.12.1633    | S         | N            | N       | N                        | N                 | N         | N     |
| AC1       | 20.12.1633    | S         | N            | S +1743 | N                        | S                 | N         | N     |
| BPE 303   | 20.12.1633    | S         | N            | S +1743 | N                        | S                 | N         | N     |

Coluna 2 – Somente MC e seu *descriptus* colocam o nascimento de Gregorio no ano de 1623, contra todos os demais, que o colocam em 1633. Cf. quanto exposto acima.

3 – Como já relatado, somente MC e seu *descriptus* não oferecem as notícias concernentes aos dois irmãos de Gregório, Pedro e Eusébio, este conhecido autor de sermões publicados<sup>25</sup> e, talvez, poemas. A julgar pelo trecho, “Farêy particular menção dos dous primeiroz no segũdo tomo, para que o vltimo senão queixe dos dezarez que a minha pena poderia occasionarlhe, que hê menoz honra ser hum accidentalmente grande, que o ter vinculada sua grandeza na especie generativa” (MC, ix) e considerando que nem em BNRJ50,61 nem em qualquer outro volume há uma continuação da *Vida*, podemos avançar a suposição de que por alguma razão o texto relativo aos irmãos do qual o copista de MC estava transcrevendo estivesse corrompido de alguma forma, inclusive porque o trecho em si não faz muito sentido, e é evidentemente readaptação da versão dos outros; veja-se por exemplo BNRJ50,59: “Farei particular menção doz douz primeiroz, para *que* o último se não queixe do dezaire, *que* a minha pena poderia ocasionarle, que he menoz honrra ser hum accidentalmente grande *que* o ter vinculado sua grandeza na especie generativa” (BNRJ50,59, 7).

4 – Novamente, só MC e seu *descriptus* relatam ao longo do texto a publicação das sentenças de Gregório na obra de Pegas; o BPE 587 relata a notícia, mas acrescentando a informação à margem do texto.

5 – Quanto à citação do ano de 1740, está ausente somente dos códices BNRJ 50,56, L15-2a e BNRJ 50,59.

6 – Novamente, só MC e seu *descriptus* incluem um trecho que, porém, me parece de especial interesse: “A melhor pintura desta verdade se pode ver nas vozes, que sobre

ella declama o mesmo Poêta, onde sem hyperbole de Muzas resplandece a propriedade tal, **que eu com ser ezstrangeiro** acreditara a Poezia com o juramento doz Santos Evangelhos” (MC, xliii).

Na porção do texto que mais oferece diferenças entre os códices, na parte da narração que antecede imediatamente a viagem de Gregório para Angola, há três trechos que aparecem só em alguns dos códices:

7 – Gatos do Minho: somente L15-a e BNRJ50,59 não citam este trecho que reproduzo na versão de MC:

Fazendo porem verdadeira distincão nos nossos naturaez, que sam comprehendidos nesta mizeria, culparei sómente os das fecundissimas Provincias de Beira, e Minho (salvando oz Nobres), e hê de reparar, que /XLVI/ sendo estes, os que com mayor necessidade se lançaõ a buscar dinheiro, saõ estez mesmos aquelles, cuja soberba hê tam formidavel a quem os remedêa. Vejamos esta queixa alegorizada pella nossa Aguia sobre o gato de hum Meirinho.

Naõ posso comer ratinhoz,  
 porque cuido, e nam me engano,  
 que de meo amo sam todos,  
 ou parentes, ou paizanos.  
 Porque os ratinhos do Douro  
 sam grandissimos velhacos,  
 em Portugal saõ ratinhos,  
 e cá no Brazil sam gatos.

Mas deixando esta materia por irremediavel, e nam por temer as unhas destez /XLVII/ gatos, hirey seguindo o meo infeliz Poeta em sua fatal navegaçaõ (MC, xlv-xlvii)

---

<sup>25</sup> Cf. MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*. Catálogo comentado

8 – Somente BNRJ 50,56, L15-a e BPE587 citam o trecho a seguir, que reproduzo na versão de BPE587; os demais omitem o trecho por inteiro.

Estes eram os fundamentos, e outros semelhantes motivos das satyras do nosso Poeta; *que* talvez zeloso da Patria, ou da honra de Deos, corregia com a sua espada a quem nam podia ofender por outro modo; como se vê no quarteto seguinte, no qual explica esta magoa,

Os Brasileiros sam bestas,  
pois estão a trabalhar,  
sòmente para manter  
maganos de Portugal.  
(BPE587, p.41-42)

9 – Unicamente BNRJ50,56, L15-2 a e BPE 587 incluem no texto o seguinte trecho, relativo à razão de Gregório ter ido de Angola a Pernambuco e não ter voltado para a Bahia.

Servio-se delle [GM] o Governador no adjunto, *que* se fez na condenação dos cabeças daquele motim, que foram arcabussados pellos ouvidos; e desempenhando a recomendação de D.Joam de Alencastre na ocasiã que o desterrou; dêo liberdade, para se transportar à sua Pátria: Despedido do Governador, com extraordinarias honraz, e das principais pessoas, se embarcou para Pernambuco, por nam haver na ocasiã embarcaçã para a Bahia (BPE587, p.43-44).

Nos demais manuscritos, como p.ex. BPE303, o mesmo trecho é assim: “Servio-se delle para adjunto na condenação dos cabeças daquele motim, que forão arcabuzados pelos ouvidos; e dezempenhando a recomendação de D. Joaõ de Alencastre deu-lhe liberdade para embarcarse a Pernambuco” (BPE303, 34v). MC, AC1, BNRJ50,59 reproduzem o mesmo texto.

### 2.3.9 Relações

À luz de quanto exposto, e na base da análise do conteúdo dos códices, de variantes textuais, de omissões ou acréscimos de uma versão para outra da *Vida*, pode-se portanto considerar que existem determinadas relações entre os códices que contêm a *Vida*, ainda que, como dito anteriormente, em alguns casos estas considerações tenham validade unicamente para o texto da *Vida*, e não para os poemas; estabeleci as seguintes três famílias de códices:

|   |           |            |           |
|---|-----------|------------|-----------|
| a | BNRJ50,56 | BPE587     | L15-2a    |
| b | AC1       | BPE303     | BNRJ50,59 |
| c | MC        | BNRJ 50,57 |           |

Sendo que BNRJ50,57 e BPE303 são, como relatado acima, *codices descripti*, e que portanto o esquema reduziria-se ao seguinte:

|   |           |           |        |
|---|-----------|-----------|--------|
| a | BNRJ50,56 | BPE587    | L15-2a |
| b | AC1       | BNRJ50,59 |        |
| c | MC        |           |        |

Não me parece possível, porém, marcar claramente uma árvore genealógica.

De todos os códices, aquele que apresenta mais peculiaridades é o MC, que, se não for o mais recente, com certeza não é o mais antigo; pela observação da letra e pelas ausências de acréscimos evidentes, enfim, por ser o mais enxuto, tendo a considerar o BNRJ50,59 como o mais antigo, sendo, porém, que isto não o qualifica necessariamente como o (utópico?) *codex optimus*.



## 2.4 Edições impressas da *Vida*

Assim como a obra do poeta por ela biografado, a *Vida* também correu manuscrita durante muitos anos antes de conhecer a primeira publicação, ainda que muito parcial, em 1841<sup>26</sup>. A edição completa do texto só veio acontecer em 1881, graças a Alfredo Valle Cabral, e hoje a *Vida* encontra-se publicada em 6 versões:

- *Vida do dr. Gregório de Matos Guerra*. Ed. Valle Cabral. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1881. 37 páginas [BNRJ 50,57];
- Vida do Dr.Gregório de Mattos Guerra, in *Obras Poéticas*. ed. Valle Cabral. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882. p.3-37 (reedição da anterior) [BNRJ 50,57]
- Vida e morte do Doutor Gregório de Mattos Guerra, escrita pelo Licenceado Manuel Pereira Rabelo, e mais apurada depois por outro engenho in *Obras de Gregório de Matos*. dir. de Afrânio Peixoto. 6 voll. Rio: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933 (Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Satírica, IV e V, 1930; Ultima, VI, 1933) I, 1929, p.39-90 [L 15-2a]
- Vida do Grande Poeta Americano Gregório de Mattos Guerra , *ibidem*, VI, 1933, p.59-95 [BNRJ 50,59]
- Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos e Guerra, in *Obras completas de Gregório de Matos*. Crônica do viver baiano seiscentista. Ed.James Amado. 7 vols. Salvador: Janaína, 1968, VII, p. 1689-1721, e novamente na segunda edição, Gregório de Matos, *Obra Poética*. Ed James

---

<sup>26</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Biografia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc. In *Revista Trimestral de História e Geografia, ou Jornal do Instituto Histórico-geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, III, n. 9, 1841, págs. 267-274. Barbosa evidentemente consultou MC, porque no *Parnaso Brasileiro* escreve que Gregório nasceu em 1623. cit, p.47.

Amado. Notas de E. Araújo. 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1990, II, 1251-1270 [AC1]

- Vida do Doutor Gregório de Mattos Guerra Escrita pelo Licenciado Manoel Pereira Rabello. Publicada por ESPÍNOLA, Adriano. *As artes de enganar*. Um estudo das máscaras poéticas e biográficas de Gregório de Mattos. Rio de Janeiro: Topbook, 2000. p.349-379. [BNRJ50,56]

Excetuando-se as duas primeiras, nas quais o texto é idêntico, cada uma destas versões corresponde a um diferente códice manuscrito: a saber, três da Biblioteca Nacional do Rio, um da Biblioteca do Itamaraty e um dos que pertenciam a Celso Cunha e agora estão conservados – pouco cuidadosamente, porém, se um volume foi extraviado há alguns anos – na Biblioteca da UFRJ.

### 3 TRANSCRIÇÃO DO TEXTO DA VIDA

Escolhi transcrever o texto de MC por ser um códice inédito. No final do texto, acrescentei como apêndice o trecho relativo aos irmãos de Gregório, ausente em MC, transcrevendo-o do manuscrito BNRJ50,59.

#### 3.1 Critérios e características

##### 3.1.1 Critérios de edição

Fiz uma edição semi-diplomática do texto, obedecendo aos seguintes critérios:

Elementos separados de uma mesma palavra foram unidos (p.es. xxxix: “quali dade” > “qualidade”) e vice-versa foram separadas as diferentes palavras escritas juntas (p.es. iii: “Bahia detodos” > “Bahia de todos”).

Todas as abreviações foram abertas, usando o itálico. Es: q' = *que*

Todas as alternâncias gráficas foram mantidas.

Os possíveis acréscimos, a serem considerados meramente como sugestões no caso de erros evidentes no texto ou na métrica, foram assinalados com os colchetes [ ].

As raríssimas expunções, realizadas somente em casos evidentes de erros do copista, foram assinaladas com parênteses angulares < > .

A pontuação não é excessivamente diferente do uso moderno e de qualquer forma não impede a compreensão do texto; conseqüentemente, não foi alterada.

A mudança de página foi indicada com as duas barras // em negrito. **Es:**  
**/34v/**

Entre as listadas em seguida, estas particularidades gráficas foram reconduzidas ao uso moderno:

$\varepsilon = h$

ʃs = ss.

### 3.1.2 Características gráficas e ortográficas

As características gráficas principais são:

- o *h* tem a aparência de um épsilon ( $\varepsilon$ )
- *ss* normalmente é representado com ʃs
- os sinais diacríticos são usados de forma muito variada: o acento circunflexo pode indicar a crase ou qualquer acento, e algumas raras vezes é usado no lugar do til; o acento agudo pode indicar também a crase; às vezes no lugar do til é usado um apóstrofo.
- A pontuação é variada e usada de forma relativamente parecida com o uso moderno.

Características ortográficas

- O uso de consoantes dobradas é relativamente comum, mas não excessivo. Pode-se observar a duplicação, além de **r** e **s** (eles também de forma notavelmente casual) de todas as demais consoantes, com as únicas exceções de **d**, **g**, **q**, **v**. Estes fenômenos não são regulares e normalmente não obedecem a preocupações etimológicas.

- As vogais e os ditongos nasais estão representados de forma muito diferente da atual, e com uma certa inversão:

- freqüentemente *-ão* atual é representado **-am**
- *-am* por sua vez é grafado **-ãõ**
- o ditongo *ão* é reproduzido como **aõ**
- normalmente as terminações *-ães* e *-ões* estão reproduzidas abrindo o til em **n**:

**-aens, -aenz; -oens, -oenz.**

- O ditongo *eu* é muito freqüentemente **eo** (nunca, porém, quando se trata do pronome de primeira pessoa).
- No lugar do prefixo *en* muitas vezes encontra-se **em**: **emsaboar**.
- A terminação *-is* do português atual (do plural de *-al*) aqui está grafada **-es** (es. “animaes”).
- O uso de **c, ç, ch, s, z** é muito diferente do atual e apresenta numerosas oscilações, até mesmo dentro do mesmo texto ou da mesma página.
- A terceira pessoa singular do presente indicativo do verbo *ser* sempre está precedida por **h** e por vezes aparece acentuada: **he, hé, hê**.
- Os artigos e numerais *um, uma* sempre estão precedidos por **h**: **hum, huma, huns, humas**.
- Por vezes pode-se observar metátese nos prefixos *per-, por-*. **Es: pergunta**.
- As vogais átonas pré-tônicas *e, o* às vezes aparecem grafadas como respectivamente **i, u**. **Es: difiniçam**.
- **y** aparece freqüentemente no lugar de *i*: **Vieyra**.
- freqüentemente há troca entre **x** e **ch**: **caximbo**.

### 3.2 Transcrição do texto da *Vida*, do códice MC

/V/

Vida  
Do Doutor  
Gregorio de Mattos Guerra

Abbreviarey a vida de hum Poêta pouco cuidadozo de estendella nos espaços da eternidade, que lhe franqueou as portas: escrevendo costumez do Doutor Gregorio de Mattos Guerra, Mestre de toda a Poezia Lyrica por especial decreto da natureza: cujo enthuziastico furor podéra sô retractarse dignamente; porque de forma menos viva desconfia a equidade tam excellente materia.

Couzas direi menos decorozas ao sujeito de minha empreza: e por seguir /VI/ os dictames da verdade historica, donde a integridade costuma tirar forças para enervar ao commum proveito: quero perder os Louros de piedozo aduogado contra exemplarez famosos, que comentando, ou redimindo as obras de benemeritos talentos affectam justificar-lhe as vidas no resumo dellas, de modo, que pareça impeccavel aquelle de quem o Ceo confiou oz erarios da sua profluencia. E se a geral opiniaõ reprovar esta maxima por dezabrida, o mezmo sujeito, que dezcrevo me apologiza, cujas doutrinas persuadem sempre a verdade nua.

Outras negaveis, que introduzio a vulgaridade confuza, cujos louvores vem a ser o mayor desdouro dos grandez homens; como haver Luiz de Camoens respondido desde huã taverna ao Pontifice repentinamente a couzas altas; convencer-se o seo grande talento das frioleiras de Maria Cortez: Terem os pescadores de Corintho poder de manterem /VII/ o grande Homero com huã piolhoza advinhação, que lhe propozerão: e fazer Gregorio de Mattoz na hora de sua morte satyras a mesma Imagem de Christo Nosso Senhor, com que agonizava catholico, e sabio.

Nasceo na Bahia de todoz os Santoz Capital Cidade do Estado do Brazil ao cruzeiro de S.Francisco da parte do Norte em cazas, cuja figurada cornija de

medalhas Imperiaes ainda hoje as distingue caprixosamente nobrez. Os Pays que o deraõ à Luz em sette de Abril de 1623 foraõ Pedro Gonçalves de Mattos, Fidalgo da Serie dos Escudeiros em Ponte de Lima natural dos Arcos de Valdevez; e Maria da Guerra matrona geralmente conhecida de respeito em toda a Cidade; cujas prendas intellectuaes amaçaraõ hua trindade de talentos capaz de resplandecer no coração da mesma Roma. A quinze do ditto mez recebeo a graça baptismal com o nome de Joaõ na Cathedral, que /VIII/ depois o Venerando Prelado D. Pedro da Sylva, e S. Payo pella pia occurrencia, e milagrozo auspicio de Saõ Gregorio Magno collocado em Nossa Senhora da Ajuda lhe mudou em Gregorio, mysteriozo agouro, de que seria Gregorio doutamente grande o tenro affilhado: mas dirigida aquella mudança de algum modo a favorecer a distincão de seos Pays.

Eraõ estes de tal maneira ricos, que possuhiaõ com outraz fazendas hum soberbo canavial na Patatiba fabricado com perto de cento, e trinta escravos de serviço, que repartia a çafra por douz engenhos: cujo rendimento supria Largamente os gastos de hum liberal tractamento, e caridade com os pobrez; mas nada disto basta para que hũ Poëta sendo grande se escuze de morrer noz braços da mayor miseria.

Foi o Doutor Gregorio de Mattos /IX/ Guerra, o ultimo filho de tres varoens que nasceraõ deste matrimonio dotadoz pella natureza com oz mayores thesouros; mas a fortuna sempre opposta aos morgadoz da natureza veyo a consumir-lhe aquelles nomes, que ambicioza a fama pedia; e naõ sem apparencias de virtude, increpando o desalinho a pouca estimaçaõ *et cetera*; achaques, que sempre toma de aniquilar os benemeritos, e desgraça repetidas veses chorada de sua Maay, que com agudeza natural dizia: = Deo-me Deos tres filhos como trez sovellas sem cabo. Farêy particular mençaõ dos dous primeiroz no segũdo tomo, para que o vltimo senão queixe dos dezarez que a minha pena poderia occasionarlhe, que hẽ menoz honra ser hum accidentalmente grande, que o ter vinculada sua grandeza na especie generativa.

Gregorio, que deste triunvirato sapiente hẽ o nosso particular assumpto, criou se com a boa estimaçaõ que inculcavaõ os seoz haveres /X/ e suas honras. Soube maiz que os seos Brasileiros contemporaneos factalmente agudo; com o

temperamento do clima; sendo Lastima carecerem de mestres para toda a faculdade: porque Athenaz perdera de huma vez aquella soberba com que se reproduz em desprezo do mundo.

Passou a Coimbra, onde não teremos por novidade, que aprendesse, ou que admirasse, quem tanto de caza levava as potencias dispostas. Direy sómente, que asombrou na Poezia: porque Belchior da Cunha Brochado seo contemporaneo depoiz Dezembargador na Rellação deste Estado escreveu a certo cavalleyro da corte em hũ periodo succinto o mayor elogio do seo enthuziazmo. Anda aqui (dizia elle) hum Estudante Brasileiro taõ refinado na satyra, que com suas imagenz, e seos tropos, parece *que* bailha Momo as cançonetaz de Apollo. Não devia de haver-lhe /XI/ visto as valentiaz amorozas para enviar outra cedula aos apaixonados de Joaõ Baptista Marini pelo postilhaõ de Italia: mas como o mayor desta materia se destina a perpetuo silencio pela impuridade doz termos, que a modeztia Portugueza não permite; triunfem os Italianos embora que Lâ deve de haver necessidade daquillo mesmo que câ se dezpreza.

Doutorou-se na faculdade de Leys, e passando a corte a praticar os termos da judicatura com hum dos melhores Letrados della, lhe conciliou grandez creditos occazo seguinte.

Defendia ezte Letrado hum pleito a certo Titular taõ volumozo, que o conduziaõ Mariolaz quando era precizo. Era a cauza civil sobre a possessaõ de hunz morgados, e ezpirava contra aquelle cavaleyro, que só queria empatar-lhe a execuçaõ: e neste empenho nem huã ezperança lhe dava o seo /XII/ Advogado com os melhores da corte. Mas por animar o affligido Pleiteante resolveo mandallo ao Doutor Gregorio de Mattos, dizendo que só daquella viveza confiava o remedio paleativo a sua Excellencia, dado que o houvesse. Conduziram aquelle volumoso Labyrintho para a caza do nosso Praticante, com oz mayores encarecimentos lhe supplicou o Fidalgo, que pozesse os olhos naquelle instrumento de sua perdiçaõ, examinando-lhe oz menores incidentes para embargo, cuja extençaõ dirigia a concertar-se com a parte vencedora por meyo de algum rezpeito.



Era meyo dia, foi-se o Fidalgo, e não lhe sofrendo descanso o seo alvorço antes de vespervas, partio a examinar se se desvelava, ou não com os auttos o novo Letrado; mas achando-o na janella, que palitava sobre o jantar grandemente affligido rompeo em queixaz do pouco cuidado, que lhe dava couza /XIII/ de tanta importancia. Socegue Vossa Excellencia (lhe disse o bom Gregorio) que oz auttos estão vistos, e nelles o remedio, que dezejamos, muito avantajado, e proseguio dizendo: Neste termo de autuaçam temos embargos de nullidade a todo o processo, porque no anno aqui mencionado, antes, e depoiz corria hum Decreto de Filippe 4º; que condemnava nullos aquellez processos começados em papel, que não tivesse o sello das armaz de Castella; e como alcansou o decreto este de que tractamoz, e lhe falta o sello, segue-se que está nullo: Com esta destreza se trocaram az fortunas dos Pleiteantez, e o Novato se acreditou por Aguia de melhor vizta.

Hê tradiçãõ constante, que servio na corte o lugar de Juiz do Crime. E que tambem servio o de Orphaonz se mostra de hua douta sentença sua proferida em 2 de Novembro de 1671; que traz Pegas no tomo 7º a Ordenaçãõ Livro 1 titulo 87 §24. /XIV/ Chegou a merecer a attençãõ do Senhor Rêy D. Pedro II; entãõ Principe Regente da Monarchia, pello bom, e particular conceito, que fez de sua grande Litteratura, e rectissimo proceder: e daqui se foi engolfando em merecimentos. Com promessa de lugar na Supplicaçãõ o mandava Sua Alteza ao Rio de Janeiro devassar dos Crimes de Salvador Corrêa de Sãa Benavidez, mercê que fatalmente regeitou. Hunz dizem, que por temer as envidadas de taõ poderozo, quam resolutu Reo, quando tinha firme o propozito de observar justiça. Outroz que com algum atrevimento indecoroso capitulara com o Soberano a mercê antecipada ao serviço, dando a entender que fiava pouco em promessaz, ainda que Reaes.

Isto hê o que se conta, e sempre ouvî dizer a Pessoaz de melhor noticia: maz como os papeiz a daõ sempre indubitavel, e se faz merecedor de engano (como dîz Camoenz) quem /XV/ acredita mais o que lhe dizem, que o que vê; affirmarêy que o Doutor Gregorio de Mattos cahîo da graça do Soberano a persuaçãõ de algum prejudicado em suas satyras, sem que atrevida, ou temerozamente recuzace mercêz. Thomas Pinto Brandaõ em hum resumo, que fas da sua mesma vida dîz,

que viéra ao Brazil na companhia delle, que se retirava descontente de lhe negarem aquillo mesmo, com que rogavaõ a outroz, e isto por ser Poeta, e Jurista famozo.

Procurei hirne chegando  
a hum Bacharel mazombo,  
que estava para a Bahia  
despachado, e desgostozo.  
De lhe não darem aquillo,  
com que rogavaõ a outros,  
pello crime de Poêta,  
sobre Jurista famozo.

Daqui infiro, que invejas de huã, e indignaçõens de outra prenda ocasionaraõ, que o Doutor /XVI/ Gregorio de Mattos se retirasse desgostozo para a Patria daquellas injustiças que de ordinario padecem na Corte os benemeritos. E com elle mezmo provarei o que digo, que hê Autor sem suspeita, escrevendo humas decimas, a D.Joaõ de Alencastre.

Mas inda que desterrado  
me tem o fado, e a sorte,  
por hum Juiz de mâ morte  
de quem não tenho appellado:  
Hê hoje que sois chegado  
Senhor o tempo que appelle:  
fazey, que a El Rey o desvelle  
pagar o serviço meu,  
poiz hê bizarro, e só eu  
não vim muito pago delle.

Esta queda do conceito de El Rey devia de occasionar-lhe certo semivalido contra quem indignado soltou o meo Poêta oz diques á sua musa, mostrando desde Lisbõa ao mundo a mais /XVII/ venenosa satyra, que podéra escogitar o mesmo Apollo. Sempre que Leyo este ramallete de viboras me acordo do miseravel Bupalo, que dezesperado de honra se enforcou, por haver sido assumpto de outra menos viva talvéz do que esta; cujo Heroé devâ de amar menos a honra, do que a vida. Foi tal esta obra que o mesmo soberano à decorou, fazendo gloriozo apreço de suas figuradas consonancias, quando o dezafojo da Magestade o permetteria.

Despachado, e desgostozo, que saõ termoz encontrados (diz Thomas Pinto) que viêra para a Patria o Doutor Gregorio de Mattos: e veyo desgostozo por lhe negar El Rêy o adiantamento que merecia; mas despachado; porque sendo provido na Dignidade de Thezour[eir]o Mor da Sé da Bahia, D Gaspar Baratta de Mendonça primeiro Arcebispo della lhe cometteo o cargo de Vigario Geral, que aceitou, e com estes empregos se embarcou para a Patria, dezenganoado de poder lograr /XVIII/ o fructo de suas virtuozas Letras em huma Corte que o reconheceo agudo, para temello ouzado. O Dezembargador Christovaõ de Burgos de Contreiras natural da Bahia, que depoiz o foi na Rellação de Lizboa lhe facilitou a passagem na sua conducta; e em Julho de 1681 entrou a exercer de Ordenz menores aquelles cargos, que trouxéra, trajando porem o habito secular todo aquelle tempo, que lhe ficava livre das Obrigaçoenz Eccleziasticas: capricho, que principiou a aruinallo com os Governadorez do Arcebispado, a quem como homem, sem interesse pagou na mesma especie, e mais avantajado; porque os erros do habito heraõ nelle menores, que os do costume naquelles, cuja parcialidade se augmentara por horas, em contrapozição da Luz: e o Padecente, que conhecia o seo damno com vista clara, queria reparar a inimizade de todos com a sua. Elle o pinta magistral-mente nestes versoz.

/XIX/ Querem-me aqui todos mal,  
 mas eu quero mal a todos,  
 elles, e eu por varios modos  
 nos pagamos tal, por qual:  
 E querendo eu mal a quantos  
 me tem odio tam vehemente,  
 o meo odio hê maiz valente,  
 poiz sou só, e elles sam tantos.  
 Algum amigo, que tenho,  
 se hê, que tenho algum amigo  
 me aconcelha, que o que digo  
 o cale com todo o empenho:  
 Este mo dîz, dis-me o outro,  
 que me nam fie daquelle,  
 que farei se me diz delle,  
 que me nam fie aquelle outro.

Era o Doutor Gregorio de Mattos acerrimo inimigo de toda a hypocrisia virtude, que se podera, devia moderar, attendendo ao coztume dos prezentes seculos, em

que o mais retirado Anacoreta se enfastia da verdade /XX/ crua. Mas seguindo os dictames da sua natural impertinencia habitava os extremos da verdade com excandaloza virtude, como se nunca houveram de acabar-se as singelezas da primeira idade; e bem que se communicava com os doudos daquella prodigioza chuva, nunca se resolveo a molhar a cabeça, como admiravelmente o diz na obra em que redargue a doutrina, ou maxima de bem viver, que seguem muitos politicos de envolver-se na confuzam de homenz perdidos, e nescios, a qual o Leytor veja por me fazer mercê, e desta contumacia lhe nasciam os quebradouros della. Nem havia Lizonja, que fomentasse as durezas daquelle dezengano. Vai outro exemplo com ezta decima.

A nossa Sê da Bahia,  
 com ser hum mapa de festas,  
 hê hum presepio de Bestas,  
 Senaõ for de estribaria,  
 /XXI/ varias Bestas cada dia  
 vejo que o sino congrega:  
 Caveira mula Galega,  
 Deam burrinha bastarda,  
 Pereira mula de albarda,  
 que tudo da Sê carrega.

Pareceo a certo Conego, que não hã incluido nesta decima, onde o seo nome se não mostrava, e promptamente lhe veyo agradecer com palavras humildez, mas o bravo lhe respondeo: não Senhor Padre, Lá vây nas bestas: Hê verdade, que naquelle tempo eraõ poucos ou nemhuñz os formados que vestiaõ murça, e tanto, que para se authorizarem aquellez Lugares capitulavaõ conveniencias os Sugeitos benemeritos, pello contrario do que agora passa.

Com esta singular opiniaõ passou o Doutor Gregorio de Mattos de huã corte /XXII/ de Sabios, que o representavaõ grande, a huã colonia de presumidos, que o aborreçiaõ critico, experimentando por peyor condiçaõ desta troca dezigual o entregar-se nos braços da mesma Patria: onde o mais purificado, sempre tem o dezar de o haverem visto menino. E como aquelle que olhou para o Sol, que qual quer sombra depois lhe parece abismo: a elle com a vista proxima de Lisbôa, se representavaõ inferno as confuzoenz da Bahia.

O genio Satyrico, o orgulho intrepido, não há duvida, que de justiça providencial se devia ao desgoverno destas conquistas, onde cada hum tracta de fazer a sua conveniencia, gema quem gemer, e se notou, que de algum modo moderaraõ os viciozos seos depravados costumes: de que veyo a dizer o grande Padre Antonio Vieyra que mayor fructo faziaõ as satyras de Mattos, que as Missoêns de Vieyra; mas bem podéra deyxar de dizer /XXIII/ muitas couzas, sem inteira informaçaõ, do que ao depois como Christaõ se arrependeo, dizendo ao Vigario da Muribeca em Pernambuco Antonio Gomez Baracho, que lhe doia na alma o que dicéra de Fr. Bazilio.

Com este genio poiz, e com esta valentia se féz Gregorio de Mattos aborrecido de huñz, e temido de outros. Estes lhe fingiaõ amizade, pello que receavaõ: aquelles lhe maquinaõ odio, pello que já sentiaõ: sendo o primeiro golpe da commum vingança, fazerem-lhe despir a murça Capitular com desprezo, por Sentença do Arcebispo D.Frei Joaõ da Madre de Deos, successor daquelle, em cujo tempo a vestira; se não hê que elle de moto proprio abandonou o beneficio, por se não accomodar ás pençoenz da sua rezidencia.

Poucos dias antes pertendeo este Prelado com piedozas mostras persuadir /XXIV/ ao Poêta que tomasse Ordenz' Sacras, para conservar-lhe os cargos; mas elle rezpondeo com inteira resoluçaõ, que não podia votar a Deos aquillo, que héra impozzivel cumprir pella fragilidade de sua natureza; e que a troco de não mentir, a quem devia inteira verdade, perderia todoz os thesouros, e dignidadez do mundo. Que o ser mâu secular, não héra taõ culpavel, e escandalozo, como ser mâo Sacerdote. Esta reposta ezperava sem duvida o Arcebispo, conhecida a inteyreza de Gregorio de Mattos. Sendo certo que se o quizéra conservar nos cargoz, não heraõ az ordenz condiçaõ necessaria. Valentia foi sem duvida offender a hum homem, que para dezpicar se não respeitava character, nem Potentade, trajando por espada a mesma foice de Saturno amolada nas ezquinas da Eternidade.

Desta Segunda declinaçaõ da fortuna, que com oz benz patrimoniaes muito antes /XXV/ havia vacilado, nasceo o precipicio treceiro que se encadeaõ os males, cazando com Maria de Povo, veuva honestissima quanto formozza = mas taõ pobre, que seo mezmo Tio Vicente da Cozta Cordeiro amigo do Poêta Lastimado do seo abatimento intentou dezpersuadillo. Mas vendo ser impozsivel, fez da sua

fazenda hum donativo, para que a sobrinha nam fosse totalmente destituida. Era o gosto de Gregorio de Mattoz, e não se trocava pelos mayores intereces, que nunca o dinheiro foi capaz de lhe apaixonar o animo. Vendeo já necessitado por trez mil cruzadoz huma sorte de terraz, e recebendo em hum sacco aquelle dinheiro, o mandou vazar no canto de huma caza, donde se destribuhia para os gastos, sem regra, nem vigilancia.

Posto já na obrigaçam de sustentar encargos de matrimonio, e aberto az portaz o Escritorio da vocacia poucos eraõ os defendidos /XXVI/ porque a inteireza do seo animo patrocinaua somente a mesma razaõ, em materias civeis; sendo inimigo voraz daquelles Advogados, que por juntarem cabedal enredaõ az partez no Labyrintho de incertas opinioêns. Se algumas vezes defendeo contra o que entendia, eraõ as cauzaz crimes, onde a summa justiça se reputa por summa iniquidade. Ninguem se acorda, que lhe regeitassem embargos, e toda a materia dellez se corporizava em quatro palavraz daquele experito Laconico, que sem offender gigantez formas conseguia a diminuiçaõ plauzivel das materias, Logrando na curta ezfera de qualquer Laconizmo alma substancial, rezivel graça, e inteligencia commûa, como ninguem. Por exemplo contarei algunz cazoz com brevidade.

Pleiteava Pedro o cabedal que havia dado com sua filha em dotte a Paulo /XXVII/ o qual depoiz de adornar a defuncta Esposa com Palma, e Capella, publicava que havia fallecido intacta. Defendia por parte do Autor o nosso Jurista, e provada Legalmente, rasoou o feito com esta vulgaridade

Gaita de folles não quiz tanger  
Olhe o Diabo, o que veyo fazer

Banhou se em agoas de flor o Patrono adverso, accusando de ridicularia indecente este rasoado, na extença formalidade do seo; mas hum, e outro Senado confirmando aquella Sentença veyo a conhecer o que realmente passava: e foi o que o Doutor Mattoz fallando pouco para merecer o menoz, dizia muito para conseguir o mais.

Outro Laconizmo se nos envolve na historia de hum Religiozo: /XXVIII/ para cuja inteligencia já dicemos o grande aborrecimento que tinha este homem a todo o fingido. Venerava aoz Religiozos verdadeiros tanto, quanto abominava aoz que com este Santo titulo apenas merecem o nome de Frades. Elle o díz nestes versoz.

Se virdes hum Dom Abbade  
Sobre o pulpito ciozo,  
Naõ lhe chameis Religiozo  
Chamai-lhe embora Frade.

Hum destes Frades pois se valeo do Doutor Mattos pedindo embargos para seo sobrinho Sentenciado a morte natural por haver furtado a naveta da sua Sachristia. Mas elle absolutamente o dezenganou que naõ estava em hora de o servir. Inztava o Religiozo por saber ao menos a razaõ da dificuldade, e com tudo naõ /XXIX/ poderey eu dourar a pirola da reposta. Hê (dizia elle) que neste instante se foi daqui Maria de S.Bento muito agastada, e féz aquella cruz na minha porta em juramento de naõ entrar maiz por ella. Illa hêy buscar, (tornou o Religiozo) se nisso está o valerme V.M., e logo foi representar à Mulata quanta necessidade tinha de Levalla a quebrar o seo juramento. Caprioxa era ella, mas em tal cazo caritativa acompanhou o triste pertendente, e posta já na presença deste singular, e exquisito genio, ouviu que lhe dizia assim. Naõ eraz tû ridicula, quem féz aquella cruz de aqui naõ tornar? Bem se vê que morriaz por esta introduçaõ. Ora vây que agora te mando eu. Foi se a Mulata exhalando veneno pellos olhos; e a vizta dos autos fez elle a seguinte trova por embargos.

/XXX/ A naveta, de que se tracta,  
era de Lataõ, e naõ de prata.

A vista doz autos digo, porque o processo nelles estava em termoz de lhe valerem, como valeraõ, ganhando sempre aplauzos pella atençaõ com que examinava oz menores incidentes.

Com a folhinha do anno Livrou a outro condemnado, contra quem as testemunhaz com verdade haviaõ jurado de vista sobre hum furto de noite escura a peditorio de seo amigo Joaõ Rodriguez dos Reys Mordomo entaõ da Mizericordia.

Hum homem de bayxa esfera, que por aquella iniquidade a que /XXXI/ no Brasil chamaõ fortuna sobio a desconhecer seo amo, comprando a vara de Juiz Ordinario na Villa de Igaracû em Pernambuco, fez hum auto criminal contra este, por lhe haver chamado por voz, como antez de o ver Juiz costumava. Defendia o nosso Jurista ao Reo, e confeçando a culpa, mostrou, que o não héra, comessando as razoenz com este argumento.

Se trataõ a Deos por tû,  
E chamaõ a El Rey por vos,  
Como chamaremos nos  
Ao Juiz de Igaracû?  
Tu, e vos, vos, e tu.

Estas, e outras obraz de mais agigantado porte no seo officio canonizaram o Doutor Gregorio de Mattoz pelo melhor Jurizta; de sorte, que no dia da sua morte dice o Ouvidor de Pernambuco, que lhe não /XXXII/ era affeiçoado: Já morreo quem entendia o direito. Mas se o dinheiro hê inimigo declarado da virtude mal poderia Gregorio de Mattos adquerillo defendendo o justo, e aconselhando o verdadeiro, arrebatado mayormente pelo furor das Muzas, cuja condiçaõ totalmente se encontra com oz Labyrinthos de Baldo, e Bartalo: conta-se, que muitas vezes aconteceo entrarem-lhe az partes com dinheiro concideravel, e os amigos com assumptos menos dignos, e que elle desprezava aquelles, por attender a estes, passando Laztimozas necessidades.

Era a Espoza hum pouco impasiente, talvéz pelo pouco pam, que via em casa, e tambem pelo destrahimento de seo Marido; cujas dezvolturaz claro se patenteaõ deztas obras: /XXXIII/ como veremos pellas rubricas de cada huã, posto que nem a todas se deva dar inteyro credito; e enfadada de huã, e outra dezesperaçaõ sahio de caza, e entrou pella de seo Tio, que depoiz de a reprehender asperamente veyo rogar ao Poêta com rasoenz de amigo, que a fosse buscar, ou consentisse ao menos, que elle lha trouxesse; e foi lhe respondido, que de nemhũ modo admitiria a sua mulher em caza, sem vir atada em cordaz por hũ Capitaõ do matto como escrava fugitiva. Assim se fêz pello maiz decorozo modo, e elle a recebeo, paga a tomadia do Regimento, protestando chamar Gonçalos aquelles Filhos, que



nascecem de tal matrimonio: porque a sua caza se podesse chamar de Gonçalo, com mulher taõ rezoluta.

Acoçado da pobreza, e sem esperança alguma de remedio em huã Terra, onde sômente o tem para triunfar da fortuna, quem /XXXIV/ por estradaz de iniquidade caminha; se entregou o Poeta a todo o furor da sua Muza, ferindo a huã, e outra parte como rayo, sem perdoar com os edificios altos a materia mais debilitada. E não achando a reziztencia, que talvez desesperado pertendia (negação fatal em tempos bellicozoz) elegeo peregrinar pellas cazas dos amigos, e sahio ao reconcavo povoádo de pessoas generozas, pella multidaõ florentissima de engenhos de asucar, precioza droga, que perdendo com o valor a estimaçaõ, **Levou** com sigo a dos Magnates Brasiliensez.

Por este Paraizo de deleites estragava a cythara de Apollo suaz harmoniozas consonancias, com assumptos menos dignoz de taõ relevante estrondo. Lascivas Mulatas, e torpes negras se ufanizaraõ dos Tropos, e Figuras de tao delicada Poezia. Mas, que muito, /XXXV/ se quando naufraga o baixel, quaes quer barbaros galeaõ a mais precioza mercadoria. Não quero persuadir, que a desesperaçã lhe occauzionou dezemvolturas; mas direy, que do genio, que já tinha tirou a mascara para manusear obscenas, e petulantes obras, em tanta quantidade, que das que tenho em meo poder, taõ indignas do prelo, como merecedoraz da melhor estimaçaõ se pode conztetuhir hum grande volume.

Mas a prodiga diffuzaõ de mal applicados conceituozos despendios nascia daz enchentes prodigioza daquella Musa, que sem esperança de que seos descuidoz correriaõ na futura estimaçaõ barateava versos a conjunçaõ dos accazos, facilitando Linguagenz ao genio dos sujeitos. Da mezma sorte que o celebrado Pintor Raphael de Urbino, que disfarçado em sua criminoza peregrinaçaõ /XXXVI/ pintava aos Oleiros Louça, e Taboletas de mesaõ aos Estalojadeiros, sem prevenir, que em sua posteridade seriaõ resgatados por alto preço aquelles borroenz milagrosos da sua malograda idêa.

Assestia-lhe nestas dezemvolturaz com outroz do mesmo genero aquelle celebrado trovador de chiztes, a quem huã titular lizonja proporcionou Thalia por

ama secca, que se prezava muito de ministrar-lhe assumptos, apesar dos melhores amigos que destas companhias lhe pronosticavaõ sempre a fatal ruina.

Governava entaõ D.Joaõ de Alencastre, secreto eztimador das valentias desta Musa, que a toda a deligência lhe enthesourava as obras desparcidas, /XXXVII/ fazendo as copiar por elegantes letras; quando de huã Nãõ de guerra desembarcou o Filho de certa Personagem da Corte com animo vingativo contra o Poêta por dizer-se, que havia satyrizado toda a honra de seo Paý: e bem que dizfarçava sua maligna intenção: toda a intenção maligna percebeo D.Joaõ dos mezmõs disfarçes della. Era este cavaleyro generosamente compadecido, e escogitando meyo de livrar huã vida, em que a natureza depozitara taõ singular prezadas, achou traças de segurar-lhe o perigo nos fingimentos de rigorozo justiceiro.

Ordenou aos Officiaes de Milicia, que sahindo fora da Cidade a toda a cautela lhe trouxessem prezo o Doutor Gregorio de Mattos. Mas não pode effectuar-se a diligencia porque suspeito della o Vigario da Madre de Deos Manoel Rodriguez, homem virtuoso, que /XXXVIII/ o hospedava, soube consumir naquella Ilha as mesmas prezumpções de ser achado. Mas o Governador impaciente com esta tiranna piedade, que lhe fruztava os meyo da sua piedosa tyrannia, comunicou a intenção ao Secretario de Estado Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, pessoa de bom entendimento, e como tal estimador do Poêta, e acordaraõ, que o mesmo Secretario fingisse, que o chamava para dar-lhe importantes avizos, que não poderiaõ ser menos de pessoas: e com carta de sua Letra se enviou portador intereçado naz melhoras do Perseguido.

Conhecida a Letra pello Doutor Gregorio de Mattos, e confiado na muita honra de Gonçalo Ravasco promptamente veyo a fallar-lhe no lugar determinado, que era a caza de Antonio de Moura Roulim tambem /XXXIX/ amigo, para que se veja, que quando oz amigos grandez se juntaõ empenhados a favorecer hum dezditado Poêta, será para o prenderem, e desterrarem por modo de fineza. Sempre tenho, que destas trez amizades, a primeira arastou com sagacidade, as duas por temer em seo governo os atrevidos cortes desta pena.

Alí poiz o prenderaõ, sem poder dar hum dezafoço ao discursivo; e metido na caza que chamam Leoneira na mezma portada do Palacio, mandou, que alí não deixassem chegar pessoa de qualidade nemhuã: e por maos de hum confidente criado lhe remetia para suztentar-se os manjares de sua meza particular: e desta particular prizam o trazladaraõ depoiz a cadêa mal seguros /**XL**/ de seo perigo.

Trabalhou o infeliz Gregorio por justificar-se, lizongendo a hum tempo aquelle Magistrado, cujas entranhas dominava pias; mas D.Joaõ o desenganou intimando-lhe, que por sua conhecida culpa, e necessario remedio havia de imbarcar-se para Angolla em huã Não, que promptamente carregava a tropa de cavallos de El Rêy para Banguella. Era o Doutor Gregorio de Mattos consumado solfista, e modulando as melhores Letras daquelle tempo, em que a Solfa Portugueza se avantajava a todas as de Europa tangia graciozamente. A propozito do que me pareceo escrever aqui esta decima, que por isso lhe fez Gonçallo Soárez da França nobre engenho da Bahia

Com tanto primor cantaes,  
 com tanta graça tangeis,  
 /**XLI**/ que as potencias suspendeis,  
 e os Sentidos elevaes:  
 de ambas sortes admiraes  
 suspendido o bravo Eolo,  
 mas eu vos digo sem dolo,  
 que de mui pouco se admira

pois tocaes de Orpheo a Lyra  
 e a pluma tendez de Apollo.

Com estas prendas fazia apreço particular de huã viola, que por suas curiozas maõs fizera de cabaço frequentado divertimento de seoz trabalhos, e nunca sem ella foi visto nas funcõeñz a que seoz amigos o convidavaõ, recreando-se muito com a brandura suave de suas vozes. Por ezta viola, que havia deixado na Madre de Deos fazia extremos taes, receando, que sem ella o embarcassem, que o Vigario /**XLII**/ Manoel Rodriguez a quem feriaõ na alma suas desgraças promptamente lhe mandou com hũ Liberal donativo para az cordas della.

D.Joaõ chegada a hora de embarcar o mandou vir a sua presença e tratando-o com humanidades de Príncipe lhe pediu que evitasse as occasiões de sua perdição ultima; porque hêra lastima, que hum sujeito a quem o Ceo enriquecera de talento para melhor fama, comprasse o seu discredito com o dizcredito irremediavel de tantos. Decorosamente o fêz embarcar, não se olvidando de recomendallo ao Governador de Angolla Pedro Jaques de Magalhaenz, a quem com accauza daquelle degredo insinuava os perigoz, que em qualquer parte corria sua pessoa. /XLIII/ Chovendo maldiçoenz, e praguejando satyras peregrinou oz mares aquelle, que por inztantes naufragava nas tempestadez da terra. Dizia elle, que com razão sobrada podia articular o non possidebiz ossa mea de Scipiam; e fallou com rigorozo acerto: porque se houveram Patrias no Mundo, que dezterraraõ seos benemeritos filhos, não consistio talvêz essa desgraça tanto na malicia dellaz, como no deztino delles. Porem a Bahia doz muitos habitos de dezprezar seos naturaes, fez natureza para aborrecellos, e perseguillos.

A melhor pintura desta verdade se pode ver nas vozes, que sobre ella declama o mesmo Poêta, onde sem hyperbole de Muzas resplandece a propriedade tal, que eu com ser ezstrangeiro acreditara a Poezia com o juramento doz Santos Evangelhos.

As personagens de quem o Poêta justamente se queixa em suas satyras, sam /XLIV/ comparadas a huã erva natural de Guinê chamada naquelle terreno Nhêsiquè, e tranzplantada neste com o nome de Melaõ de S.Caetano por virem az primeiras a hum citio deste nome: a qual de sorte se apoderou do Brazil em toda a parte, que nam há Lugar sem ella, nem planta, que prevaleça com sua inutil vizinhança. As cazas de Religiaõ enriquecidas, e illustradas pelos curiosos, e Liberaez Mazomboz; e sempre nellas laborando petulantez oppoziçoens a parcialidade dos Reinoes admittidos alí por comiseraçam. Ingratos hospedez! Mas se algum tivesse dezejos de padecer martirioz, fallar nesta materia queixoza cauzaria ao menos hum degredo semelhante ao do Doutor Gregorio de Mattoz.

Naõ poderá negar-me a razam que choro, quem sabe, *que* no anno de 1740 /XLV/ mandou o Provincial de S.Francisco conduzir do Porto huma chusma de pobretoenz em desprezo dos pacientissimos Naturaes da Terra, para adorno da Sua Religiaõ, e nunca o Demonio acertou com esta deztreza para combater o

animo de Job. Chegam finalmente a aborrecer seos mesmos filhos, sem mayor cauza, que haverem nascido no Brazil; onde receberaõ cabedal, e inundando por toda a parte, em que os Brasileiroz os honraõ, e estimaõ, em nemhuã dellas querem soffrer, que haja honra, nem estimaçaõ nos Brasileiros.

Fazendo porem verdadeira distincçaõ nos nossos naturaез, que sam comprehendidos nesta mizeria, culparei sómente os das fecundissimas Provincias de Beira, e Minho (salvando oz Nobres), e hê de reparar, que /XLVI/ sendo estes, os que com mayor necessidade se lançaõ a buscar dinheiro, saõ estez mesmos aquelles, cuja soberba hê tam formidavel a quem os remedêa. Vejamos esta queixa alegorizada pella nossa Aguia sobre o gato de hum Meirinho.

Naõ posso comer ratinhoz,  
 porque cuido, e nam me engano,  
 que de meo amo sam todos,  
 ou parentes, ou paizanos.  
 Porque os ratinhos do Douro  
 sam grandissimos velhacos,  
 em Portugal saõ ratinhos,  
 e cá no Brazil sam gatos.

Mas deixando esta materia por irremediavel, e nam por temer as unhas destez /XLVII/ gatos, hirey seguindo o meo infeliz Poeta em sua fatal navegaçaõ.

Chegado ao Reyno de Angolla, miseravel paradeiro de infelizes, a quem com a propriedade costumada chamou armazem de penna, e dor: e exercendo na Cidade de Loanda o Officio de Advogado, aconteceu, que amotinada a Infantaria da Goarniçaõ daquella Praça, e posta em armas fora da Cidade, entrou huma chusma de Soldados pella caza de Gregorio de Mattos forçando-o a que os fosse aconselhar sobre as capitulaçoenz, que tinhaõ com o Governador seo General; e posto com effeito entre oz amotinados no campo clamou que o levassem à caza, para trazer certa couza, que lhe esquecera, sem a qual não podia obrar a mediada de suas satisfaçoens. Entenderaõ os soldados que /XLVIII/ seria Livro de direito, e não duvidaraõ de romper segunda véz o perigo de entrar na Praça; mas aquelle que imaginavaõ instrumento de solido concelho, outra couza não hera mais, que a

sonora cabaça do Poeta, do que se infere o como chasqueava este Democrito das alterações da fortuna.

Muito pago ficou o Governador desta galantaria geralmente celebrada. Servio-se delle para Adjunto na condemnação dos cabeças daquelle motim, que foraõ arcabuzeados pelos ouvidos; e desempenhando a recomendação de D. João de Alencastre deo lhe Liberdade para embarcarse a Pernambuco. Posto naquella Capitania governada entã por Caêtano de Mello de Castro, com-o semblante perturbado pella /XLIX/ indecencia do habito, demandou a prezença deste Fidalgo, que Lastimado de ver o miseravel estado, a que chegara hum homem tam mimozo da natureza, lhe fêz donativo de huma bolça bem provida de dinheiro, e com palavras hum pouco severas, lhe mandou, que naquella capitania cuidasse muito em cortar oz bicos a pena, se o quizesse ter por amigo. Naõ sei se héra zelo publico, se particular temor, Gregorio de Mattos o prometteo assim fazer, e em algumaz occasioenz mostrou quam violentado estava com aquelle preceito.

Picadas de ciumes se toparam duas Mulatas meretrizes junto a porta do Poêta, e renovando suas paixoens de huma, e outra parte se dezcompunhaõ /L/ em vozes petulantes. Passaraõ de Lingoa a braços, e atracadas tenazmente cahiraõ por terra em ridicula vizaõ, a tempo, que avizado da gritaria sahio a vellas o Poêta; e dando naquelle espectaculo deshonesto começou a gritar ah que de El Rey contra o Senhor Caêtano de Mello. Perguntaram-lhe os circunstantes, que queixa tinha do Governador? Que mayor queixa (respondeo), que a de prohibir-me fazer versoz, quando se me offerecem semelhantes assumptos. Notavel argumento do respeito deste Fidalgo, se Gregorio de Mattos depoiz nam tomara algumas Licenças de satyrisar.

Os Nobres de Pernambuco contendiaõ ambiciozaz demonstraçoens de urbanidade com elle, venerando em sua pessoa prendas de que já oz havia a fama informado. /LI/ De huã, em outra fazenda passava Gregorio de Mattos huã regalada vida; essem offender a Nobreza deste Paîz me persuado a crer, que o adoravaõ a maneira que os antigos Idolatras com politica religiaõ faziaõ Sacrificios ao gurgulho, para naõ destruir-lhe as sementeiras, e a peste para perdoar-lhe az vidas. Mas sempre hê digno de louvor, quem sabe Lizongear o damno, porque o teme.

Na Bahia perdeu muitos amigos pelo meyo de os ganhar; e em Pernambuco os ganhava pelo meyo de perdellos. Referirei dous cazos, que serviraõ de exemplo a este ultimo reparo.

Certa pessoa muito principal em Pernambuco de quem o Poeta héra hospede, ouvia delle os encarecimentos, com que relatava /LII/ a desgraça em que nascera, e sua desterrada peregrinaçãõ com todos os acontecimentos tristes, e como attribuhia seos infortunios à rigorosa força de estrella: e mal persuadido desta rethorica triste lhe respondeo atalhando nesta forma. Senhor Doutor, nós mesmos somos os authorez da nossa fortuna; e cada hum colhe o que semêa. Não há duvida (respondeo o Poeta), mas hê desgraçado aquelle, contra quem se conjurou a malicia, que das mesmas virtudez lhe fazem delictos. Verbi gratia: alí vem aquelle boy: (e mostrou hum da fazenda do mesmo sugeito) elle tem hum só corno, como eztamos vendo, maz se eu lhe chamar boy de hum corno, Deos me livre da indignaçãõ de seo dono. E sendo esta materia por toque, ou remoque muito melindroza em Pernambuco, dizfarçou este /LIII/ homem o propozito, sendo certo, que foy o mayor amigo, que teve naquella Terra o Doutor Gregorio de Mattos.

O Vigario da Muribeca Antonio Gomes Baracho atravessado com o seo coadjutor não lhe podia soffrer as prezumpçoeãs de solfista. Ordenou ao seo Trombeta que tocasse dezezperadamente em ouvindo cantar como sempre o Coadjutor. Mas este, que percebeo a burla, tambem se armou de hum caracol marinho, com que appurara a trombeta de seo inimigo. O Vigario, a quem o grande odio descompunha o entendimento, se foy querellar do cazo perante o Vigario Geral, com quem privava. Recebida a querella, e seguro o Coadjutor, chegou o cazo a noticia de Gregorio de Mattos, e posto a caminho em huã besta de hum farinheyro, entrou com seis Legoas de jornada por caza /LIV/ do criminozo, a quem pedio procuraçãõ para defender-lhe a cauza, asseverando, que o não trouxera alí outro algum negocio, e que de graça o queria servir. Hia o Padre a agradecer-lhe tanta fineza, mas o Doutor lhe atalhou, dizendo: Não Senhor Padre, não mo agradeça, que o meo interesse hê saber deste Juíz, qual hê a Lêy, que condemna a quem toca hum buzio. Avizado o Vigario do excesso, que fizéra aquelle homem, a quem conhecia douto, e respeitava Poeta, logo o foy buscar a

caza do mesmo Coadjutor, concedendo a este pazez, e ficando em particular amizade com elle

Honravaõ-no todoz seriamente; mas arrebatado de seo fresco, e esparcido genio fugia doz homênz circunspectos, e se inclinava (como na Bahia) a muzicos /LV/ e folgazoens. E sendo naturalmente aceado, e gentil, descompunha a sua authoridade, vivendo entre eztes ao Philosofo: de sorte, que invejava aos Barbaros Gentios do Brasil a Liberdade de andarem nûz pellos arvoredoz, Lastimandosse daquellas pençoênz a que nos obriga a policia. Como outros costumaõ adornar seos ezcritorios de odoriferos pomos, que regalaõ a vista, e olfato: adornava elle o seo de bananaz, que chamaõ do Maranhãõ, que mais servem ao sustento, que ao gosto: e isto em demaziada quantidade, que provocando a riso, a quem as via, dava em rasaõ = adornemo-nos de proveito, que em quanto as tenho, rio-me da fome.

Huã rigoroza febre lhe atenuou os dias, de sorte que dezenganados /LVI/ os piêdozos Pernambucanos de remirlhe a vida, chamaraõ o Vigario do Corpo Santo Francisco de Afonseca Rego pessôa que suppunhaõ de mais authoridade, para que o dizpozesse a morrer como Catholico. Mas como este Parocho héra na opiniaõ do Poeta mal recebido, sem poder disfarçar nesta hora o genio Livre, soltou algumas palavras, que poseraõ os quimeras do vulgo em suspeitas; de que nasceo hum rumor menos decorozo a sua consciencia, o qual chegando aos ouvidos do Illustrissimo Prelado *Dom Frei* Francisco de Lima logo desde huã Legoa de caminho se arrojou como bom Pastor a tomar em seos hombroz a ovelha, que suppu[nha]= desgarrada; e não foi assim; porque não sô o achou disposto a morrer como verdadeyro Christaõ, mas em signal de que lhe servira o entendimento no mayor conflicto, vio em huã folha de papel escripto com caratez tremulos o grande soneto /LVII/ que offerecemos. Assestio-lhe o piedozo Bispo athê o ultimo valle; e logo seo corpo foi Levado por homênz principaes ao Hospicio da Nossa Senhora da Penha doz Capuchinos Francezes o dia em que chegavaõ as novas da restauraçãõ do famoso Palmar à Pernambuco, que havia de ser o sexto da Victoria; pois tanto gasta hum caminheyro apressado de hum lugar a outro. Mas hê em vaõ buscallo em Pitta Autor moderno, que disse tracta, como senaõ, tratara. E mais me escandaliza, que passasse em sua mesma Patria por hum Poeta de tal



nome seo contemporaneo com quem devia gastar parte daquelles elogios. Morreo finalmente no anno de 1696 com idade de settenta e trez annos.

Este hê o mais abbreviado resumo que posso dar da vida do meo suspirado, quam dilectissimo Poêta Lyrico; e oxala podêra /LVIII/ eu publicar oz prodigiosos fundamentos do meo amor, derramando entre as gentes o manancial thesouro de suas graças! Singular foi a estrella, que dominou em seo engenho; porque a toda a circunferencia das Luzes Apollineas brilhou com igualdade Senhoril; e não menos prodigioso aquelle não sêy que de sua guarda; porque offendendo às claras muitas pessoas, de quem o menor movimento seria sem duvida huã tyranna morte, sempre se atreueo, e nunca de seo motto proprio cautelou perigos; morrendo intacto de tão prolongados mezes.

Muitos heraõ os feridos do seo fero, que consultaraõ o remedio no mesmo instrumento da chaga, beyjando a Achilles a Lança, que o traspassara. Raro testemunho desta fatalidade foi a reposta, que deo /LIX/ a hum queixoço certo Governador severamente resoluto = Não faça V M caso (dice), porque isso tambem passa por mim, sem que por mim passe a minima tenção de o castigar.

Testemunho desta fatalidade saõ as duas quartas de hum Soneto, que se fez em sua morte; o qual não escrevo por inteyro em razaõ de que se os seos principios professaõ a verdade pura, os fiõs toda via emprendem temeraria petulancia.

Morrezte emfim Gregorio esclarecido,  
 Que sabendo tirar por varioz modos  
 A fama, a honra, o credito de todos,  
 Desses mesmos te vistes applaudido.  
 Entendo, que outro tal não tem nascido  
 Entre os Romanos, Gregos, Persas, Godoz  
 Que contigo mereça ter apodos  
 Nos applauzos, que assim has adquerido.

/LX/ Muitas vezes quîz elle refrear o genio, que conhecia prejudicialmente peccaminoso, fazendo os actos de Christaõ, que em seo Lugar veremos; mas debalde o intentava: porque o seo furor intrepido imperava dominante na massa sanguinaria contra os desacertos daquella idade castigadoz por Deos com tão

horrorosa peste, e tão repetidas fomes: como também veremos pello discurso destas obras; e não hê de admirar que disparadaz do Trono da Divina Justiça aquellas duas Lanças de sua ira, seguisse a terceira com tão exquezito genero de guerra em hum homem que de sua May vnicamente tomou este apellido entre outros partos: ella o deo apellidando-se da Guerra = e elle o foi sem aquella proposição = da = por ser a mesma guerra e não o instrumento della. Isto parece que profetizou certo inimigo /LXI/ seo, respondeo-lhe a huã satyra com outra na seguinte forma.

Porem se em nada hês guerreiro,  
para que te chamas guerra,  
e a fazes a toda terra  
com a Lingoa, que hê mor damno! *et cetera*

Deixou o Doutor Gregorio de Mattoz hum Filho de sua mulher Maria de Povos chamado Gonçalo de Mattos, cujo amor publicava em varias obras, que se encontraõ neste Livro, e em seos Lugares se veraõ sem emfadozas citas.

~~~~~ o quente da cama  
com Gonçalo, e com sua ama
dizendo estava comei-me, *et cetera*
Por vida do meo Gonçalo
Custodia formoza, e Linda. *et cetera*
/LXII/ Madrasta do Gonçalinho,
que hê Lindo enteado a fê *et cetera*
sim por vida de Gonçalo *et cetera*
Mas por vida de Gonçalo. *et cetera*

Deste Moço, que com sua Mãy ficou em summa pobreza, e dezamparo, correm noticias muito geraes, que totalmente degeneràra daquella massa scientifica de seos estupendos progenitores. Bem podera eu duvidallo, em hua <em huã> Terra, onde sempre se haõ de tomar os eccos da fama pello contrario; pois nunca vî nella abonar hum sugeito, que não mereça ser desterrado por mâu, nem vituperar outro, que ao contrario desmereça elogios de bom.

Mas para cumprir com os relativos desta historia consultêy dous sugeitos, que se crearaõ com Gonçalo de Mattos, ambos /LXIII/ de instinto capaz para huã informação, e entre elles achêy a contradicção que pode servir de exemplo, a quem se informa. Hũ affirma com juramento, que héra Poêta natural, o outro jurando

nega, que tal fosse, resolvendo que nem o Padre Nosso héra capaz de repetir. A este seguem muitos, e nemhũ aquelle: mas o primeiro chamado Cristovão Rodriguez, diz que em sua adolescencia lhe dera o seguinte mote.

= Com que, porque, para que =

Defendia-se o Gonçalo temerozo de huã maldiçãõ condicional da sua May, em respeito da qual não queria pegar na pena, para fazer versoz, posto, que no animo lhe pulsavaõ as Musas (tal foi o escarmento, que deixaraõ ellas naquelles cadaveres da paciencia /LXIV/ Lastimoza) Mas como a condiçãõ do preceito tinha sua clauzula, em que findar-se huã heresia gracioza, respodeo importunado = Pegai vós na pena, porque a maldiçãõ de minha Mây parece, que não me prohihe fazer versos, mas sim pegar na pena para elles = Repitio-me entãõ esta decima, que tanto ella, como a resposta se saõ verdadeiras, vem a ser huns relampagos da esfera do fogo.

Gloza

Dice Clori, que me amava,
para o intento, que tem,
o qual não dice a ninguem,
nem o porque declarava:
eu entãõ lhe perguntava
com que genero de fê!
suspença a Dama se vê.
/LXV/ como nada respondeo,
não pude saber o seo
com que, porque, para que

Persuado-me a crer o cazo pellas suas circunztancias, e muito maiz quando vejo aqui huãs reliquias mais separadaz daquelle humor, ou ramas menos fortes do enxerto do Doutor Pedro de Mattos seo Tio, onde não hã repostas sem equivoco, nem equivoco sem substancia do genero mais nobre.

Foi o Doutor Gregorio de Mattos de boa estatura, secco do corpo, membros delicados, poucos cabellos, e crespos: testa espaçosa, sobranceiras arqueadas, olhos garços, narizes aquilinho, boca pequena, e engraçada, barba sem demazia /LXVI/ e no trato cortezaõ. Trajava commũmente seo colete de pelica de ambar,

volta de fina renda e era finalmente hũ composto de perfeiçoens, como Poeta Portuguez, que saõ Izopos os de outras Naçoens. Tinha fantazia natural no passeio, e quando algumas vezes por recreaçãõ surcava os queitos mares da Bahia a remo compassado, com taõ bizara confiança interpunha os oculos examinando az janellas da sua Cidade, que muitos curiozos hiaõ de proposito a vello.

Fiz tirar delle a presente copia por hum antigo Pintor, que foi seo familiar, e conferindo-a com az memorias que delle tem algumas pessoas antigas tenho-a por mui conforme a seo original. Naquelle tempo héra pouco versado o vzo das cabeleyras, e elle a trajava: mas pareceo-me copiallo sem ella, porque os homenz de talento devem patentearnos as officinas capitaes, que o produzem, para informaçãõ dos judiciozos.

Dice.

3.3 Os irmãos de Gregório – código BNRJ50,59

Foy o Doutor Gregorio de Mattoz o último filho de trez varoẽz que nasceraõ dezte matrimonio dotados pella natureza com oz majores thezouroz; maz a fortuna sempre oppozta aoz morgadoz da natureza, veyo /7/ a consumirlhe aquelles nomez, que ambicioza a fama pedia, e naõ sem apparencias de virtude, e increpando o dezalinho a pouca estimaçaõ; achaquez, que sempre toma de anihilar oz benemeritoz, e desgraça repetida[s] vezes chorada de sua may, que com agudeza natural dizia: Deume Deoz trez filhoz, como trez sovellaz sem cabo: Farei particular mençaõ doz douz primeiroz, para *que* o último se naõ queixe do dezaire, *que* a minha pena poderia ocasionarle, que he menoz honrra ser hum accidentalmente grande *que* o ter vinculado sua grandeza na especie generativa.

/8/ Pedro de Mattoz e *Vazconcellos* se chamava hum, que vencendo oz eztadoz de sua patria no collegio de *Santo Ignacio* foy nelle recolhido pellaz grandez moztraz de seo talento; mas o deztino superior, ou a acrisima desgraça fizeram com que oz mesmos [ge]radores de sua melhora o lancassem da companhia por ezcandaloz amorozoz; sentidissimo o pai com o regresso de hũ filho bem anunciado; maz elle o consolou prometendo aproveitar noz eztudoz da Jurizprudencia.

Passou ao Reyno e matriculado em Coimbra, apenas /9/ cursou daquella faculdade a major parte do primeiro anno, porque sequiozo da Patria se embarcou a furto e pozto na prezença de seo Pay, que ja o naõ podia sofrer, condezcendeu, que o dezgostara o naõ ezperar pelloz graoz daquella sciencia para o exercicio della; maz negavalhe serlhe necessario, maiz tempo para comprehender, o que fora estudar: o Pay comtudo o condemnou a feitorizar suaz fazendas, e nezte exercicio favoreceo a muitoz com papeiz, que inda se veneraõ em eztillo aureo, e bem subztancial.

/10/ Foy dextro solfizta como qualquer doz douz, e teve habilidade manual para o exercicio de toda arte mechanica, respeitaraõno em sua patria oz melhoz homez crendo, quando o viaõ que diante de sy tinhaõ hũ oraculo da mezma sabedoria. Convalezcendo de huã universal peste que chamavaõ *Bixa* no anno de 1686, morreo az maõz de sua mezma honrra de hum veneno, que oz seoz mezmoz familiarez o preparaõ, o que conheceu o *Doutor Boaventura da Cruz* Arraez Medico assiztente da mezma caza. Jaz no lugar da Portaria Nova de S. Francisco

/11/ onde antigamente se principiou o fundamento daquella Relligião, *que* como Feitorez concorreraõ seoz Avuengoz.

Euzebio de Mattoz foy o segundo na geraçaõ, maz todo igual ao primeiro na capacidade literaria. Teve applauzoz grandez na companhia por aquelaz ciênciaz, que seoz eztudoz franquêam no Brasil. Deram-lhe a roupeta de Santo Inácio e foy muito eztimado do Grande Padre Antônio Vieira dezde hum dito que com graça deixou cair, sendo minorizta, e foy o caso:

Enfermou de hum /12/ pleuriz, e sendo sangrado na prezença da mayor parte daquellez Padrez, que viviaõ queixozoz do seu Reytor, summamente avaro, e natural do Cabo Frio: disse hum dellez olhando para o sangue que o achava queimado; e perguntando o Reytor, quem o queimara rezpondeo: o villaõ do cabo.

A confiança dezta aguda ninharia conciliou agradoz do Padre Vieyra para ajuizar em Euzebio az gentilezaz, que depoiz o canonizarão; porque se conhecem oz sabioz pella pinta, como aconteceu a <A> Socratez com o menino Plataõ. /13/ Foy taõ feliz de memória que para oz actoz de major empenho apenas consultava oz livroz na hora do combate, para tomar por cifraz az authoridadez naz unhaz. Desvelavale o Reytor por vello eztudar huma só hora naz vezperaz da major oztentaçaõ theologica, que se havia de fazer diante doz Padrez, que de Evora vieraõ por mandado do Geral, e vendo-o na Portaria mui alheyo doz seoz cuidadoz, sendo, *que* havia de ser Athalante de todo o credeto da caza, o arguio de remisso cõ palavraz licenciozaz por ultima correçaõ; maz antez dezejava nezte /14/ lugar ao *Reverendissimo* rezpondeo Euzebio *para* mostrarlhe em que consizte a felicidade humana taõ dezputada, como apreciada de todoz, e apontou para hum mocetaõ marinheiro, que eztendido sobre az ervaz dormia a somno solto rebutido em breoz, e expozto a multidaõ daz gentez, que passavão.

Pregou com superior elevaçã, e se dizia que para se conztituir hum perfeito orador deviaõ concorrer trez Padres daquela Caza: Euzebio de Mattoz com o sublime doz pensamentos, Antonio Vieyra com a transparencias /15/ das provas, e Francisco de Sá cõ o natural da representaçaõ. Acreditou a capacidade de seus Irmaoz pregando de Saõ Francisco a peditorio do Marquez daz Minaz, porque sendo homem que se não perturbava da mais circunspecta inteligencia, deo nezta occasiaõ com oz olhoz em Pedro, e Gregorio, por quem não ezperava, e se rendeo a hum desmayo de pura dezconfiança; porem reztituido, e perguntado pela cauza de

taõ grande novidade, rezpondeo, que eztatam prezentez aquelaz duaz Aguias perante quem oz zeuz vooz eram /16/ debilitadoz. Mandava-oz o Marquez dezpejar, maz elle o naõ consentiu; porque já alentado doz auxiliarez acenoz que oz douz lhe faziam, podera vender forçaz ao mezmo Hérculez.

Foy expulso da Companhia por cauzaz de mediana consideração em *que* mais culpado se pondera seu mezmo luzir, que interpunha sombraz aoz dezpenzeiros da luz, que a estimar como diziaõ a liberdade do seculo, poiz a melhor a conseguia clerigo, do *que* Religiozo de *Nossa Senhora* do Monte do Carmo, onde se foy clauzurar.

/17/ Pregava de *Nossa Senhora* da Se na Igreja Cathedral, no dia em que desembarcando de Lisboa o Padre Vieyra, foy aly naõ tanto de caminho, como de propozito por ser ezta senhora, aquella cujo simulacro lhe abrio az officinaz capitaez, e porque pregava aly seu venerando, e amigo Euzebio.

Fez ezte repetição, do que havia dito o seu suspirado amigo, e abraçadoz por fim oz douz com amoroza lastimaz se foy o Padre Vieyra a encrepar de rigorosa severidade com que aquellez Padrez lançaram fora da Companhia taõ importante soldado.

Falezceo na mezma /18/ Caza Carmelitana e correm eztampadoz algunz doz seuz sermoẽz, que ezcassamente noz moztraõ o dedo daquelle alto Gigante.

4 A OBRA

4.1 Dados, fatos

O simples fato de a *Vida* aparecer em 7 diferentes códices setecentistas testemunha uma mais do que razoável difusão da obra, que, como escreveu José Veríssimo, foi a única do gênero dedicada a um autor colonial:

Unico entre os poetas coloniais, coube a Gregório de Matos a fortuna de ter um biografo, ainda quase seu contemporaneo. Esta sua biografia, escrita por volta do meado do seculo XVIII, mais de quarenta anos depois dele morto, e o facto das numerosas copias dos seus poemas, provam a fama que havia adquirido e a estima em que era tido¹.

Nas páginas manuscritas da *Vida* (de 43 a 141, a depender não só da letra como dos floreios verbais e dos acréscimos), Rabelo esboça um retrato de Gregório que com certeza é grande devedor dos cânones retóricos e dos *topoi* da época. O licenciado expõe poucos fatos concretos: o nascimento, a origem dos pais, os estudos em Coimbra, a atividade como Juiz do Crime e Juiz dos Órfãos, a sentença publicada na obra do Pegas, a volta para o Brasil, o cargo de Vigário Geral, o recebimento das ordens menores, o casamento com Maria dos Povos, o desterro para Angola, a volta para o Brasil, em Pernambuco, a morte. No total só quatro datas são citadas, e delas só uma corresponde à cronologia documentada elaborada por Fernando Peres². Em compensação, aparecem muitos personagens,

¹ VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916. p.88.

² PERES. Uma re-visão, cit, p.105.

dos quais numerosos são verificáveis historicamente, como alguns parentes do poeta, o desembargador Belchior da Cunha Brochado, arcebispos, governadores.

Parece claro que Rabelo não conheceu Gregório; veja-se este trecho contido em MC:

Fiz tirar delle a presente copia por hum antigo Pintor, que foi seo familiar, e conferindo-a com az memorias que delle tem algumas pessoas antigas tenho-a por mui conforme a seo original. Naquelle tempo héra pouco versado o vzo das cabeleyras, e elle a trajava: mas pareceo-me copiallo sem ella, porque os homenz de talento devem patentearnos as officinas capitaes, que o produzem, para informação dos judiciozos³.

Acontece que no volume não há um retrato de Gregório, nem, aparentemente, foram retiradas páginas; poderia evidentemente ser ficção narrativa, ou um *topos*, mas o mais provável é que MC tenha sido copiado de outro códice, que continha o retrato.

³ MC, LXVI.

4.2 O mito de Gregório

4.2.1 Mitos, não anedotas

De qualquer forma os fatos concretos narrados são poucos, e em geral são narradas anedotas suspensas numa genérica atemporalidade e visando exaltar as mais variadas virtudes do poeta, ao qual porém se reconhecem também certos vícios, ainda que não gravíssimos. Como de praxe nas apologias, o autor declara que ele escreve para defender o poeta das calúnias e do esquecimento no qual ele caiu, pelo qual recrimina contra Rocha Pitta, que há poucos anos, em 1730, escrevera sua *História da América Portuguesa* sem nunca citar Gregório: “hê em vaõ buscallo em Pitta Autor moderno” (MC, p.lvii): referência, aliás, que não aparece nas demais versões, nem mesmo em BPE303, que tem a data de 1765.

As anedotas presentes no texto são por vezes reelaborações de *topoi* tradicionais, como a falta de dinheiro e conseqüentemente de pão, a fuga e a volta da mulher, o arrependimento na hora da morte, na base da antítese e dicotomia tão barroca virtude-vício:

Era o Doutor Gregorio de Mattos acerrimo inimigo de toda a hypocrisia virtude, que se podera, devia moderar, attendendo ao coztume dos prezentes seculos, em que o mais retirado Anacoreta se enfastia da verdade /XX/ crua. Mas segundo os dictames da sua natural impertinencia habitava os extremos da verdade com excandalozza virtude, como se nunca houveram de acabar-se as singelezas da primeira idade [...] (MC, p.xix-xx).

Retomando a análise aplicada por Luciana Stegagno Picchio em relação à figura, mais do que à obra, de Camões (“Il mito di Camões”)⁴, podemos falar em “o mito de Gregório”: entendendo, como a estudiosa, *mito* no sentido já cinquentenário dado por Barthes, mito como palavra e principalmente como “sistema de comunicação, uma mensagem”⁵; se no caso de Portugal Camões representa o centro de uma estrutura mítica que sustenta a auto-representação da nação como um todo, e um elemento de irradiação de mitos outros “in un movimento alternativamente centrifugo e centripeto”⁶, no caso do Gregório de Rabelo podemos individuar uma série de mitos que, além de inserir o texto e suas referências num quadro de tradição, também concorrem a criar uma tradição própria, viva e vital apesar de reduzida ao relativo silêncio da transmissão manuscrita. Neste aspecto o termo *mito* substitui eficazmente o de *topos* porque, se *topos* representa a inserção na tradição, mito por sua vez indica a criação de uma linguagem autônoma, ainda que fruto da tradição: tradição que funda, além de seguir.

4.2.2 Um herói sem saudade

Curiosamente, há a total ausência do mito da saudade, tão importante em Camões e em geral em âmbito lusitano. E de fato este é um mito que, me parece, não pertence ao Brasil.

Já o mito da pobreza, quase atemporal de tão antigo, não só é presente como recorre em vários momentos (p.ex. “Era a Esposa hum pouco impaciente,

⁴ STEGAGNO PICCHIO. Il mito di Camões. In *Civiltà letteraria dei paesi di espressione portoghese*. 4 vols. Firenze: Passigli, 2001. I vol: Il Portogallo dalle origini al Seicento. p.497-507.

⁵ BARTHES, Roland. *Miti d'oggi (Mythologies)*. Trad Lidia Lonzi. Torino: Einaudi, 1974. p.201.

⁶ STEGAGNO PICCHIO. *Cit.* p.497.

talvéz pelo pouco pam, que via em casa, e tambem pelo destrahimento de seo Marido”, MC, xxxii) e, como freqüentemente acontece, se junta ao da liberalidade excessiva e da falta de cuidado com o dinheiro, pela qual é causado:

Era o gosto de Gregorio de Mattoz, e não se trocava pelos mayores intereces, que nunca o dinheiro foi capáz de lhe apaixonar o animo. Vendeo já necessitado por trez mil cruzadoz huma sorte de terraz, e recebendo em hum sacco aquelle dinheiro, o mandou vazar no canto de huma caza, donde se destrubhia para os gastos, sem regra, nem vigilancia (MC, xxv).

Outro mito, cuja origem remonta pelo menos a Ovídio, é o do desterro em terra estrangeira, curiosamente tripartido: o desterro de volta para o Brasil (“despachado e desgostoso”, diz Tomás Pinto Brandão, e repete Rabelo); o desterro para Angola (a este respeito, cf. o cap.5); o desterro de volta ao Brasil, para o Recife.

A este último é associado o mito da morte longe da pátria, não totalmente adequado, porque, ainda que Rabelo cite Cipião e seu “Nã possidebis ossa mea”, Gregório morre no Recife, portanto no Brasil; ainda assim, de qualquer forma, longe da Bahia. “Dizia elle, que com razaõ sobrada podia articular o non possidebiz ossa mea de Scipiam” (MC, xliii).

A este respeito é interessante notar como entre a produção em latim dos membros da Academia Brasílica dos Esquecidos, portanto composta em 1724, apareçam nove poemas dedicados a Cipião, infelizmente sem indicação de autoria, entre os quais “De exule Scipione”, “De exílio Scipionis”, “Scipio Africanus, inuidiam fugens, exilium petit” e assim por diante.

Enfim, o mito do poeta que morre quase miserável na pátria ingrata, ou afastado da pátria ingrata, que o rejeita: “Porem a Bahia doz muitos habitos de

dezprezar seos naturaes, fez natureza para aborrecellos, e perseguillos” (MC, xliii).

4.3 Gregório e Rabelo como metáfora

Rabelo portanto criou uma figura mítica, a de Gregório, que, talvez sem a força de um Peri ou de uma Gabriela, certamente contribui para compor o imaginário nacional. Seria interessante poder estabelecer quanto há, se houver, de “brasileiro” na *Vida* de Rabelo. Considerando que Gregório foi freqüentemente, e por muito tempo, imaginado e retratado como um proto-modelo de nativista anticolonialista, antiescravagista e antiimperialista, e que pelo menos parcialmente a fonte reside em sua biografia (mais ainda nas didascálias que acompanham os poemas), Rabelo seria então responsável por esta ficção que encontra ecos em Sílvio Romero (Gregório foi “o genuíno iniciador de nossa poesia lírica e nossa intuição étnica”⁷) ou Euclides da Cunha, quando escreveu que em Gregório se prefiguram “muitos aspectos de um povo”⁸. Certamente a construção da identidade nacional brasileira passa também por uma re-apropriação da figura de Gregório, tal como nos foi transmitida por Rabelo e nas múltiplas leituras feitas em seguida. Ao mesmo tempo, Gregório e seu biógrafo-ficcionista, sua existência literária e talvez física, podem ser lidos eles próprios como metáfora da identidade nacional no passado: dispersa, fantasiosa, mítica, flutuante, incorpórea, indefinida, imaterial.

⁷ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 5 vols. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio 1953 II, p.423.

⁸ CUNHA, Euclides da. Carta a Araripe Jr. *Obra completa*. 2 vols. Rio de Janeiro: Aguiar, 1966. II, p.626.

4.4 O romance de Gregório

Há numerosas anedotas sobre a tão incomum quanto descompromissada habilidade de Gregório como advogado e jurista, e talvez estes sejam os pontos mais originais da biografia, que por sinal trata até mais do jurista que do poeta. Uma explicação poderia ser a censura contra as obras mais irreverentes ou obscenas do poeta; lembremos como “a censura em Portugal foi a mais rigorosa de todas as censuras inquisitoriais” e que “a partir de 1551, Portugal foi o país católico mais estritamente protegido contra a heresia e a imoralidade literária”.⁹ Lá os livros estavam sujeitos a três censuras: a Episcopal, a da Inquisição e a Régia. A partir de 1624 os livros, para serem impressos, dependiam das autoridades civis, e para circular dependiam da Cúria romana. Esta situação mudou a partir de 1768, quando o marquês de Pombal aboliu as três censuras e instituiu a Real Mesa Censória, que vigorou até 1787. Nota Nelson Werneck Sodré: “[...] se na metrópole feudal essas eram as condições, fácil é calcular quais seriam as que imperavam na colônia escravista [...]”¹⁰. Voltando à censura da época pombalina, é interessante notar como entre as obras proibidas pelo edital de 10.7.1769 estivessem livros “obscenos”, os “infamatórios”, os que contivessem “sugestão de que siga perturbação do estado político e civil e desprezando os justos e prudentes dictames dos direitos divinos, natural e das gentes”, assim como os que utilizassem os fatos sagrados em sentido diferente do usado pela igreja¹¹.

⁹ Graça Almeida RODRIGUES. *Breve história da censura literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980. p.15 e 27.

¹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.10.

¹¹ Cf. MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1979, p.52-53.

O próprio Rabelo julgou muitos poemas de Gregório como “indignos do prelo”:

Por este Paraizo de deleites estragava a cythara de Apollo suaz harmoniozas consonancias, com assumptos menos dignos de taõ relevante estrondo. Lascivas Mulatas, e torpes negras se ufanizaraõ dos Tropos, e Figuras de tao delicada Poezia. Mas, que muito, /XXXV/ se quando naufraga o baixel, quaes quer barbaros galeaõ a mais precioza mercadoria. Naõ quero persuadir, que a dezesperaçaõ lhe occasionou dezemvolturas; mas direy, que do genio, que já tinha tirou a mascara para manusear obscenas, e petulantes obras, en tanta quantidade, que das que tenho em meo poder, taõ indignas do prelo, como merecedoraz da melhor estimaçaõ se pode conztetuhir hum grande volume. (MC, p.xxxiv-xxxv).

De qualquer forma o Gregório de Rabelo é um personagem que guarda muito pouco da sua substância real, tornando-se ele próprio um *topos*; e neste aspecto podemos até considerar a *Vida* como um pequeno romance biográfico, um entre-lugar biográfico-ficcional talvez menos ingênuo de quanto inicialmente pareça, restituindo-lhe assim a dignidade literária que desde sempre parece ter-lhe sido espoliada.

4.5 Índices

4.5.1 Índice toponímico da *Vida* de Rabelo (código MC)

| | |
|-------------------|--|
| Angolla | XL, XLII, XLVII |
| Arcos de Valdevez | VII |
| Athenaz | X |
| Bahia | VII, XV, XVII, XVIII, XX, XXII, XL, XLIII, LI, LIV, LXVI |
| Banguella | XL |
| Beira | XLV |
| Brasil, Brazil | VII, XV, XXXI, XLIV, XLV, LV |
| Castella | XIII |
| Coimbra | X |
| Corintho | VI |
| Douro | XLVI |
| Europa | XL |
| Guiné | XLIV |
| Igaracû | XXXI |
| Italia | XI |
| Loanda | XLVII |
| Lisboa, Lisbôa, | XVI, XVIII, XXII |
| Lixbôa, Lizboa | |
| Madre de Deos | XXXVII, XLI |
| Maranhão | LV |
| Minho | XLV |
| Muribeca | XXIII, LIII |
| Patatiba | VIII |
| Pernambuco | XXXI, XLVIII, XLIX-LII, LVII |
| Ponte de Lima | VII |
| Porto | XLV |
| Portugal | XLVI |
| Rio de Janeiro | XIV |

| | |
|-----------|------|
| Roma | VII |
| Sam Bento | XXIX |
| Urbino | XXXV |

4.5.2 Índice onomástico da Vida de Rabelo (código MC)¹²

| | | |
|-------------------------|-------------|---|
| Achiles | LVIII | |
| Antonio de Moura Roulim | XXXVIII | Não encontrei informações. Francisco de Moura Rolim foi governador geral entre 1624 e 1626; possivelmente Antônio seja um seu descendente ¹³ . |
| Antonio Gomez Baracho | XXIII; LIII | “Vigário de Muribeca em Pernambuco” (hoje Sergipe). |
| Antonio Vieyra | XXII; | |
| Apollo | XXXIV | |
| Baldo | XXXII; | Baldo d’Aguglione, jurista italiano que viveu entre os séculos XIII e XIV. |
| Bartalo | XXXII; | Bartolo da Sassoferrato (1314-57), jurista italiano. |
| Bazílio, frei | XXIII; | |
| Belchior da Cunha | X; | Desembargador na Bahia a partir de 1687. |
| Brochado | | |

¹² Não dei indicações a respeito de alguns nomes citados ou por serem demasiadamente conhecidos (Vieira, Rafael) ou, pelo contrário, por não ter encontrado nenhuma informação (frei Basílio). Como fontes das informações, usei, para os assuntos históricos, essencialmente ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes*. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, passim, e SCHWARTZ, Stuart B. *Burocracia e sociedade no Brasil Colonial*. A suprema corte da Bahia e seus juízes, 1609-1751. São Paulo: Perspectiva, 1979, passim.

¹³ Um “Moura Rolim” consta como primo de Gregório em *Boca do Inferno*, o romance de Ana Miranda. Se o parentesco não tiver sido inventado pela escritora, a fonte deve estar contida em CALMON, Pedro. *O crime de Antonio Vieira*. São Paulo: Melhoramentos, 1930, que, porém, não pude consultar.

| | | |
|---|-------------------|---|
| Bupalo | XVII | Segundo a tradição biográfica de Hiponactes (Éfesos, VI séc. aC), os irmãos escultores Bupalo e Atenides teriam se suicidado por causa da agressividade dos versos de Hiponactes. |
| Caetano de Mello de Castro | XLIX; L; | Governador da Capitania de Pernambuco. |
| Christovão de Burgos de Contreiras | XVIII; | Desembargador na Bahia a partir de 1654. |
| Cristovão Rodriguez | LXIII | |
| Democrito | XLVIII | Filósofo grego (n. cerca de 470 a.C.). |
| Filippe IV | XIII | Rei da Espanha (1605-1655). |
| Francisco de Afonseca Rego | LVI | “Vigário do Corpo Santo”. |
| Francisco de Lima | LVI | Prelado. |
| Gaspar Baratta de Mendonça | XVII | Primeiro Arcebispo da Sé da Bahia. |
| Gonçalo | LXI; LXII; LXIII; | Segundo Rabelo, filho de GM com Maria de Povos. |
| Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque | XXXVIII | Gonçalo (1659-1725) ocupou importantes cargos públicos, em Salvador e em Lisboa. Filho de Bernardo Vieira Ravasco e sobrinho de Antônio Vieira. |
| Gonçallo Soarez da França | XL | Padre, poeta (1632-1724?), foi um dos fundadores da Academia dos Esquecidos. |

| | | |
|-------------------------------|---|---|
| Gregorio de Mattos Guerra | V; VII-IX; XII; XIII;
XV-XVII; XIX; XXI-
XXV; XXVII; XXVIII;
XXXI; XXXII;
XXXVII; XXXVIII;
XL; XLIV; XLVII;
XLIX; L; LI; LIII; LXI;
LXVI | |
| Homero | VII, | |
| João Baptista Marini | XI; | Gianbattista Marino. |
| João da Madre de Deos | XXIII; | Arcebispo. |
| João de Alencastre | XVI; XXXVI; XXXVII;
XL; XLII; XLVIII | Ou Lencastre: governador do
Brasil (1694-1702). |
| João Rodriguez dos Reys | XXX | “Mordomo da Misericórdia”. |
| Luiz de Camoens | VI; XIV | |
| Manoel Rodriguez | XXXVII; XLII | Vigário de Madre de Deus (ilha da
Baia de Todos os Santos). |
| Maria Cortez | VI | |
| Maria da Guerra | VII; | Mãe de GM. |
| Maria de Povoz | XXV; LXI; | Segundo Rabelo, mulher de GM
em Salvador. |
| Pedro II, dom | XIV; | Rei de Portugal (1648-1706,
regente 1667-83, rei após 1683). |
| Pedro da Sylva | VIII; | Prelado. |
| Pedro Gonçalves de
Mattos | VII; | Pai de GM. |
| Pedro de Mattos | LXV; | Irmão de GM. |
| Pedro Jaques de
Magalhaenz | XLII; | Governador de Angola. |

| | | |
|---------------------------|-------|---|
| Pegas | XIII; | Emanuel Álvares Pegas, jurista português, autor de uma coletânea de sentenças (1682). |
| Pitta | LVII | Sebastião da Rocha Pitta, autor da <i>História da America Portuguesa</i> (1730). Membro da Academia Brasílica dos Esquecidos. |
| Raphael de Urbino | XXXV; | |
| Salvador Corrêa de Sâa | XIV; | Salvador Correia de Sá e Benevides (o moço, 1602-1686) filho e neto de governadores do Rio de Janeiro, lutou na Argentina e foi nomeado governador do Rio (1637, 1647-48, 1658-61). Reconquistou Angola, tomada pelos holandeses, em 1648, e foi governador de 1648 a 1652. Tornou-se potência hegemônica na cidade e na capitania do Rio de Janeiro, chegando a assustar a coroa portuguesa. D. Pedro II, no início de sua regência (1667-1683), o degredou para Angola, pena da qual Salvador de Sá conseguiu escapar refugiando-se num convento lisboeta. Em 1671 conseguiu reassumir uma cadeira no Conselho Ultramarino. |
| Benavidez | | |
| São Gregorio Magno | VIII | Papa (540-604). |
| Scipiam | XLIII | Cipião. |
| Thalia | XXXVI | Musa da comédia e do idílio. |
| Vicente da Costa Cordeiro | XXV | Segundo Rabelo, tio de Maria de Povos, e, na versão de AC1, |

Thomas Pinto Brandão XV; XVI; XVII;

“Senhor de engenho em Marapê”.
Poeta português (1664-1743),
autor do *Pinto Renascido*.

5 VIDAS, TEXTOS: GREGÓRIO E PINTO BRANDÃO

5.1 Circulação, contaminação: o copista e o autor

No capítulo 2 deste trabalho, fiz uma referência a “um imaginário *original*”. Realmente, o conceito de original é algo imaterial e quase envolto numa áurea mítica e fabulosa; não é por acaso que até um dos mais nordicamente sérios críticos textuais, Paul Maas, mantém a seguinte terminologia quanto à tentativa de reconstrução do original: “se essa [la tradizione] non risulta originale, si deve cercare di restituire l’originale per congettura (*divinatio*)”¹. No caso de Rabelo, e principalmente de Gregório, a arte da divinação parece indispensável: ao longo do capítulo 2, tentei mostrar como a tradição tenha-se imbricado tão indissolavelmente, que, quando muito, é possível unicamente estabelecer algumas famílias de códices, sendo que a própria forma de composição dos manuscritos, por vezes até física (no sentido da justaposição de cadernos/folhetos soltos, como no caso do BNRJ50,60²), impossibilita a reconstrução de uma genealogia clara e unívoca à moda de Lachmann.

Talvez hereticamente, e retomando quanto dito em 2.3.1, gostaria agora de sustentar a argumentação de que esta situação textual caótica possivelmente não seja tão grave. Na minha própria vivência com a obra de Gregório, que data de 1989, a inexistência de uma edição crítica da “obra dita gregoriana”, a incerteza quanto à atribuição, a volatilidade e insubstancialidade dos textos chegou a me angustiar em diferentes

¹ MAAS. Cit. p.1. “Se ela [a tradição] não é original, deve-se tentar de restituir o Original por conjectura (*divinatio*)”.

² Cf. DAMASCENO, Darcy. Gregório de Matos: a transmissão textual. In MATOS, Gregório de. *Os melhores poemas*. Seleção de Darcy Damasceno. São Paulo: Global, 1985 p.7-12: p.11.

oportunidades ocasionando-me, inclusive, um pequeno e queixoso artigo sobre a premente necessidade de organizar a edição crítica de Gregório³. Na atualidade, porém, considero esta uma falsa questão, e continuo acreditando na prática de publicar os vários códices como vozes independentes a compor um coro de saborosa polifonia.

No que diz respeito à *Vida* de Rabelo, a questão por um lado assume uma feição diferente, por ser um texto em prosa transmitido por escrito, aparentemente sem interferências orais, sem variantes muito significativas e com uma razoável homogeneidade entre os sete manuscritos setecentistas que possuímos; pelo outro retorna ao mesmo ponto, porque, se é verdade que houve uma menor dispersão textual, ao mesmo tempo a própria essência da obra manuscrita – e ainda por cima tardia como a *Vida*, que deve ter começado a circular por volta de 1720 e ainda recebeu retoques e modificações por volta de 1750 – induz a repensar o status da edição crítica, sua necessidade de ser e sua justificação neste contexto. Dois fatores e principalmente duas linhas de pensamento me levam a esta afirmação:

1. A problemática ligada a uma nova consideração do papel do copista na transmissão textual manuscrita⁴;
2. A problemática ligada à consideração da questão da autoria como, substancialmente, superada, pelo menos no que diz respeito a textos anteriores à Ilustração.

³ LA REGINA. Per un'edizione critica di Gregório de Mattos. in *E vós, Tágides minhas*. Miscellanea in onore di Luciana Stegagno Picchio. Roma: Baroni, 1999. págs.405-413.

5.1.1 O copista

Os problemas ligados à transmissão dos textos manuscritos na era moderna são contemporaneamente mais simples e mais complexos dos que aqueles ligados aos textos clássicos e medievais. Mais simples, porque, obviamente, não só intercorreu menos tempo entre a redação física do testemunho e o nosso presente, e portanto houve menor perigo ou realidade de danos concretos ao manuscrito – que de uma forma geral resultará mais legível do que um exemplar muito mais antigo – como também, normalmente, menos redações se interpuseram entre o texto efetivamente redigido pelo autor e nós (voltarei a este ponto mais adiante). O trabalho de cópia na antiguidade clássica e medieval era realizado num desconforto e em condições tão adversas e iníquas que é de se admirar que algum texto tenha chegado até nós⁵. As questões básicas relativas ao ato da cópia, porém, permanecem parecidas mesmo em tempos mais recentes.

Um exemplo relativamente fantasioso, porém límpido e instrutivo, quanto aos problemas gerados pela transmissão textual manuscrita, nos é oferecido pelo filólogo Alphonse Dain:

Immaginate Plinio il Vecchio dopo un pasto “leggero e semplice al modo antico” e figuratevelo, per lo meno in estate, “approfittare di un po’ di pace per stendersi al sole”. Accanto a lui c’è uno schiavo che gli legge qualche dotto autore greco; dopo ogni brano, Plinio si volta verso un altro schiavo [...] e gli detta in latino la trascrizione e l’adattamento del testo

⁴ Para este assunto encontrei preciosas observações e estimulante material de reflexão no recente estudo de CANFORA, Luciano. *Il copista come autore*. Palermo: Sellerio, 2002, que citarei fartamente a seguir.

⁵ A este respeito cf. DAIN, Alphonse. Il problema della copia. In STUSSI, Alfredo (org). *La critica del testo*. Bologna: Il Mulino, 1985. p.129-150. É especialmente vívida a imagem do gramático Donato com a tábua que substitui uma escrivãzinha (que só passará a ser usada em tempos modernos) apoiada nas pernas, o texto a ser copiado na mão esquerda, o *calamo* na mão direita, a testa franzida pelo esforço não só intelectual como físico (p.132).

che gli è stato appena letto. Il passaggio dal greco al latino per via orale, senza che sia stata vista la parola tecnica nella forma scritta, spiega più di una cantonata presa dall'autore della *Storia naturale*⁶.

Naturalmente, este é um caso limite, e não se aplica ao caso do texto de Rabelo – que evidentemente foi copiado – e talvez nem ao dos poemas de Gregório, se bem que em alguns casos alguns erros possam nos sugerir que certos poemas foram ditados ou pelo menos transcritos a partir de uma versão oral.

Mais complexos, porque, como escreveu Bleuca,

Dada la peculiaridad de la creación poética de aquel tiempo [siglos XVI y XVII], la copia podía efectuarse en circunstancias y con medios muy variados y, en general, llevada a cabo por copistas no profesionales. [...] Las copias están hechas no tanto para conservar un texto como para gozar de él, usarlo, leerlo. Al no tratarse siempre de amanuenses profesionales, el copista ocasional puede prestar poca atención al modelo, o, al contrario, demasiada atención [...]⁷.

Enfim, o respeito para com o texto, já muitas vezes aproximado em tempos mais antigos, nos séculos mais recentes, e dependendo do gênero tratado, pode ser especialmente reduzido. De fato, não havia nos séculos XVII e XVIII – pelo menos até a chegada da Ilustração – nenhum cuidado especial devotado aos textos literários manuscritos, que, logo que compostos, eram imediatamente incorporados a uma

⁶ DAIN. Cit. p.130. “Imaginem Plínio o Velho, após uma refeição ‘leve e simples à moda antiga’, pelo menos durante o verão, ‘Aproveitar de um pouco de paz para deitar no sol’. Do seu lado há um escravo que lhe lê algum duto autor grego; após cada trecho, Plínio vira-se para um outro escravo [...] e dita em latim a transcrição e a adaptação do texto que acaba de ser lido para ele. A passagem do latim ao grego por via oral, sem que tenha sido vista a palavra técnica em sua forma escrita, explica mais de um erro crasso cometido pelo autor da *Historia naturalis*”.

⁷ BLECUA, cit. p.207.

espécie de patrimônio comum⁸, cabedal de uma sociedade que os considerava como próprios e, portanto, não intangíveis e sagrados, mas pelo contrário modificáveis e manipuláveis singular e coletivamente.

Deve se prestar atenção aos mecanismos do ato da cópia, relativamente constantes até os dias de hoje, quando se copia algo manualmente (ainda que isto esteja se tornando algo relativamente raro, se até em alguns concursos atualmente a prova dos candidatos é redigida no computador, gerando, a meu ver, alguns problemas de autenticidade). As quatro etapas da redação material de um texto manuscrito são relatadas por Dain, citando por sua vez Desrousseau: a leitura do modelo; a memorização do texto; o ditado interior; o trabalho da mão (entendendo com este último item determinados erros que por alguma razão tornam-se quase inevitáveis na hora de escrever)⁹. Todas as etapas, distintas ainda que normalmente quase que sincrônicas, são passíveis de erros e alterações, devidos a processos mentais variados, lapsos, hábitos, cansaço. Abordarei, porém, a questão do erro logo em seguida.

Independentemente de sua época, o papel do copista na transmissão textual deve ser observado com mais atenção. Normalmente o copista é o vilão da história: considera-se sua existência unicamente para reclamar com maior ou menor virulência de sua ignorância, sua intromissão, seus erros – é significativo como muita da atividade relativa ao preparo de uma edição crítica passe por uma busca quase policial dos erros do(s) copista(s) – e eventualmente sua excessiva memória, bem como o uso indevido

⁸ Id. Ibid., p.210.

⁹ DAIN, cit. pp.144-147. Apesar da diferença do meio, posso citar por exemplo minha total incapacidade de digitar corretamente o sufixo adverbial *-mente* sem errar.

da inteligência. Tenho clara a lembrança do meu professor de filologia românica que, citando um manual (este sim, esquecido) declarava ser o copista inteligente o pior de todos os perigos encontráveis no caminho do filólogo; desde então considero, portanto, um copista obtuso a circunstância mais feliz— o que, porém, naturalmente não é verdade.

É evidente como, sem os copistas, não haveria textos antigos – excetuando-se unicamente os originais autógrafos – nem, conseqüentemente, filólogos. Portanto o copista, mais do que um mero transmissor de informações parcialmente corretas e versões adulteradas e infiéis dos textos antigos, deve ser considerado como um sujeito ativo e fundamental na tradição textual; um sujeito com voz própria e que, por vezes, tem mais influência sobre determinados trechos do texto do que o mesmo autor. Sem esquecer que é o copista, ou de qualquer forma o diretor do laboratório, do *scriptorium*, quem decide qual texto será copiado, e logo terá mais chances de ser preservado e lido, enfim de sobreviver, e qual não será copiado, e, portanto, possivelmente acabe sendo esquecido, acabe ficando mudo.

O copista é quem escreve materialmente o texto: o autor compôs; o copista escreveu.

O copista “è il vero artefice dei testi che sono riusciti a sopravvivere”¹⁰.

O texto Pierre Menard, autor do *Quixote* (1939), é um dos mais conhecidos de Borges; sua influência no pensamento brasileiro passa através da instigante, ainda que nesta altura já bem assimilada, leitura/apropriação de Silviano Santiago¹¹. Voltarei mais adiante à leitura de Silviano Santiago; interessa agora a reflexão, ainda que paradoxal, e portanto mais surpreendentemente adequada, de Borges relativamente à

¹⁰ CANFORA. Cit. p.15. “é o verdadeiro artífice dos textos que conseguiram sobreviver”.

questão da cópia. O escritor argentino, que antecipou em suas obras inquietudes e sensibilidade próprias da narrativa e em geral da reflexão pós-moderna, “suggerisce quanto sia tenue la nostra presa su ciò che chiamiamo realtà, e sottopone a parodia la volontà di verità e l’impulso classificatorio con cui diamo un ordine al mondo. [...] Nella sua opera le mescolanze di piani e di strutture si riflettono nella mescolanza di altri livelli testuali”¹², como em Pierre Menard, autor..., híbrido de conto e de ensaio, sem ser nenhum dos dois, que não reverte a ordem das coisas – o que representaria a inserção numa tradição por vezes marginal, mas ainda assim bastante antiga – mas mistura a ordem das coisas, embaralhando real e imaginário, lógico e surreal até induzir no leitor a angustiante sensação de *Unheimlichkeit*, de turbamento que é produzida por alguns sonhos dos quais não se consegue acordar, ou visões do abismo.

Parece-me central o trecho em que Borges escreve:

Não quis [Menard] compor um outro *Quixote* – o que é fácil – mas o *Quixote*. Inútil especificar que ele nunca pensou em uma transcrição mecânica do original; seu propósito não era copiá-lo. Sua admirável ambição era a de produzir algumas páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes [...]. O método que inicialmente imaginou era relativamente simples [...] *ser* Miguel de Cervantes¹³.

Assim como a aparentemente absurda, mas, pelo contrário, fruto de uma lógica sutil, observação em que se diz “Apesar destes obstáculos, o fragmentário Quixote de

¹¹ SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.9-26.

¹² QUAYSON, Ato. Realismo mágico, narrativa e storia. In Franco MORETTI (org). *Il romanzo*. 5 vols. Torino: Einaudi, 2002-2003. II. Le forme. pp.615-636: p.621 e 622. “sugere quão tenuemente nós nos seguremos àquilo que chamamos de realidade, e parodiza a vontade de verdade e o impulso classificatório com os quais ordenamos o mundo. [...] Em sua obra as misturas dos planos e de estruturas se refletem na mistura de outros níveis textuais” .

¹³ Cito, traduzindo, de BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autore del *Chisciotte*. *Finzioni*. Trad. Angelo Morino. Milano: Feltrinelli, 1985. pp.38-49: p.42 e 43.

Menard é mais sutil do que aquele de Cervantes. [...] O texto de Cervantes e o de Menard são idênticos, mas o segundo é quase infinitamente mais rico”¹⁴.

A conclusão à qual devemos chegar é de que o único verdadeiro leitor é quem copia o texto – como sabe quem já copiou algum manuscrito ou um texto que não podia ser reproduzido – e, ao mesmo tempo, que quem copia o texto acaba tornando-se também autor, ou co-autor daquilo que ele transcreveu¹⁵.

No que diz respeito aos textos mais antigos, as intervenções, as interpolações, as dificuldades mecânicas, a fragilidade do meio, a diversidade lingüística – muitos textos gregos foram copiados por copistas quase ignaros do idioma, e outros traduzidos com absoluta liberdade¹⁶ – as diferentes censuras, a casualidade que fez sobreviver um manuscrito e não outro talvez “melhor”, a arbitrariedade que levou a considerar melhor um códice ao invés de outro, enchentes, terremotos¹⁷, incêndios¹⁸, enfim a viagem de séculos e séculos pelos oceanos inexplorados de bibliotecas e mãos nem sempre zelosas produziram situações em que a obra que possuímos talvez esteja extremamente longínqua daquela que o autor quis escrever, apesar de todos os cuidados de amorosos exegetas. O que temos são as versões dos copistas.

¹⁴ Id. Ibid., p.45 e 46.

¹⁵ Cf. CANFORA, cit., p.18-19

¹⁶ Cf. Id. Ibid., p.44.

¹⁷ Cf. p.ex. SCHWARTZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹⁸ Cf. p.ex. CANFORA. *La biblioteca scomparsa*. Palermo: Sellerio, 1986, sobre o incêndio da biblioteca de Alexandria.

5.1.2 Autor, autores

É curioso como, ainda no século XVIII, a uma censura bastante rigorosa e inequívoca e ontologicamente obtusa (cf. cap.4), e portanto avessa à livre existência e publicação de textos de vária origem, corresponda a mais livre circulação dos textos no sentido de sua migração de um autor, e de um país, para outro. A noção de autoria ainda é algo muito flutuante, extremamente irregular, mutável a depender dos humores e das circunstâncias. Textos são atribuídos a vários autores, de vários países, em vários idiomas. A reconstituição da autoria legítima, ainda que em certos casos específicos devida e necessária, em muitos outros aparenta ser no fundo um exercício estéril levado adiante por um obcecado Sherlock Holmes das letras. Se Calvino escreve de uma enciclopédia aberta (portanto algo etimologicamente contraditório) como “totalità potenziale, congetturale, plurima”¹⁹, podemos pensar numa autoria aberta e múltipla, em que as obras, como as almas dos amantes no V canto do Inferno de Dante, são empurradas por um vento incessante (mas este, diferentemente do de Dante, benévolo), num movimento infinito.

¹⁹ CALVINO, Italo. *Molteplicità. Lezioni americane*. Milano: Mondadori, 1994. p.113-135: p.127. “Totalidade potencial, conjetural, múltipla”.

5.1.2.1 Tomás Pinto Brandão e a contaminação biográfica

O *Pinto Renascido*, de Pinto Brandão, foi publicado em 1732 e teve várias edições em seguida, entre as quais a de 1753, de especial importância porque contém uma biografia de Tomás Pinto Brandão escrita por um “anônimo” e publicada dez anos após a morte do poeta, a *Vida Sucinta e Abreviada do Autor por Um dos Acadêmicos Aplicados, Seu Contemporâneo*²⁰. É de fato uma coincidência notável, a de dois poetas tão afins por inspiração e até por acontecimentos biográficos terem tido também suas biografias escritas por autores ou anônimo, como no caso de Pinto Brandão, ou nomeado e, porém, completamente desconhecido, como no caso de Gregório. Acontecimentos biográficos que os viram juntos, na citada viagem de Portugal até a Bahia - acontecida, segundo Pinto Brandão, em 1681, mas segundo Fernando da Rocha Peres em 1682-83 e segundo Pedro Calmon em 1682²¹ - ou de qualquer forma atingiram ambos os poetas, como no caso do “degredo” para Angola, onde Pinto Brandão teria estado por alguns anos a partir de 1693 ou 1694²², e para onde Gregório teria seguido também em 1694.

Aliás, não existem documentos que relatem este degredo de Gregório, que nos é atestado unicamente pelo testemunho de Rabelo que cito a seguir:

/XL/ [...] Trabalhou o infeliz Gregorio por justificar-se, Lizongeando a hum tempo aquelle Magistrado, cujas entranhas dominava pias; mas D.Joaõ o desenganou intimando-lhe, que por sua conhecida culpa, e necessario remedio havia de imbarcar-se para Angolla em huã Não, que promptamente carregava a tropa de cavallos de El Rêy para

²⁰ Cf. PERES. O Pinto novamente renascido, cit., *passim*; PALMA-FERREIRA, cit., págs. 8-9.

²¹ Cfr. PERES. *Gregório de Mattos Guerra - uma re-visão biográfica*. Salvador: Macunaima, 1983. págs. 77-81. CALMON, cit., págs. 50-53.

²² Cfr. PERES. O Pinto novamente renascido, cit. págs. 217-218.

Banguella. [...] /XLVII/ D.Joaõ chegada a hora de embarcar o mandou vir a sua prezença e tratando-o com humanidades de Principe lhe pedio que evitasse az occaziõens de sua perdição ultima; porque hêra lastima, que hum sugeito a quem o Ceo enrequecera de talento para melhor fama, comprasse o seo discredito com o dizcredito irremediavel de tantos. Decorosamente o fêz embarcar, não se olvidando de recomendallo ao Governador de Angolla Pedro Jaques de Magalhaenz, a quem com accauza daquelle degredo insinuava os perigoz, que em qualquer parte corria sua pessoa. /XLIII/ Chovendo maldiçoenz, e praguejando satyras peregrinou oz mares aquelle, que por inztantes naufragava nas tempestadez da terra. [...] /XLVII/ [...] Chegado ao Reyno de Angolla, miseravel paradeiro de infelizes, a quem com a propriedade costumada chamou armazem de penna, e dor: e exercendo na Cidade de Loanda o Officio de Advogado, aconteceu, que amotinada a Infantaria da Goarniçaõ daquela Praça, e posta em armas fora da Cidade, entrou huma chusma de Soldados pella caza de Gregorio de Mattos forçando-o a que os fosse aconselhar sobre as capitulaçoenz, que tinhaõ com o Governador seo General; e posto com effeito entre oz amotinados no campo clamou que o levassem à caza, para trazer certa couza, que lhe esquecera, sem a qual não podia obrar a mediada de suas satisfaçoens. Entenderaõ os soldados que /XLVIII/ seria Livro de direito, e não duvidaraõ de romper segunda véz o perigo de entrar na Praça; mas aquelle que imaginavaõ instrumento de solido concelho, outra couza não hera mais, que a sonora cabaça do Poeta, do que se infere o como chasqueava este Democrito das alteraçoeñz da fortuna. Muito pago ficou o Governador desta galantaria geralmente celebrada. Servio-se delle para Adjunto na condemnaçaõ dos cabeças daquelle motim, que foraõ arcabuzeados pelos ouvidos; e desempenhando a recomendaçaõ de D.Joaõ de Alencastre deo lhe Liberdade para embarcarse a Pernambuco²³.

Segundo Rabelo, pois, o então governador D. João de Alencastro era grande apreciador dos poemas de Gregório – ele teria sido “secreto eztimador das valentias desta Musa, que a toda a deligência lhe enthesourava as obras desparcidas, /XXXVII/ fazendo as copiar por elegantes letras”²⁴ – e por isso, tendo desembarcado o filho de

²³ Cito do códice MC, XL a XLVIII.

²⁴ Ibidem, XXXVI-XXXVII.

algum personagem ferozmente satirizado por Gregório, e que teria jurado se vingar dele, para proteger o poeta Alencastro teria resolvido mandar prender Gregório e despachá-lo para Angola. Faltam, como disse acima, documentos sobre este curtíssimo degredo de Gregório – que em 1695 teria morrido em Pernambuco, segundo a cronologia elaborada por Peres²⁵ - e que conseqüentemente teria estado em Angola juntamente com Pinto Brandão, o qual não menciona o fato em sua *Vida e Morte*. Com relação à cronologia, é de se lembrar que, em época de ventos favoráveis, a viagem da Bahia para Luanda demorava no mínimo 40 dias, e de Luanda para Recife um mínimo de 35 dias²⁶; sem contar que evidentemente, apesar de um razoável tráfico comercial²⁷ entre Brasil e Angola (e da necessidade de os navios portugueses para Angola fazerem escala no Brasil)²⁸, não devia haver extrema freqüência de transporte entre as duas colônias portuguesas.

Todos os estudiosos que têm lidado com a biografia de Gregório aceitaram como verdadeira, sem questioná-la, a viagem, ou melhor, o desterro, de Gregório para Angola²⁹; de fato, pelo contrário, acredito que Gregório na verdade nunca tenha sequer pisado em Angola, e que tenha sido transferida para a sua biografia a viagem que na realidade foi de Pinto Brandão. Assim, os poemas sobre Angola seriam autoria de Pinto Brandão – já que não resta dúvida de que há uma grande confusão com

²⁵ Cf. PERES. *Uma re-visão*, cit., págs. 96-98.

²⁶ Cf. ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes*. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P.249.

²⁷ Principalmente, ainda que não só, de escravos: avalia-se em cerca de 113.000 o número de escravos saídos de Angola para o Brasil só nos anos 1650-1700. Cf. id., *ibid.* p.376.

²⁸ Cf. Id., *ibid.*, p.249.

²⁹ Cf. por exemplo VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira* ou colleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil. 3 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1987 (I ed. Lisboa, Imprensa Nacional 1850-1853). I, p.97; CABRAL, Alfredo do Valle. Introdução. In MATTOS, Gregório de. *Obras Poéticas*, cit. p.V-LIII:

relação ao que é de autoria de Gregório e o que é do poeta português dentro do *corpus* gregoriano: como exemplo melhor, resta o poema *Sátira ao Governo de Portugal, por Gregório de Matos, ressuscitado em Pernambuco no ano de 1713* – que começa com “Um Reino de tal valor, e tem o mote Este é o bom governo de Portugal”³⁰. Os poemas relativos a Angola na maioria das vezes só têm referência geográfica explícita na didascália, como é o caso de *Hoje à força meu fado* (JA, 1179), *Passar la vida, sin sentir que passa* (JA, 1180) e *Nesta turbulenta terra* (JA, 1183); este último, porém, contém referências à “etiópica gente” no corpo do texto (v.34)³¹. Angola é citada expressamente num único poema, “Angola é terra de pretos” (JA, 1181)³², sobre o qual escreveu Peres em seu *Gregório de Mattos e Guerra em Angola*³³; de fato, o poema é rico em detalhes sobre os acontecimentos que causaram aqueles que Luiz Felipe de Alencastro chama de “Os tumultos dos jeribiteiros”³⁴, ou seja dos que bebiam cachaça, ou jeribita³⁵. Como afirma Peres, “o poeta ao contar os fatos aproxima-se da verdade histórica de uma maneira surpreendente”³⁶, só que, segundo a hipótese que aqui se expõe, o poeta não era Gregório e sim Pinto Brandão. Só existe

p.XLIII; VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4ª. Ed. Brasília: Editora da UnB, 1981. p.77. SPINA, Segismundo. *A poesia de Gregório de Mattos*. São Paulo: Edusp, 1995. p.22.

³⁰ Cf. BRANDÃO. *Este é o bom governo de Portugal*. Cit. págs. 155-170; JA. págs. 1232-1245.

³¹ Muito interessante a observação de Alencastro – que involuntariamente corrobora a hipótese da inexistência da viagem gregoriana para Angola – sobre a presença deste texto, reportado como de autor anônimo, em alguns manuscritos da BNL de Lisboa e também citado na *História geral das guerras angolanas* de Cadornega, morto em 1690. Evidentemente, pois, Gregório não poderia ter escrito em Angola este poema, considerando que ele teria ido para a colônia africana em 1694. Cf *ibidem*, págs. 351-52 e 465.

³² Excluem-se aqui as referências eventuais a Angola como lugar de desterro alheio, presentes nos poemas citados mais adiante.

³³ PERES. *Gregório de Mattos e Guerra em Angola*. *Afro-Ásia* 6-7, jun-dez/68. págs. 17-40: 25-38.

³⁴ ALENCASTRO. cit. Págs. 314 e ss.

³⁵ In BLUTEAU: “Gerebita. Palavra do Brasil. Agoa ardente, que se faz da borra, das cannas de açúcar”. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a Elrey de Portugal, D. João V pelo Padre Raphael Bluteau, clerigo regular doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa*. Coimbra, no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno 1712-1728. IV, p.62.

um documento que atestaria a presença do poeta baiano em Angola: um *Registo do Perdão* de 9.11.1694, no qual é citado um Gregório Roiz (logo, Rodrigues) de Mattos, membro do Conselho da Câmara de Vereação de São Paulo de Assunção (Luanda)³⁷. Poderia ser o nosso Gregório, mas parece muito estranho que tenha sido errado o sobrenome de um dos assinantes de um documento oficial; assim como fica difícil entender como Gregório teria conseguido alcançar uma posição de prestígio na Colônia com tamanha rapidez, e por isso, caso realmente o Gregório Roiz seja o poeta, pelo menos ficaria muito contestável a afirmação de que ele teria sido desterrado para Angola.

O desterro para Angola na época era algo relativamente comum – em vários poemas atribuídos ao próprio Gregório há explícitas referências a viagens indesejadas ou ao desterro para Angola: é o caso de alguns presos: “vos meteis co amigo Baco / ele às vezes é velhaco, / dará convosco em Angola”³⁸; ainda, “esperai pela pancada, / que com carocha pintada / de Angola há de ser Visrei”³⁹; “Provo: todo o prazer, gosto, e alegria / que se tem do Faria deduzido, / o deu sempre a Mulher, nunca o Marido; / que ela ia para Angola, e ele não ia”⁴⁰; “Para esta Angola enviado / vem por força do destino / um marinheiro ao divino / ou mariola sagrado”⁴¹; e assim por diante.

³⁶ PERES. Gregório de Mattos e Guerra em Angola, cit. p. 28.

³⁷ Id. ibid, p.35. Lembramos que no começo dos anos de 1630 foi presente em Angola, por exemplo, um Fernão de Mattos. Cf. ALENCASTRO, cit., p.222.

³⁸ MATOS. *JA*, I, 329.

³⁹ *JA*, I, 35.

⁴⁰ *JA*, I, 163.

⁴¹ *JA*, I, 237.

O desterro para um país longínquo e inhóspito foi um *topos* literário e biográfico desde a antiguidade (lembramos p.ex. a infeliz experiência de Ovídio) e está presente até na biografia de Camões, por exemplo na versão de Pedro Mariz, publicada na edição de *Os Lusíadas* de 1613, onde se relata que, “como algũs dizẽ”, Camões teria sido desterrado na Índia por causa de “por hũs amores”⁴²; pensando em poetas brasileiros, não muito tempo depois da redação da *Vida* de Rabelo temos o exemplo de Tomás Antônio Gonzaga (cujo desterro, porém, está fartamente documentado). Enfim, o desterro para Angola parece ser um dos muitos *topoi*, ou melhor mitos, que compõem a biografia gregoriana, numa precisa linha de tradição da qual Rabelo se faz intérprete e reescritor.

Voltando à questão dos poemas de Gregório e de Pinto Brandão, há muitas coincidências textuais (e, mas isto na época era inevitável, temáticas e estilísticas) como a proximidade destes trechos, o primeiro, muito conhecido, de Gregório, e o segundo do poeta português:

Sahio a satyra mà,
 e empurraraõ-me os perversos,
 porque emquanto a fazer versos
 só eu tenho geito cá:
 n'outras obras de talento
 só eu sou o asneiram;
 mas sendo satyra, entam
 só eu tenho entendimento⁴³.

Pois já que nisso falamos,

⁴² MARIZ, cit. f.5v.

⁴³ Cito novamente do códice MC, p.153; a mesma estrofe encontra-se em JA, I, 541.

Sobre isso discorreremos.
 Verás que aqui muita gente
 Diz que sou um asno em metro,
 E, havendo sátira alguma,
 Logo tenho entendimento.

Faça-as aqui o Diabo,
 Que disso está cheio o Reino,
 Logo é autor Tomás Pinto,
 E por consequência Réu⁴⁴.

Há inúmeros outros casos de poemas que, apesar de contidos no *corpus* de Gregório, poderiam de fato pertencer a Pinto Brandão. Alguns códices gregorianos incluem poemas de Pinto Brandão, como é o caso do BNRJ50,60; alguns poemas de RBM possivelmente possam ser atribuídos ao poeta português, como é o caso do inédito “He esta a quarta monção”, que transcrevo aqui:

A Thomas Pinto Brandam estando prezo pelo Governador Antonio Luiz
 Gonçalves para o mandar para a Terra nova

1

Hé esta a quarta monçam,
 que escreve o pobre Thomaz,
 para ver se o tempo faz,
 o que nam fez a razam:
 dai me, Senhor atençaçam,
 que a Musa se dezempenna;
 e pois tanto me condemna
 vosso rigor a penar
 hei de vos satyrizar,
 inda que com minha pena.

2

Alguem hade presumir,
 que vos quero molestar
 pois hei de vos sò picar,

⁴⁴ BRANDÃO, cit. p.44.

mas nam vos hei de ferir:
 todos me podem ouvir;
 pois descrevo hum General

no governo tam neutral,
 que em seos effeitos contem
 disfarçado todo o bem
 com accidentes de mal.

3

Vinde cá: que mal vos fiz,
 ou que odio em vos se enserra,
 para me arrancar da terra,
 que hê o meo bem de raiz?
 olhai Antonio Luiz
 isso hê meter me na cóva,
 pois sem dar fruto de prova
 por ser hum fraco espinheiro,
 me enxertaes em limoeiro
 para por me em terra nova.

4

Dais-me a presumir, senhor,
 que ElRey com força distinta
 tirar vos da vossa Quinta
 foi sò para me dispor:
 se me plantaes por favor
 neste de ferro quintal,
 por ser planta natural,
 mais bem disposto estarei
 fora do Pomar delRey
 Là no vosso feijoaal.

5

Dizem me tendes disposto
 n'hum pataxo prizioneiro
 para o Rio de Janeiro;
 pois nam me vem muito agosto:
 dando a meos rogos disgosto:
 nam deveis de estar lembrado
 quando da paixam levado

me mandaveis sem demora
para Angola; e se entam fora
no mar morria affogado.

6

Pois já se me tem fadado,
que heide ser por meo partido,
ou com Neptuno perdido
ou com Pirata ganhado:
vença-vos, Senhor, o fado,
que algum sertam ha de haver,
para de vos me esconder,
onde com pezar interno
chore no vosso governo
a pena de vos não ver.

7

Se exàminaes meo valor,
cançaes-vos, Senhor em vam,
que excede a minha affeição
a todo o vosso rigor:
eu com extremos no amor,
vos no rigor pertinàs:
quanto o odio cruel vos faz,
tanto eu sou mais vosso amigo;
porque estaes mais bem comigo
quanto estaes mais contumaz.

8

Se me quereis defender,
basta querello intentar,
se nam deixai-me matar,
que morro em fim por querer:
e se nada disto houver
na vossa magnificencia,
tirarei por consequencia,

que a potencia natural

nam he, que me fás o mal,
fas me mal vossa Potencia.
(RBM, 45v-47r)

Vale, porém, a ressalva de que não estou sugerindo a identidade entre Gregório e Pinto Brandão (nem de Gregório com quem quer que seja), mas simplesmente hipotizando a transferência de acontecimentos da vida de Pinto Brandão para o relato da vida gregoriana. Inclusive é de se notar como a *Vida Sucinta* tenha sido publicada em 1753, ano que podemos considerar muito próximo da data de redação da *Vida do doutor Gregório de Mattos* por Rabelo; novamente, não estou sugerindo a identidade dos dois biógrafos, mas unicamente apontando para a quase contemporaneidade, que deve ter levado inclusive à utilização de *topoi* parecidos, quando não idênticos, além de ter possibilitado algumas confusões, sobretudo no que diz respeito aos dados do poeta mais antigo.

Enfim, como escreveu Zumthor, “le texte bouge”⁴⁵, e o movimento frenético dos textos de Gregório, ou a ele atribuídos, justifica plenamente a aplicação do conceito de *mouvance*, ou movência – como a chamou Celso Cunha⁴⁶ – às obras deste poeta e dos seus contemporâneos⁴⁷. No caso das biografias de Gregório e Tomás Pinto

⁴⁵ ZUMTHOR. Intertextualité et mouvance, cit. p.12.

⁴⁶ CUNHA, Celso. A movência. *Significância e movência na poesia trovadoresca*. Questões de crítica textual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. Págs. 35-41. Sempre sobre a movência, fundamental STEGAGNO PICCHIO, Luciana. Camões/Petrarca: studio di varianti, in *Petrarca, Verona e l'Europa, Studi sul Petrarca* – 26, Padova: Antenore, 1997, pp.435-456. Enfim, sobre a movência aplicada às obras de Gregório, remeto a LA REGINA. Gregório de Mattos e la *mouvance*. Cit.

⁴⁷ Veja a este respeito o cap.II.

Brandão, podemos falar de contaminação, só que de uma contaminação por assim dizer biográfica além daquela, bem mais comum, textual. Enfim, não importa, se não numa perspectiva documentária, *quem* foi a Angola e se realmente um poeta, ou os dois, ou nenhum dos dois foram à África. O que importa é remarcar a fluidez dos textos e das idéias, sua circulação, seu movimento, sua generosidade, até, no mútuo empréstimo e na utilização conjunta, na “comunidade imaginada” das letras setecentistas em língua portuguesa (e não só portuguesa), quando a idéia de nação ainda estava por vir.

5.2 A *Vida socinta...*, de Pinto Brandão

Por não ser um texto muito conhecido, e, ainda que citado em obras relativamente recentes⁴⁸, ser dificilmente encontrado em sua redação original, reproduzo aqui a *Vida socinta*, assim como foi publicada na edição de 1753 do *Pinto Renascido*.

/I/ VIDA SOCINTA, E ABREVIADA DO AUTOR⁴⁹

Por hum dos Acadêmicos Aplicados Seu Contemporâneo.

Na famoza Cidade, que tomou o nome do deu Porto, e deu ao Reyno, em que tem o segundo lugar, assim pelo numero de habitantes, como da florecencia do seu comercio, viu a primeira luz no dia 5. de Março do anno de 1664. *Thomaz Pinto Brandam*, Author deste livro, e de outras muitas obras, humas impressas, outras manuscritas, que se darão juntas ao Prelo em segundo volume; recebeu com o sagrado Bautismo o nome de Thomàs em 12. do proprio mez, na Igreja Cathedral. Foraõ seus Pays Gonçalo Pinto Camello, e Isabel Brandão, dotados ambos de igual Nobreza, como indicaõ estes três Apelidos, que a lograõ notoriamente naquella Comarca. Não conseguirão nunca favores da fortuna, porque a sua extravagância o costuma destribuir muytas vezes pelo que menos os merece. Nem aproveytou ao Pay para alcançallos a applicação das letras, que exercitou na incumbência de Advogado daquella Relação.

Desde a idade pueril começou a estudar a lingua Latina, e soube suficientemente a sua gramática, mas chegando a de 17. annos, e considerando o pouco que seu Pae interessára com os estudos, nem descobrindo meytos licitos de adquirir na sua Pátria,

⁴⁸ Como as de PALMA-FERREIRA e de PERES, citados.

⁴⁹ PINTO RENASCIDO, EMPENNADO, E DESEMPENNADO: PRIMEIRO VOO, Dedicado, e offerecido ao Senhor C[apita]m JOZE' DA COSTA PEREYRA, Cavaleyro professo da Ordem de Christo, e Familiar do S.Officio da Inquisição deste Reyno, Acrescentado com a vida de seu Author, e

emprego, e lhe conferisse aquellas ventajias a que a mocidade /2/ aspira, tomou a resolução de passar a Lisboa, onde os naturaes das Provincias se lhes asigura ordinariamente nas ruas se tropessa no ouro, que se achão nas prayas as Perolas, e se encontrão nas pedreiras do seu contorno os diamante. O Pay, que o não poude persuadir do seu desígnio, na despedida lhe disse, como elle mesmo refere na sua vida, que escreveu, e conserva o original da sua propria letra Jozè Freire de Monterroyo Mascarenhas, entre os manuscritos da sua livraria.

*Filho não perras, nem sirvas
Mais, que a Deos, e ao Rey somente.
Por mais fomes que passares,
Ou trabalhos que tiveres.*

Deixou enfim a caza de seus Paes, e a sua Pátria no anno de 1681. Chegou a Lisboa, Paraizo, que tantos apetece, e em que muitos achão todos os pomos vedados, como a elle lhe succedeu. Passarão-se quatro meszes sem descobrir nenhum modo de viver honradamente, nem quebrantar os preceitos de seu Pae, e gastando o pouco de que o proveu para a viagem, mas não poude esta falta reduzi-lo a viver de calotes, discorreu, como muitos, que mudando de lugar o desconheceria a fortuna: empreendeu hir viver da sua argencia em outro mundo, passando ao novo, que assim se chamaõ os habitantes do antigo, àquella grande extenção de terra, que *Christovão Colon* foy reconhecer por noticia do Portuguez, *Affonço Sanchez*, que a descobriu, e /3/ que *Americo Vespuccio* bautizou com o seu nome. Tinha feyto na Corte conhecimento com o Bacharel *Gregorio de Matos Guerra*, natural da Bahia, que vindo estudar a Faculdade da Jurisprudencia, na Universidade de Coimbra, se achava Opositor a alguma Judicatura na sua Pátria. A semilhança dos gênios ambos juvenis, e picantes, apertou tanto os vínculos da sua amizade, que despachado neste tempo o Gregorio, levou comsigo o Thomaz para a Bahia. Entrou este a servir ao Rey naquella Cidade assentando praça no Terço da sua guarnição, e com a meza do amigo, com a paga do Rey, e algum grangeyo do jogo, não só passava com o estado decente, mas lhe abrangia para as estravagancias de moço. Infulhiu nelle Gregorio de Matos o seu

espírito agudo, e picante, a que o seu prespicáz engenho soube iluminar com hum emphasi específico, que brilhava não só nas suas composições, mas nos seus ditos. Por algumas travessuras muy naturaes em hũa idade, que costuma fazer timbre dos excessos, o mandou prender no anno de 1693. o Almotacel mór *Antonio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho*⁵⁰, que neste tempo era Governador, e Capitão General da Capitanîa da Bahia de Todos os Santos, Varão recto na administração da Justiça, e assim flexível no castigo dos delinqüentes. Solicitou o prezo pelos meyo ordinários o seu livramento, e vendo eu havia durado quasi hum anno a sua prizaõ, recorreu ao mesmo Governador com huma Petição em metro, que principiava nesta fórma

*/4/ Diz Thomáz Pinto Brandaõ
Estrangeiro na Bahia
A quem Vossa Senhoria;
Faz natural da prizaõ.*

Alegando ter já o castigo, que recebia excessivo, por se ajuntar com a opressão da liberdade a perda do tempo para o merecimento do serviço Real, e o lucro sessante das suas agencias. Implacável aquelle Cavalheiro depois da prizaõ de hum anno o fez sentenciar ao degredo para Angola; mas acabando o seu governo antes da execução da sentença, a moderou a bondade do animo do sucessor, que nelle teve. Este foy D. João de Alamcastro, a quem o Real sangue, que lhe deu o apelido, influiu juntamente a benignidade, e assim lhe comutou o degredo para lugar de clima menos áspero, trocando pelo Rio de Janeiro o de Angola.

Foy com effeyto condizido para a Cidade de S.Sebastiaõ, onde residia como Governador da Provincia Luiz Cesar de Menezes⁵¹ Alferes Mor do Reyno. Serviu nas Tropas daquella guarniçaõ, como à tinha feito na Bahia, porém o seu gênio sempre propenso a travessuras, e sátiras picantes, como huma que escreveu contra hum favorecido do Governador, deu occasiaõ a que experimentasse segunda vez as

Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N.S. Anno de M.DCC.LIII

⁵⁰ Governador do Brasil entre 1690 e 1694.

⁵¹ Luiz César de Menezes (1653-1720) foi governador do Rio, depois de Angola (1697-1701) e sucessivamente do Brasil (1705-1710).

mortificações da perda da liberdade. A este assunto escreveu o Romance em eccos, que imprimiu com as mais obras, e começa

*/5/ Prezo entre quatro Caboucos
Me tem sua Senhoria,
Por huma falca verdade
Que de huma mentira – tira*

Continuando a prizaõ, recorreu ao Governador, implorando a sua clemência com o Soneto, que comessa

*Fortemente, Senhor, tem conspirado
Contra o pobre Thomaz a sorte dura,
Pois não pode alcançar sua soltura
Por mais que tem pedido, e tem chorado.*

Teymou o Governador em continuarlhe o castigo, e elle lhe instou com outro requerimento dizendo

*Contra mim tem o odio acumulado
Culpas, que ainda não tenho cometido;
Mas ainda assim prostrado, e arrependido
Me acolho a vossos pés como a sagrado.*

Estes dous Sonetos põde ver o leytor neste livro, *que* são os dos numeros 28. e 29. nem as suas humildes deprecações conseguiraõ a comiseração do Governador; e sahiu da cadeya para *Angola* por degredo. Teve huma viagem dilatada, e penoza. Em huma das coplas em que elle mesmo escreveu a sua vida, a refere nesta fórma.

*O que sofri na viagem
De trabalhos, e de sustos
Nam he para numerado
Nem cabe no meu rezumo.*

*/6/ Chegou a Cidade de S.Paulo, Cabessa do Reyno de Angola, onde o Governador pela recomendação de Luiz Cezar o mandou meter logo na Cadeya, e carregar de ferros, e depois de três mezes de prizam taõ aspera o fez conduzir a *Benguella* para*

servir naquella Presidio. He *Benguella* hum Reyno situado na *Ethiopia inferior* contiguo com o de *Angola*, que faz fronteyra ás terras de *Simbebas*, e *Mataman*, cõtra as quaes os Portuguezes ordinariamente tem guerra; e a este fim edificaraõ hum Castello junto à foz da ribeira chamada *Morena*, que entrega as suas agoas ao Mar Ethiopico, com huma povoação, que tem o mesmo nome do Reyno. Neste presidio assistiu Thomaz Pinto alguns annos. Mas quem diria que no lugar que lhe deraõ por castigo, havia de encontrar a sua mayor felicidade. Neste Paiz que elle chamava horrorozo, se compadeceu delle a fortuna, que nos outros havia sido taõ adversa. Ali sérvio com bom procedimento, e igual felicidade. Ali exercitou o posto de Capitão de Infantaria, e ali se viu Senhor de setenta escravos, huns grangeados por negocio, outros cativados na guerra. Ali teve huma amizade bem estreita, mas não legitima com Nana Ambundo, sobrinha da Rainha Ginga⁵², e neta do grande Caconda Rey de hum dos Paizes circumvezinhos, desta houve hum filho de quem elle mesmo disse

*Certo que foy bem nacido,
E posto que hum tanto fusco,
Tinha a côr baça na pele
Mas sangue Real no bucho.*

/7/ Continuou o serviço Militar naquella fronteyra alguns annos; até que chegou a *Angola* com o emprego de Governador, e Capitão Geral o mesmo *Luiz Cezar de Menezes*, que vendo já satisfeita a sua vingança lhe deu licença para se recolher ao Reyno: embarcou-se para o Rio de Janeiro, onde aportou com toda a sua negraria. Fez presente de alguns escravos a pessoas de quem dependia. Converteu outros em ouro, e conservou os mais em seu serviço, entrando nestes hum chamado *Damiaõ*, que o serviu fielmente até à morte, em que lhe concedeu toda a liberdade, que já gozava de meyas pelo amor com que o tratava. O destino lhe tinha disposto na Cidade de *S. Sebastião* o seu casamento, e neste lhe havia o seu infausto influxo prevenidos

⁵² A rainha Ginga, ou Jinga, ou Nzinga, famosa por ter citada em *La philosophie dans le boudoir* (1795) de Sade, em um soneto de Bocage (1792) e nas aulas da *Razão na História* de Hegel (1822-23), morta em 1663, lutou contra os portugueses, converteu-se no final da vida à religião católica e apareceu como símbolo de devassidão e crueldade nos relatos da época (“transexualismo, haréns de rapazes, infanticídio, antropofagia, feitiçaria, luxúria ...”), até tornar-se, nos dias de hoje, “heroína das feministas americanas”. Cf. ALENCASTRO, cit. pp.277-283 e passim. As citações são respectivamente das p.279 e 282.

novos motivos para sua perturbação. Cazou, e pertendendo despachar-se com o Habito de Christo pelos serviços, que havia feyto na Bahia, no Rio, e em Benguella, se embarcou para o Reyno. Chegou a Lisboa pelos annos de 1703, trazendo comsigo sua mulher, e sua sogra. Achava-se opulento, e gastava liberalmente, freqüentava a Comedia, e as cazas do jogo, e foy gastando em humas, e outras o que tinha adquirido em *Benguella*.

Naõ se acomodava a sogra a sofrer estes descaminhos, e como tinha a condição aspera, e elle o genio muy livre, começaraõ com as demandas a descompor-se ambas as partes. Naõ houve crime, nem vicio, que mutuamente se naõ imputasem. /8/ A sogra que era já viúva de tres maridos, empenhava-se em destruhir este genro, depois de haver já afugentado outro. O outro sem reflexaõ no descrédito, que para si proprio fabricava, ao mesmo tempo fazia públicos nos seus versos os defeytos mais íntimos da sogra. Em qualquer das suas pessoas, ainda que a diferente assumto, mostrava que lhe naõ esquecia a sua queyxa. Faleceu a Muito Augusta Imperatriz mulher do Imperador Leopoldo, e dando-se esta morte por assumto na Academia fez sobre elle hum Soneto, que elle pôs na cabeça de todos os que imprimiu no seu Pinto Renascido, e começava.

*Desta perda geral magoa cõmua
A sua Magestade dar queria
Hum pezame, que fora huma alegria
A ser de minha sogra, e naõ da sua.*

Aumentava-se reciprocamente o ódio; e foraõ os seus effeitos prender Thomaz Pinto a sua Sogra, e conseguir esta a prendelo, mas como elle tinha divertido com as suas poezias os mayores Senhores da Corte, e merecido com diferentes obsequios os seus favores, e o crime porque a Sogra o acuzava lhe foy falsamente argüido, o Duque do Cadaval D.Jayme, o Conde do Unhaõ D.Rodrigo Teles de Menezes, o Márquez Mordomo mor D. Martinho Mascaranhas, e D.Rodrigo de Lancastro, Commendador de Coruche o fizeraõ logo mudar de cadeya fechada para a caza do Carcereiro, e ultimamente o restituiraõ à sua liberdade.

/9/ Viveu Thomaz Pinto algum tempo em Lisboa sem mais applicação que ao seu divertimento. Para freqüentar cotodianamente as comedias, se mudou para a rua das

arcas. Depois que os vícios dos jogos da banca, e outros, o deixaraõ despojado de quanto havia adquirido nas conquistas, se inclinou a entreter-se com as nove irmãs que não pertendendo nada dos homens os enriqueessem com os seus favores, e as achou taõ propicias as suas invocaçoens, que lhe inspirarão hum furor taõ feliz, que não havia soccesso notavel, que não fosse assumpto das suas poezias; como se vê nas que se expõem neste livro, e nas mais, que ainda se não deraõ ao Prelo; escritas com tanta agudeza, e taõ especial graça, que todos os curiosos da Corte as celebravaõ, e faziaõ diligencias para as conservar trasladadas. Frequentou a Academia dos Anônimos, a dos Aplicados, a dos Ilustrados, e a Portugueza, ou Ericeiriana. Em todas era bem visto, porque em todas brilhava o seu espirito, conceituando sobre os assumptos com agudeza, e novidade, e assim esperava o congresso sempre com alvoroço a recitação das suas obras. O Duque D. Jayme, o terceiro Marquez Manoel Telles da Silva, e outros Senhores hiaõ expressamente às Academias para as ouvir. A inveja deste aplauzo foy a mãy da emulaçaõ, que encontrou em outros dois engenhos de distincãõ, hum Monje tambem animado do mesmo genio jocozo, outro secular Poeta insigne Author do Poema intitulado *Carlos Reduzido*, e da traduçaõ do Famoso *Trocato Taço*. Este com huma horrorosa satira metrificada em verso da /10/ Arte mayor, o pertendeu descompor, dizendo muitas couzas contra a verdade, fundado nas informaçoens dos seus inimigos. O Monje que tambem tinha grangiado nome por algumas das suas composiçoens, e prezidido algumas vezes na Academia dos Anônimos, lhe declarou guerra, combateraõ-se ambos na campanha do papel, em quanto viveraõ; dando hum saborozo divertimento ao povo: acabouse a contenda com a vida do Monje, e o Thomaz, que sempre o declamava por lhe faltar hum olho, não deixou de fazer hum Soneto em seu applauzo, ao qual não se esquecendo da sua teima, deu este titulo: *A' morte de hum olho amigo direito, que no andar do esquerdo està sepultado*, e no Soneto dizia.

Deu fim à vida hum olho taõ sagaz,
 Que por dois via, e via tambem por tres,
 Posto que na segueira alguma vez,
 Andasse por seo gosto com Thomaz:
 Olho não ouve cá mais prespicaz;
 Mas já hoje fechado em que lhe pez,

Na capela que em carne o pay lhe fez
 Igual do outro Irmaõ defunto jaz:
 Olho do sol seria (aqui entre nós)
 E de Apolo tambem o ayjesus,

Se acazo o naõ segasse a foyse atroz:
 Mas se a mortal Eclipse se reduz,
 Pela terra, que em meyo se entrepoz,
 Requiescat in pace, e a Deos luz.

/11/ A fortuna constante sempre em perseguilo lhe mostravacomo por negassa, alguns favores, pra que lhe causasse mayor mortificação o despojallo delles. O valimento que havia cõseguido de muitos Grandes lhe grangeou a entrada no Paço. O Soberano com a Real magnanimidade, que lhe era taõ natural, lh fazia mercê de algumas porçoens de dinheiro, mas informado da largueza com que elle o gastava, mandando darlhe em huma occaziaõ vinte moedas de ouro, ordenou ao Secretario de Estado Diogo de Mendonça⁵³, que lhas entregasse em duas parcelas com intreposição de tempo. Pediulhe o officio de Escrivaõ dos defuntos, e auzentes, criado de novo na America, e Sua Magestade lhe fez logo mercê delle por hum Decreto; porèm naõ chegou a rendelhe, nem para suprir o dezembolço para pagar na Chãcellaria os novos direitos. Elle mesmo o refere na historia que fez da sua vida já alegada.

*Pois bastou eu ter entrado
 A dar fé dos escaletos,
 Para que no tal destrito
 Naõ morressem, nem de velhos.
 Sou tal, que se alguém livrarse
 Quiser de peste, ou veneno,
 Deyxeme quatro cruzados
 Em verba de testamento.
 Do meu fado este he o officio,
 Sô me peza dos Direytos,
 Que antaõ de corpo presente
 Pagey sem outro momento.*

⁵³ Diogo de Mendonça (1658-1736) foi magistrado, embaixador de D.Pedro II e secretário de estado de D.João V. Foi membro da Academia Real de Historia Portuguesa, instituída por D. João V em 8 de Dezembro de 1720.

/12/ He muy improprio dizerem os Vassallos graças aos Reys, que só recebem bem as que se lhe rendem pelas mercês que fazem. Thomaz Pinto não sabia perder a pronunciaçã de nenhuma, que o pensamento lhe sugerisse, e por huma que introduziu em huma Poezia, perdeu o agrado do Soberano. Fez muitas diligencias para o restaurar, o por nenhuma o pode conseguir. Foy entre outras a ultima exporlhe o seu arrependimento no Soneto seguinte.

Estou, Senhor, deveras bem sentido,
 Porém tambem, Senhor, estou pasmado
 De ver hum Real braço levantado
 Contra hum quazi nada esmorecido.
 Sem castigo sois muy para temido,
 E sem premio tambem mui para amado,
 Suspendey, Senhor, o golpe irado,
 Com quem se postra a vossos pés rendido:
 Eu já quero que o vosso rigor teime
 Em dar-me culpas. Abaxay o braço:
 Já confesso, que errey, mas emendey-me:
 E pois sois de Coroa nesse Paço
 A vossos pés me tendes, absolvey-me
 Em quanto de contrito hum acto faço.

E logo acrescentou

Meu Senhor D. Joaõ Quinto,
 Rey, e homem verdadeiro,
 Por serdes vòs quem sois,
 E porque vos venero
/13/ Me peza dentro N'alma
 não vos fazer bons versos;
 Mas Senhor eu proponho,
 Firmemente, e prometo
 De com a vossa graça
 Emmendar meu graçejo,

E das chamadas culpas
 Hoje perdaõ vos peço,
 E espero alcançalo
 Pelos merecimentos
 De preciozo sangue
 Que ha nesse peito Regio,
 E da grande payxaõ,
 Que dentro no meu tenho.

Naõ se sabe se estas duas poezias foraõ vistas por Sua Magestade, o mesmo Autor entendia, que ninguém se atrevece a apresentarlhas.

Resolveu se a imprimir as suas obras, entendendo se poderia ajudar com o producto da impressaõ, engano em que cahem muitos Escritores; e pondo em limpo a primeira parte, a dedicou ao undécimo Conde de Monsanto D. Luiz Jozè Leonardo de Castro Noronha Ataide, e Sousa, que ao depois foy o ultimo Márquez de Cascaes⁵⁴, com o titulo de *Pinto Renascido*, generosamente lhe fez o gasto da impressaõ, sahiu ao publico no anno de 1732, e logrou o aplauso universal do Reyno.

/14/ Com esta ocaziaõ transmitiu tambem á posteridade o seu retrato, que abriu muito ao natural o Engenho de *Monsieur de Brie*, na idade de 66. annos, em que se achava, a que elle fez accrescentar por orla com o seu nome estas palavras, *Viveu de alegrar a gente, e morreu de fome*. Acompanhou o Artifice ao pé da efígie a Musa Tália, com seus instrumentos, e hum Satyro como os Antigos o pintavaõ, que com huma maõ pega em huma folha de papel, em que se lê *Pinto Renascido*, e mais abayxo esta Redondilha.

*Se para ti, porque aqui
 Sucinta verdade ha,
 Alguma te amargarà,
 Mas bom he ler para ti.*

E ao pé do Satyro este Epigrafi, *Irrideus cupide figo*, que significa o mesmo que dizer zombando as prego; porem este aditamento foy travessura do Abridor da Estampa, e não reprehensivel jactância do Autor.

⁵⁴ morto em 1745.

Entre os Cavalheyros, que se condoerão da sua infelicidade, houve oito, que se comprometerão a concorrer cada hum com huma moeda por mez para a sua subsistencia; porèm, ou perderão a compayxaõ, ou se esquecerão da promessa; o que elle explicou melhor neste

/15/ SONETO

Nesta pobre Irmandade oito entraram
 Que por eleyçaõ minha preferiraõ,
 E por devoçaõ sua reduziraõ
 A sesta a huma moeda, a que faltaraõ.
 De huma lista em que todos se assinaraõ,
 Todos (exceto hum pobre) se excluiraõ,
 Porque os que comessaraõ não seguiraõ,
 E outros, que ainda he pior não comessaraõ.
 Busco na sua caza ao que se afasta,
 Corro ao que não paga; e ao que resta,
 Sou meu mesmo andador, mas nada basta.
 E assim amigo em terra como esta
 Hasde saber, que a santos desta casta,
 Sò sendo D. João Manoel fará a sesta.

Avançaraõ-se os annos, cresceu a decadência, e ligaraõ-se contra elle a pobreza com a idade; mas o seu animo nas adversidades constante, a todos mostrava a mesma alegria, que no tempo, que teve alguma opulencia. Nesta calamidade em que a injustiça da Fortuna, lhe deparou a providencia a protecçaõ do Excellentissimo Conde da Sabugoza, Vasco Fernandes Cezar de Menezes⁵⁵, que lhe deu cazas no sitio da *Junqueyra*, junto ao seu Palácio, lhe assistia com o precizo para a sua subsistencia, e do seu escravo chamao Damiaõ, que em todos os seus trabalhos foy sempre o seu *Fidus Achates*. Não logrou muitos annos este descanso, porque a Parca lhe cortou a fio á vida, que havia logrado 79. annos, sete mezes, e 26. dias, dando no de 31. de Outubro do anno de 1743. o ultimo suspiro. Foy sepultado no Adro da Igreja do Calvário, onde **/16/** se lhe podia gravar por letreiro as mesmas palavras, q' elle quazi em profecia fez escrever por orla de seu retrato, SEPULTURA DE THOMAZ PINTO

⁵⁵ Foi governador de Goa (1712-1717) e vice-rei do Brasil (1720-1735); em 1724 fundou na Bahia a Academia dos Esquecidos.

BRANDAM, QUE VIVEU DE ALEGRAR A GENTE, E MORREU DE FOME; mas em quanto não ha outro D. Gonçalo Coutinho, que faça perduravel a memoria do seu jazigo como já fez hum ao grande Camões, sepultado na Igreja das Religiosas de Santa Anna, tambem filhas de S. Francisco, e professoras da pobreza do seu Patriarca, com as do Calvário; erigindolhe hum padraõ de Marmore em que se leya o seu nome com as mesmas clausulas, ainda que injuriosas à Patria, sempre madrastra de homens grandes, que se lee na sepultura de Camões, a quem elle imitou em muitas circumstancias, e dizem viveu pobre, e miseravelmente, e assim morreu. Gravaremos neste papel o Epitafio, que elle mesmo escreveu no remate da sua vida

EPITAFIO

Caminhante que vás taõ de corrida,
 Pois em nada reparas da jornada
 Repara por tua vida no meu nada,
 Que foy sempre huma morte a minha vida.
 Tambem no mundo andou muito perdida,
 Pois foy em diligencia mal parada,
 E por não ser mentira incorporada
 Huma verdade sou desvanecida.
 Eu tive occupação sem exercício
 Eu fuy mais conhecido sem ter nome,
 E eu ingrato morri sem beneficio.
 Exemplo toma em mim oh pobre homem!
 Que se tratares mal vives de vicio,
 E se viveres bem, morres de fome.

5.3 Rabelos

Possivelmente fosse um anacronismo (ainda que delicioso) atribuir a Rabelo, ou melhor, aos Rabelos – conforme vimos, um por cada exemplar existente da *Vida* – a intencionalidade de criar com a *Vida* de Gregório um texto paradoxal e violentamente transgressivo como o *Quixote* de Pierre Menard, na leitura de Silviano Santiago⁵⁶. Ainda assim, podemos ler na intencionalidade de sua obra um elemento fortemente transgressivo, que é a realização da biografia de um escritor americano, e não metropolitano (vide o título da *Vida* do códice BNRJ50,59: *Vida do grande poeta americano Gregório de Mattos Guerra*), através da utilização de um instrumento textual fortemente estilizado, como a biografia, e altamente permeado de referências clássicas e tradicionais.

Rabelo funda a biografia literária no Brasil, apropriando-se do modelo português e adequando-o quase que imperceptivelmente, bem à la Pierre Menard, a um autor brasileiro: nada mudou na biografia, mas tudo é diferente, e, como no caso do *Quixote* de Menard, “o segundo é quase infinitamente mais rico”...

⁵⁶ Cf. SANTIAGO, cit. Passim.

6 A BIOGRAFIA

6.1 A biografia e sua tradição

Como vimos, não há registro de informações sobre Rabelo, e até seu texto foi preservado quase que por um acaso, tamanha a indiferença que suscitou ao longo de seus 250 anos de existência literária. Não dispomos sequer de informações fragmentárias e esparsas: o texto apresenta-se sem referências, sem data, sem lugar de composição e, parece às vezes, sem autor. De certa forma, está portanto na condição ideal para ser analisado, porque desprovido de ruídos: se a avaliação da obra atribuída a Gregório de Mattos foi por muito tempo, quiçá até hoje, influenciada pela lenda biográfica transmitida pela *Vida* de Rabelo, em compensação a própria *Vida*, interpretada por muito tempo como biografia verídica, hoje, comprovada sua não atendibilidade, foi esquecida, e não gera expectativas.

A primeira observação a ser feita é relativa à inserção da *Vida* numa precisa linha de tradição, a que preserva, relata e exalta a biografia não dos homens genericamente notáveis, mas especificamente dos letrados e dos pensadores em geral. Se a biografia – prevalentemente de reis, imperadores e generais – é um gênero literário que remonta à Antigüidade clássica (se bem que na verdade listagens de gestas heróicas dos reis já são redigidas pelos Assírios e sucessivamente aparecem por volta do ano 500 aC na Grécia¹), quase igualmente antiga é a biografia dos pensadores e escritores. Examinemos portanto algumas

6

¹ CARENA, Carlo. Introduzione. In Plutarco. *Vite parallele*. 3 vols. Milano: Mondadori, 1974. I, 9-23: cf. p.15.

das biografias mais conhecidas e que mais exerceram influência nos séculos a seguir, que devem pelo menos ter criado o húmus cultural no qual cresceu a obra de Rabelo, ainda que ele não as tenha conhecido diretamente.

6.2 Primórdios. “Não histórias, mas vidas”

Se a própria historiografia antiga muitas vezes foi considerada como um gênero pertencente a uma espécie de limbo – literária demais para ser considerada verdadeiramente fidedigna, histórica demais para ser lida como ficção, e apenas à historiografia moderna e contemporânea foi conferido o *status* de cientificidade que freqüentemente se negava à historiografia antiga, mais ainda se questionou, ao longo dos séculos, a veracidade da biografia, subgênero por sua vez marginalizado pela historiografia².

Plutarco de Queroneia (46-119), apesar de não ter sido o primeiro dos biógrafos nem do mundo grego, nem do mundo clássico em geral, com certeza foi um dos autores que mais exerceram influência sobre o ensaio e principalmente a biografia na literatura ocidental; durante a Idade Média as conhecidíssimas *Vidas Paralelas* constituíram a principal, quando não a única, fonte de informações sobre alguns personagens da antiguidade clássica, e gozaram de imenso sucesso, inclusive pelo conteúdo muitas vezes anedótico. Sua obra, considerando as alternas fortunas dos textos gregos em sua transmissão até nós, conseguiu preservar-se em boa parte, e dispomos hoje de 23 biografias emparelhadas – um personagem grego comparado com um romano – e 4 separadas. O próprio Plutarco estabelece uma nítida

6

² Cf. DESIDERI, Paolo. “Non scriviamo storie, ma vite” (Plut., *Alex* 1.2): la formula biografica di Plutarco. *Testis Temporum. Aspetti e problemi della storiografia antica*, "Incontri del Dipartimento di Scienze dell'Antichità dell'Università di Pavia", VIII, Como 1995, págs. 15- 25: págs.15-16

distinção entre historiografia e biografia, quando, no começo da *Vida de Alexandre Magno*, declara

Sendo minha intenção a de escrever as vidas de Alexandre o rei, e de César, que derrotou Pompeu, [...] deverei avisar o leitor de que preferi resumir os acontecimentos mais celebrados de suas histórias, ao invés de insistir em cada circunstância particular. Deve ser lembrado que minha intenção não é a de escrever histórias, mas vidas. E os fatos mais gloriosos nem sempre nos fornecem as mais claras descobertas sobre as virtudes ou os vícios dos homens; por vezes um breve episódio, uma palavra, um chiste, nos dão mais informações sobre seu caráter e inclinações de que os sítios mais famosos, os grandes exércitos ou as batalhas mais sangrentas. Conseqüentemente assim como os retratistas são mais fieis às linhas e feições do rosto, no qual aparece o caráter [o *ethos*], assim devo ser livre de prestar mais atenção às marcas e indicações da alma humana³.

Se a parte final deste trecho parece uma justificativa do caráter mais psicológico do que factual das biografias escritas por Plutarco, a primeira parte nos interessa exatamente no sentido de negar a equivalência, a possibilidade de sobrepor biografia e historiografia. A finalidade da obra de Plutarco parece então mais apresentar um modelo, um exemplo a ser seguido, do que reconstruir de forma minuciosa a verdadeira ordem dos fatos; enfim, a preocupação do biógrafo aparece como sendo de natureza ética e não documentária (aspecto que, evidentemente, nos interessa especialmente se considerarmos especificamente a *Vida de Rabelo*).

Plutarco foi um dos autores mais canônicos de toda a antiguidade, e com certeza as *Vidas Paralelas* representam um texto fundamental para a literatura grega assim como para o conhecimento histórico sobre Roma e a Grécia antiga; da

mesma forma, elas se inserem numa tradição literária formada por sua vez paralelamente pelos alexandrinos e pelos romanos (que por sua vez, em geral, eram influenciados pelos alexandrinos).

No começo do III século aC a cidade de Alexandria, com sua fabulosa biblioteca, tornou-se o centro cultural do helenismo, congregando escritores e intelectuais de todo o mundo então conhecido. O poeta e erudito Calímaco de Cirene (300 – 240), que segundo alguns teria sido um dos diretores da Biblioteca⁴, escreveu, ao que consta, cerca de 800 volumes, sendo talvez o primeiro escritor grego que tenha se interessado por diferentes gêneros literários. Em sua imensa produção, além de numerosas obras que marcaram com sua influência os séculos seguintes – principalmente os poetas latinos, como Tibulo e Catulo – encontramos os *Pinakes* (quadros), hoje perdidos, nos quais Calímaco escrevia sobre as obras e principalmente os autores da Biblioteca, de uma forma que já podemos considerar, de fato, biográfica.

Na literatura latina, o primeiro escritor que compôs biografias, nisto inspirado pelo exemplo alexandrino, talvez tenha sido o enciclopédico Terêncio Varrão (116 – 27), prosador e poeta torrencial que escreveu setecentas biografias, ou, como ele quis denominá-las, retratos (*Imagines*) de personagens divididos em categorias – reis e heróis, gerais, poetas, prosadores, artistas e assim por diante – divididos em dois livros para cada categoria, um para os romanos e um para os não romanos. A obra, conhecida também como *Hebdomades*, e cuja inspiração aparentemente remete aos *Pínakes* de Calímaco⁵, infelizmente não chegou até nós;

7

³ Cito, traduzindo, da edição de PLUTARCO citada acima. Alex., I, 1-2.

⁴ Cf. GEORGUNTSOS, Pan. Come si è formata la língua greca. *Simposio Cristiano*. Milano: Istituto di Studi Teologici Ortodossi, 1994. págs 141-166: p.144.

⁵ Cf. RONCONI, Alessandro; POSANI, Maria Rosa; TANDOI, Vincenzo. *Manuale storico della letteratura romana*. Firenze: Le Monnier, 1986, p.113-114.

é de qualquer forma interessante saber que Varrão considerava poetas e prosadores dignos de biografias da mesma forma que reis e generais.

De Cornélio Nepos (99aC?-24aC?) ficou para a posteridade unicamente o *De viris illustribus*, série de biografias em dezoito livros distribuídas em categorias: imperadores, filósofos, poetas, historiadores e assim por diante⁶. Como em *Imagines* de Varro, o *De viris Illustribus* de Cornélio Nepos dividiu cada categoria em dois livros paralelos, um para os romanos e um para os estrangeiros, segundo o modelo que quase um século depois resultou na obra prima de Plutarco. É curioso relevar como em relação a Cornélio Nepos possa vigorar o preconceito do qual se falava no começo: num manual de literatura latina, escreve-se que “A Cornélio Nepote conviene, più che l’appellativo di storico, quello di biografo, e non tanto perché di lui possediamo solo biografie, quanto perché in queste la tempra dello storico non compare: gli mancano il sostrato di pensiero, l’intuizione psicologica [...]”⁷. Infelizmente só nos chegou o terceiro livro da obra por inteiro – 22 biografias – e partes dos I, II, IV, XIII, XIV, XV e XVI. É interessante, de qualquer forma, notar a mistura de reis, imperadores, poetas e gramáticos.

Suetônio (70?-140?), por sua vez, além de ter publicado inúmeras obras de história e textos sobre assuntos diversificados (desde o calendário até a vestimenta romana), escreveu duas obras estritamente biográficas, das quais uma é afim por

6

⁶ Os dezoito livros do *De viris illustribus* eram assim divididos: I – de regibus exterarum gentium; II – de Romanorum regibus; III – de excellentibus ducibus exterarum gentium; IV – de Romanorum imperatoribus; V – de graecis rhetoribus; VI – de latinis rhetoribus; VII – de graecis poetis epicis; VIII – de latinis poetis epicis; IX – de graecis poetis tragicis; X – de latinis poetis tragicis; XI – de graecis poetis comicis; XII – de latinis poetis comicis; XIII – de graecis historicis; XIV – de latinis historicis; XV – de graecis philosophis; XVI – de latinis philosophis; XVII – de graecis grammaticis; XVIII – de latinis grammaticis. Cornelii Nepoti Vitae. Ed. Koenig. <<http://www.patriot.net/users/lillard/chp/latlib>>

⁷ “Convém atribuir a Cornélio Nepos, mais do que o apelativo de historiador, o de biógrafo, e não porque dele possuamos só biografias, mas porque nestas o vigor do historiador não aparece:

gênero, ainda que diferente por inspiração, à de Plutarco: *De Vita Cesarum*, biografias de doze imperadores romanos – de César a Domiciano – descritos num retrato físico e moral que segue o esquema das biografias alexandrinas.

A outra obra, *De viris illustribus*, dividida em seções sobre poetas, oradores, historiadores, gramáticos e retores, filósofos, infelizmente foi em grande parte perdida, e só nos restou o livro *De grammaticis et rhetoribus*. O *De poetis* pode ser parcialmente reconstruído através das citações de Donato e São Jerônimo; sua importância reside principalmente no exemplo que este texto, através das fontes secundárias, exerceu sobre os biógrafos dos séculos seguintes, e principalmente os humanistas: no momento em que ressurgiu a noção do mundo clássico como exemplo de perfeição intelectual a ser perseguido, imitado e, se possível, superado, e ao mesmo tempo a noção orgulhosa da centralidade do ser humano – e não mais a divindade – no universo, evidentemente as biografias clássicas representam para os eruditos o modelo intelectual, literário e humano.

Jerônimo (347-419) deve sua fama principalmente à tradução da *Bíblia* para o latim, a famosa *Vulgata*. Para nós, porém o interesse de sua obra reside em seu *Liber de viris illustribus*, série de biografias de escritores eclesiásticos em cujo prefácio o escritor cita numerosos trechos do livro perdido, para nós, de Suetônio. Sua obra, preciosa fonte indireta para o texto perdido do autor clássico, serviu como modelo para os escritores humanistas.

Temos poucas informações sobre a pessoa de Diógenes Laércio, e sequer conhecemos o século no qual ele escreveu suas *Vidas dos eminentes filósofos*: “He

7
faltam-lhe o substrato de pensamento, a intuição psicológica [...]”.RONCONI, Alessandro; POSANI, Maria Rosa; TANDOI, Vincenzo. *Manuale*, cit. p.121.

had been variously dated in every century A.D. from the first to the fourth” e, sem muita certeza, foi enfim situado cronologicamente por volta de meados do III século da era cristã.⁸ As 44 vidas de filósofos que constam da obra de Diógenes Laertius apresentam um autor que foi definido superficial no que diz respeito ao pensamento filosófico, não confiável e mais interessado nos filósofos “as men and writers than as philosophers in a technical sense”⁹. Para nós, isto é até preferível: biografias de escritores. De qualquer forma, certamente a obra de Diógenes Laércio foi preciosa para a preservação do pensamento antigo, que em muitos casos não chegou até nós diretamente, por testemunhos primários, mas só por via secundária, através das citações de Diógenes. É interessante ver o modelo que seguem todas as biografias reunidas na obra de Diógenes Laércio: filiação do filósofo; educação, estudos filosóficos viagens; fundação de uma escola; caráter e temperamento, ilustrados por anedotas e ditos; eventos importantes de sua vida; anedotas e epigramas sobre sua morte; dados cronológicos; obras; doutrina; documentos (testamento, cartas); outros com o mesmo nome; notas miscelâneas¹⁰. Nada muito longe, portanto, do modelo que Rabelo segue ainda cerca de 14 séculos depois da redação das *Vidas dos filósofos*¹¹.

Enfim, no mundo clássico a biografia representou um gênero literário fundamental, e pode-se dizer que em muitos casos tenha ocupado o próprio lugar da historiografia. Em geral, estas biografias tinham mais o caráter de *exemplum* ético e moral do que propriamente de um relato verdadeiro de fatos concretamente acontecidos: o biografado em geral era escolhido por representar qualidades ou

6

⁸ LONG, Herbert S. Introduction. In Diogenes Laertius. *Lives of Eminent Philosophers*. Transl. by R.D. Hicks. 2 vols. Harvard: Loeb, 1972. I, xv-xxx: p.xvi.. “Foi situado cronologicamente em cada século dC, do primeiro até o quarto”.

⁹ Id. Ibid., p.xviii. “como homens e escritores mais do que como filósofos no sentido próprio”.

¹⁰ Id. Ibid., pp. xxi-xxii.

vícios (verdadeiros ou supostos) mais do que pelas suas ações. O que nos interessa mais, porém, é constatar como também a biografia de escritores e em geral de intelectuais tenha ocupado um lugar de relevo dentro do gênero¹².

7

¹¹ Sobre este assunto e mais em geral as biografias de filósofos, cf. GANDILLAC Maurice de. Aspects anciens du biographique philosophique. *Revue des Sciences Humaines*. N.224. Tome LXXXXVIII. Oct-déc 1991. p.193-204.

¹² Resolvi deixar de lado, por ser muito específico, e ainda assim muito freqüentado, o gênero da hagiografia.

6.3 Idade Média, Humanismo e Renascença

6.3.1 Biografias dos trovadores

Muitos dos trovadores que escreveram em provençal tiveram pequenas (por vezes minúsculas) biografias antepostas aos manuscritos de suas obras;

Vida de Bernartz de Ventadorn

Bernart de Ventadorn si fo de Limozin, del castel de Ventadorn. Hom fu de paubra generacion, fils d'un sirven qu'era forniers, qu'esquaudava lo forn a coszer lo pan del castel. E venc bels hom et adreichs, e saup ben chantar e trobar, e venc cortes et enseignatz. E lo vescons, lo seus seingner, de Ventadorn, s'abelli mout de lui e de son trobar e de son cantar e fez li gran honor.

E·l vescons de Ventadorn si avia moiller, joven e gentil e gaia. E si s'abelli d'En Bernart e de soas chansos e si enamora de lui et el de la dompna, si qu'el fetz sas chansos e sos vers d'ella, de l'amor qu'el avia ad ella e la valor de leis. Lonc temps duret lor amors anz que·l vescons ni l'autra gens s'em aperceubes. E quant lo vescons s'en aperceup, si s'estranej de lui, e la moiller fetz sera e gardar. E la dompna si fetz dar comjat a·'N Bernart, qu'el se partis e se loingnes d'aquella encontrada.

Et el s'en parti e si s'en anet a la duchessa de Normandia, qu'era joves e de gran valor e s'entendia en pretz et en honor et en bendig de lausor. E plasion li fort las chansos e·l vers d'En Bernart, et ella lo receup e l'acuilli mout fort. Lonc temps estet en sa cort, et enamoret se d'ella et ella de lui, e fetz mantas bonas chansos d'ella. Et estan ab ella, lo reis Enrics d'Englaterra si la tolç per moiller e si la trais de Normandia e si la menet en Anglaterra. En Bernart si remas de sai tristz e dolentz, e venc s'en al bon comte Raimon de Tolosa, et ab el estet tro que·l coms mori. Et En Bernart, per aquella dolor, si s'en rendet a l'ordre de Dalon, e lai el definet.

Et ieu, N'Ucs de Saint Circ, de lui so qu'ieu ai escrit si me contet lo vescons N'Ebles de Ventadorn, que fo fils de la vescomtessa qu'En Bernart amet. E fez aquestas chansos que vos auziretz aissi de sotz escriptas¹³.

Como se pode constatar, as informações concretas são extremamente reduzidas, e o que mais importa é ressaltar os *topoi* indispensáveis de cortesia, perfeição poética, fidelidade e amor infeliz. Uc de Saint Circ, ele próprio trovador, possivelmente tenha sido o autor da maioria das biografias dos poetas.

De qualquer forma, outras biografias são mais sintéticas ainda: “Vida de la Comtessa Beatriz De Dia. La comtessa De Dia si fo moiller d'En Guillem de Peitieux, bella domna e bona. Et enamoret se d'En Rambaut d'Aurenga, e fez de lui mantas bonas cansos”¹⁴, e parecem mais do que tudo obedecer ao objetivo de deixar registrada a importância da autoria e juntamente da personalidade individual do autor.

6.3.2 Dante, Petrarca, Boccaccio

6

¹³ Encontrei esta *Vida* no seguinte site: <http://www.areacom.it/arte_cultura/duke/tb_v02.htm>. “Bernardo de Ventadorn foi do Limousin, do castelo de Ventadorn. Foi homem de nascimento humilde, filho de um criado que era padeiro e aquecia o forno para assar o pão do castelo. E tornou-se um homem bonito e habilidoso, e sabia cantar bem e compor belos poemas, e tornou-se cortês e refinado. E o visconde de Ventadorn gostou muito de seus poemas e suas canções, e o honrou muito. O visconde de Ventadorn tinha uma mulher jovem, gentil e cortês: que gostou muito do senhor Bernardo e se suas canções: e ela se apaixonou por ele e ele se apaixonou pela senhora, e por isso fez suas canções e seus versos sobre ela, ou seja sobre o amor que tinha por ela e sobre o valor dela. O amor deles durou muito tempo antes que o visconde e os outros percebessem: mas quando o visconde percebeu, esfriou-se com ele, e mandou trancafiar e vigiar a mulher. E a senhora mandou que senhor Bernardo fosse mandado embora, que partisse e se afastasse daquela terra. E ele partiu, e foi junto da Duquesa de Normandia, que era jovem e de grande valor, e sabia apreciar o mérito e a honra, e os belos dizeres e louvores. E ela gostou muito das canções e dos versos do senhor Bernardo, e o recebeu e o acolheu muito bem. Ele ficou muito tempo em sua corte e se apaixonou por ela, e ela dele, e fez muitas belas canções sobre ela. E quando ele estava ainda com ela, o re Henrique da Inglaterra casou com ela e a levou consigo para a Inglaterra. O senhor Bernardo ficou aqui triste e doente, e veio junto ao bom conde Raimundo de Toulouse, e ficou com ele até a morte do conde. E o senhor Bernardo por aquela dor, entro na ordem de Dalon, e lá morreu. E a mim, Hugo de Saint Circ, o que escrevi dele foi contado pelo visconde Ebolo de Ventadorn, filho da viscondessa que o senhor Bernardo amou. E fez estas canções que ouvireis, escritas a seguir”.

O título acima de certa forma brinca com a classificação *standard* da tríade sagrada da literatura italiana: qualquer manual desta literatura, qualquer estudante secundário lida com os três autores de forma quase que indissolúvel, quase que a junção dos nomes fosse uma fórmula mágica ou por si um poeminha (ou como a listagem de reis assírios de *Sagarana*)¹⁵, apesar de suas enormes diferenças, e ainda assim com razão, considerando que, todos ativos no século XIV, eles, se não iniciaram, pelo menos formalizaram em vulgar – e deram dignidade igual à das obras em latim – seus respectivos gêneros literários. Os três deixaram escritos bio- ou autobiográficos, curiosamente imbricados, se um – Boccaccio – escreveu dos outros dois, e se a autobiografia de Petrarca for, como alguns acham, resposta à biografia dele ainda vivo escrita por Boccaccio, por achá-la demasiadamente apologética¹⁶.

6.3.2.1 Petrarca: *Posteritati* e *De viris illustribus*

De certa forma, Francesco Petrarca para nós, dos três autores canônicos, é quem menos nos interessa, porque, se de fato se interessou pelo gênero biográfico, redigiu, porém, *De viris illustribus*, uma série de biografias em latim seguindo o modelo de Suetônio, das biografias dos “homens ilustres”, aí entendendo ilustres como virtuosos na condução do estado e nas armas: biografias que vão de Rômulo ao imperador Tito, na intenção de oferecer uma ilustração da história de Roma dos

7

¹⁴ In < http://www.areacom.it/arte_cultura/duke/tb_v04.htm>. “A vida da Condessa Beatriz De Dia. A Condessa Beatriz De Dia foi mulher do Senhor Guillem de Peitieu, e foi senhora bonita e boa. E apaixonou-se pelo Senhor Rambaut d'Aurenga, e fez dele muitas boas canções”.

¹⁵ ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 31^o. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993. p.252-53.

¹⁶ Cf. GUGLIELMINETTI, Marziano. Biografia ed autobiografia. In Alberto Asor Rosa (org). *Letteratura Italiana*. Volume quinto: Le Questioni. Torino: Einaudi, 1986. págs. 829-886: p.842.

primórdios até o começo da decadência¹⁷. Não biografias de intelectuais, escritores ou filósofos, portanto, mas uma exaltação daquela romanidade que Petrarca, como proto-humanista, estudioso dos clássicos e amoroso bibliófilo, cultuou ao longo da vida; ao mesmo tempo, constatação de que a biografia de homens ilustres só pode ser escrita olhando ao passado, e não ao presente. (“Scriberem libenter, fateor, visa quam lecta, nova quam vetera [...]. Gratiam habeo principibus nostris, qui michi fesso et quietis avido hunc preriipiunt laborem; neque enim historie sed satyre materiam stilo tribuunt”)¹⁸.

Mais interessante para nós a autobiografia de Petrarca, a primeira composta por um escritor italiano; em latim como *De viris illustribus*, a curta epístola *Posteritati*, composta provavelmente antes do ano de 1367, segue parcialmente o modelo das *Confessiones* de Agostinho e o esquema cronológico das *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, com uma certa influência de Suetônio. Característica curiosa é o tom da narração, que emprega o “eu”, mas como se estivesse se dirigindo a homens que dele só têm vagas lembranças: “fuerit tibi forsan de me aliquid auditum”¹⁹. O poeta, que interrompe a narração na altura do ano de 1351, não escreve portanto suas lembranças para o presente, e sim focalizadas a um indistinto futuro. Mais do que tudo, é focado o amor pelas letras e pelos estudos, deixando de lado até a figura de Laura, mencionada *en passant*, e no fundo o texto parece uma espécie de auto-apresentação, “non troppo dissimile da una biografia posta in testa all’*opera omnia* di qualche grande classico”²⁰.

6

¹⁷ Sobre *De viris illustris*, cf. SAPEGNO, Natalino. Francesco Petrarca. Fondazione della cultura umanistica. *Storia della letteratura italiana* (orgs. Emilio Cecchi e Natalino Sapegno). 9 vols. Milano: Garzanti, 1976. II, 163-170.

¹⁸ Apud GULIELMINETTI, cit. p.845. “Eu gostaria mais, admito, contar coisas vistas ao invés do que lidas, recentes ao invés de antigas [...]. Mas devo gratidão aos nossos príncipes, que de mim, cansado e ávido de paz, tiram este trabalho: porque eles dão assunto à sátira, não à história”.

¹⁹ PETRARCA. *Posteritati*. in ibidem. “Talvez te chegue aos ouvidos algo relativo a mim...”

²⁰ GUGLIELMINETTI, cit. p.843. “não demasiadamente diferente de uma biografia colocada no começo da *opera omnia* de algum grande clássico”.

6.3.2.2 *Trattatello in laude di Dante e De vita et moribus Francisci Petracchi de Florentia*

Giovanni Boccaccio, que, se deve sua fama ao *Decameron* e às suas outras obras literárias, foi igualmente estudioso de rebuscada erudição e autor também de *De claris mulieribus* (1362) e *De casibus virorum illustrium* (1373), escreveu o *Trattatello in laude di Dante*, uma biografia do poeta, que, ao mesmo tempo em que relata a formação espiritual e os estudos de Dante, deixa também espaço a anedotas e invenções. Assim, por exemplo,

Pareva alla gentil donna nel suo sonno essere sotto uno altissimo alloro, sopra uno verde prato, allato ad una chiarissima fonte, e quivi si sentia partorire uno figliuolo, il quale in brevissimo tempo, nutricandosi solo delle orbache, le quali dello alloro cadevano, e delle onde della chiara fonte, le pareva che divenisse un pastore, e s'ingegnasse a suo potere d'avere delle fronde dell'albero, il cui frutto l'avea nudrito; e, a ciò sforzandosi, le pareva vederlo cadere, e nel rilevarsi non uomo più, ma uno paone il vedea divenuto. Della qual cosa tanta ammirazione le giunse, che ruppe il sonno; né guari di tempo passò che il termine debito al suo parto venne, e partorì uno figliuolo, il quale di comune consentimento col padre di lui per nome chiamaron Dante: e meritamente, perciò che ottimamente, sì come si vedrà procedendo, seguì al nome l'effetto²¹.

6 _____
²¹ BOCCACCIO, Giovanni. *Trattatello in laude di Dante*. Milano: Garzanti, 1995. p.15-16. “Parecia à gentil dama [a mãe de Dante] em seu sono estar sob um altíssimo louro, sobre um verde prado, al lado de uma fonte claríssima, e aqui ela sentia estar parindo um filho, o qual em tempo curtíssimo, comendo somente os frutos que caíam do louro, e das ondas da clara fonte, lhe parecia tornar-se um pastor, e se esforçasse de ter a ramagem da árvore, cujos frutos o alimentaram; e esforçando-se para isso, lhe pareceu vê-lo cair, e ao levantar não o via mais como um homem, mas transformado em pavão. Pela qual coisa ele sentiu tanta maravilha, que acordou; nem passou muito tempo que chegou a hora do parto, e teve um filho, o qual, de comum acordo com o marido foi chamado de Dante; e com razão, porque otimamente, como veremos em seguida, seguiu ao nome o efeito”.

Algumas, poucas, informações são tiradas da *Vita Nuova* de Dante, como aquela relativa ao primeiro encontro de Dante e Beatrice em 1274, reproduzido a seguir; ainda assim, não podemos esquecer que a *Vita Nuova* é, sim, uma narração autobiográfica, mas uma autobiografia espiritual, um “itinerarium mentis in Deum”²², e que os detalhes concretos só aparecem quando finalizados a alguma significação alegórica, numa rigorosa ascese moral e religiosa. Alguns críticos discordam da essência autobiográfica da *Vita Nuova*, considerando-a mais do que tudo um exemplo de hagiografia, uma “legenda di santa Beatrice”²³; e realmente o próprio Dante declara que a sua intenção ao longo do livro é sempre e unicamente a “loda di questa gentilissima”²⁴, sendo que naquele momento a literatura italiana em vulgar oferecia unicamente o modelo e a referência da escrita hagiográfica, cujo maior exemplo até então permanece a biografia/autobiografia (porque redigida pelos seus discípulos, na base de suas indicações e de sua exortação) de São Francisco²⁵.

Vejamos agora o mesmo acontecimento em Dante e em Boccaccio:

Nove fiata già appresso lo mio nascimento era tornato lo cielo de la luce quasi a uno medesimo punto, quanto a la sua propria girazione, quando ai mei occhi apparve prima la gloriosa donna de la mia mente, la quale fu chiamata da molti Beatrice li quali non sapeano che si chiamare. [...] Apparve vestita di nobilissimo colore, umile e onesto, sanguigno, cinta e ornata a la guisa che a la sua giovanissima etade si convenia [...]. D’allora innanzi dico che Amore signoreggiò la mia anima, la quale fu sì tosto a lui disponsata, e cominciò a prendere sopra me tanta sicurtate e tanta signoria

6

²² Apud BONINO, Guido Davide. Introdução alla *Vita Nuova*. In ALIGHIERI, Dante. *Vita Nuova e Rime*. Milano: Mondadori, 1991. p.vii-xix: viii. “Itinerário da mente na direção de Deus”.

²³ SCHIAFFINI, A. apud GUGLIELMINETTI, cit.. p.837.

²⁴ ALIGHIERI. *Vita Nuova*, cit p.26.

²⁵ GUGLIELMINETTI, cit. p.830. No mesmo texto uma anotação que mais uma vez, e aparentemente fora do contexto, nos faz lembrar de Rabelo: “in quest’opera [a vida de São Francisco] i dati biografici sono scarsissimi”. p.831.

per la virtù che li dava la mia imaginazione, che me convenia, fare tutti li suoi piaceri computamente²⁶.

Al quale, sì come i fanciulli piccoli, e specialmente a' luoghi festevoli, sogliono li padri seguire, Dante, il cui nono anno non era ancora finito, seguìto avea; e quivi mescolato tra gli altri della sua età, de' quali così maschi come femine erano molti nella casa del festeggiante, [...] puerilmente si diede con gli altri a trastullare. Era intra la turba de' giovinetti una figliuola del sopradetto Folco, il cui nome era Bice come che egli sempre dal suo primitivo, cioè Beatrice, la nominasse, la cui età era forse d'otto anni, leggiadretta assai secondo la sua fanciullezza, e ne' suoi atti gentilesca e piacevole molto, con costumi e con parole assai più gravi e modeste che il suo picciolo tempo non richiedea; e, oltre a questo, aveva le fattezze del viso delicate molto e ottimamente disposte, e piene, oltre alla bellezza, di tanta onesta vaghezza, che quasi una angioletta era reputata da molti. Costei adunque, tale quale io la disegno, o forse assai più bella, apparve in questa festa, non credo primamente, ma prima possente ad innamorare, agli occhi del nostro Dante: il quale, ancora che fanciul fosse, con tanta affezione la bella imagine di lei ricevette nel cuore, che da quel giorno innanzi, mai, mentre visse, non se ne dipartì. [...] O speciale influenza del cielo che in ciò operasse, o, sì come noi per esperienza veggiamo nelle feste, per la dolcezza de' suoni, per la generale allegrezza, per la delicatezza de' cibi e de' vini, gli animi eziandio degli uomini maturi, non che de' giovinetti, ampliarsi e divenire atti a poter essere leggiatamente presi da qualunque cosa che piace; è certo questo esserne divenuto, cioè Dante nella sua pargoletta età fatto d'amore ferventissimo servidore²⁷.

6

²⁶ ALIGHIERI. *Vita Nuova*, cit. p.1-2. “Já nove vezes, a partir da data do meu nascimento, o sol, em seu moto circular, voltara ao mesmo ponto, quando aos meus olhos apareceu pela primeira vez a gloriosa senhora da minha mente, a qual foi chamada Beatriz por muitos, os quais não sabiam o que significasse aquele nome [...] Apareceu vestida de uma cor extremamente nobre, humilde e honesta, vermelha, usando cinto e ornamentada da forma mais conveniente à sua idade tão jovem. [...] Daí em diante digo que Amor dominou minha alma, a qual logo foi tão logo casada a ele, e começou a tomar sobre mim tanta segurança e tanto domínio pela força que lhe dava minha imaginação, que me convinha fazer plenamente todas as suas vontades”.

²⁷ BOCCACCIO, cit. pp.20-21. “Ao qual [o pai] assim como as crianças, e principalmente nas ocasiões de festa, costumam acompanhar os pais, Dante, que ainda não completara nove anos, seguira; e lá, misturado com as crianças da mesma idade, das quais havia muitas, tanto meninas como meninos, na casa do dono da festa, [...] começou a brincar com os outros. No grupo das

O *Trattatello* parece de especial importância, porque, ao mesmo tempo em que é uma das primeiras obras do gênero a tratar de um único escritor, e quase contemporâneo do biógrafo – assim como foram Gregório e Rabelo: Dante, nascido em 1265, morreu em 1321, e Boccaccio viveu entre 1313 e 1375 – também emprega alguns *topoi* que reencontramos na biografia de Camões escrita por Pedro Mariz e na própria *Vida* de Rabelo, assim como na *Vida* de Pinto Brandão (que, porém, fica a dever algo também aos romances picarescos): a grandeza poética do autor, não reconhecida por muitos dos contemporâneos (p.16; 38); a pátria ingrata (p.13; 32; 42-46); o exílio (p.31 e passim); a pobreza do poeta (p.36-37); a justiça e a equanimidade, e em geral as altas virtudes morais que o caracterizam (p.29-31). Sabemos que Boccaccio relata fatos verdadeiros – Dante foi realmente exilado, precisou da benevolência alheia, teve suas virtudes poéticas negadas por muito tempo: o que importa, porém, é a forma em que estes fatos são tratados, como verdadeira apologia e segundo cânones retóricos, assim como nos interessa sua influência, ainda que indireta, sobre a biografia escrita por Rabelo.

O pequeno texto *De vita et moribus Francisci Petracchi de Florentia* foi composto por Boccaccio em latim, possivelmente antes da epístola *Posteritati*²⁸, e

7 _____
crianças havia uma filha do citado Folco [o dono da casa], cujo nome era Bice, ainda que ele sempre a tenha chamada pelo nome inteiro, ou seja Beatrice, talvez com oito anos de idade, extremamente graciosa, como se costuma ser na infância, e em seus gestos gentil e muito agradável, com hábitos e modos bem mais sérios e modestos do que exigido pela sua jovem idade; e além disso, suas feições eram muito delicadas e muito bem apresentadas, e cheias, além da beleza, de tanta honesta doçura, que era considerada por muitos quase um pequeno anjo. Ela portanto assim como eu a descrevo, o talvez muito mais bonita, apareceu nesta festa, não acho que pela primeira vez, mas pela primeira vez com capacidade para que ele se apaixonasse, aos olhos do nosso Dante; o qual, ainda que criança, recebeu no coração a imagem dela com tanta afeição, que daquele dia em diante nunca, enquanto viveu, de se separou dela [da imagem]. [...] Ou que tenha operado nisso uma especial influência do céu, ou que, assim como nós vemos por experiência nas festas, pela doçura dos sons, pela geral alegria, pela delicadeza da comida e da bebida, também as almas dos homens maduros, além daquelas das crianças, se alargam e se tornam aptas a ser facilmente tomadas por qualquer coisa que agrade; é certo que o que aconteceu foi que Dante em sua primeira juventude se tornou assaz fervoroso servidor do amor²⁷.

²⁸ Cf. BRANCA, Vittore. *Giovanni Boccaccio*. Perfil biográfico. Firenze: La Nuova Italia, 1977. p.64, que coloca a primeira redação da obra por volta dos anos 1341-42.

representa uma idealização, quase deificação de Petrarca como exímio, insuperável escritor e ao mesmo tempo “dio e profeta di [...] una nuova religione, quella delle lettere”²⁹, na mais apaixonada e extrema valorização do ofício literário.

6.3.3 Os humanistas italianos

Na “nova religião” das letras, que surge com o humanismo, a biografia é um gênero literário amplamente praticado, juntamente com a história (e sem oposição entre as duas): a tentativa de estabelecer uma ligação entre a antiguidade e o presente, o desejo de estabelecer e reconstruir tradições e eventos das cidades, que neste momento constituem, pelo menos na Itália, a unidade política, num estimulante paralelismo com o mundo grego clássico, que representa o modelo ético e intelectual. Os biógrafos alexandrinos, Plutarco, Suetônio, Jerônimo, geram com seu exemplo numerosas epítomes e numerosos epígonos, interessantes mais pelo aspecto documentário e por serem expressão de uma época de renovado fervor intelectual, que por sua vez exerceu grande influência, do que por suas específicas qualidades literárias. Deve ser lembrado pelo menos o florentino Vespasiano da Bisticci (1421-1498), interessante figura de intelectual e livreiro, cuja oficina de copistas realizava códices suntuosos para os reis e nobres da época e tornou-se um ponto de referência cultural na Europa inteira. Vespasiano foi autor de *Vite di uomini illustri del secolo XV*, 103 biografias redigidas segundo os modelos de Plutarco e Suetônio³⁰.

6.3.4 Um humanista castelhano

Fernán Pérez de Guzmán (1377?-1460) foi um escritor prolífico; além de *Mar de historias*, tradução do *Mare historiarum* de Giovanni della Colonna, escreveu *Generaciones y semblanzas*, “los linajes e façiones e condiciones de algunos grandes señores, perlados e cavalleros”. *Geraciones* foi, o primeiro livro de perfis biográficos da Castela, no qual o autor descreve seus biografados seguindo o modelo de Suetônio; o foco da narração, seu eixo fundamental é constituído pela orgulhosa consciência da nobreza e pelo valor da fama, “única ricompensa umana per chi agisce virtuosamente”³¹.

³⁰ Sobre Vespasiano, cf. GUGLIELMINETTI, cit. p.855-859.

³¹ VÀRVARO, Alberto; SAMONÀ, Carmelo. *La letteratura spagnola dal Cid ai Re Cattolici*. 2ª. ed. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1995. p.133. “Única recompensa humana para quem age virtuosamente”.

6.4 Vasari

Apesar de *Le vite de' più eccellenti architetti, pittori, et scultori italiani, da Cimabue insino a' tempi nostri*, do pintor e arquiteto Giorgio Vasari, conter biografias de artistas italianos que hoje chamaríamos de plásticos, e não filósofos ou letrados, resolvemos incluir algumas rápidas observações sobre a obra, por ela ter gozado de imensa fama logo depois de sua primeira publicação, em 1550, e ter seguramente representado um modelo biográfico a ser amorosa e respeitosamente imitado, além de fonte inesgotável de informações sobre os artistas biografados. Vasari, grande admirador e amigo de Michelangelo, quis escrever uma história da arte na qual a figura do “divino Michelagnolo Buonarruoti”³² aparecesse como o ponto culminante de uma trajetória começada com Cimabue – numa perspectiva nitidamente renascentista, para cuja historiografia a obra do ser humano é uma conquista contínua, destinada a progredir até alcançar seu auge insuperável³³; esta história foi composta através de retratos biográficos, descrevendo a personalidade de cada um dos 150 artistas escolhidos, de forma a exaltar melhor a figura e a personalidade excepcional de Michelangelo³⁴. Além do profundo conhecimento artístico, não faltam anedotas, que tornam o texto saboroso como uma coletânea de contos da tradição toscana.

A última biografia é a do próprio Vasari, que assim justifica – com a modéstia recomendada pela retórica – a sua inclusão na obra:

Avendo io in fin qui ragionato dell'opere altrui, con quella maggior diligenza e sincerità che ha saputo e potuto l'ingegno mio, voglio anco nel fine di queste mie fatiche raccorre insieme e far note al mondo

6

³² VASARI, Giorgio. Vita di Michelagnolo Buonarruoti Fiorentino pittore, scultore et architetto. *Le vite de' più eccellenti architetti, pittori, et scultori italiani, da Cimabue insino a' tempi nostri*. <<http://www.liberliber.it/biblioteca/v/vasari.htm>>

³³ Cf. BONORA, Ettore. *Le Vite del Vasari. Storia della letteratura italiana* (orgs. Emilio Cecchi e Natalino Sapegno). 9 vols. Milano: Garzanti, 1976. IV, 493-501: p.496.

³⁴ Cf. ARGAN, Giulio Carlo. *Storia dell'arte italiana*. 4 vols. Firenze: Sansoni, 1980. III, p.93.

l'opere che la divina bontà mi ha fatto grazia di condurre; perciò che, se bene elle non sono di quella perfezzione che io vorrei, si vedrà nondimeno [...] che elle sono state da me con istudio, diligenza et amorevole fatica lavorate, e perciò, se non degne di lode, almeno di scusa [...]. E però che potrebbono, per aventura, essere scritte da qualcun altro, è pur meglio che io confessi il vero, et accusi da me stesso la mia imperfezzione, la quale conosco da vantaggio; sicuro di questo, che se, come ho detto, in loro non si vedrà eccellenza e perfezzione, vi si scorgerà per lo meno un ardente disiderio di bene operare, et una grande et indefessa fatica, e l'amore grandissimo che io porto alle nostre arti³⁵.

Uma versão da *Vida* de Rabelo, a que está contida em MC e em BNRJ50,57, segue claramente (ainda que, talvez, por um acaso) o modelo de Giorgio Vasari: assim como todas as *Vite* de Vasari terminam com um retrato do artista biografado, e a última com o retrato do próprio Vasari, a *Vida* de Gregório terminaria com um retrato do poeta:

Fiz tirar delle a presente copia por hum antigo Pintor, que foi seo familiar, e conferindo-a com az memorias que delle tem algumas pessoas antigas tenho-a por mui conforme a seo original. Naquelle tempo héra pouco versado o vzo das cabeleyras, e elle a trajava: mas pareceo-me copiallo sem ella, porque os homenz de talento devem patentearnos as officinas capitaes, que o produzem, para informação dos judiciozos.
(MC, LXVI)

Retrato que, porém, não aparece no códice, e que talvez tenha sido retirado, assim como pode ser que aparecesse no códice do qual foi copiado MC, e, assim como quem copiou o BNRJ (ao que tudo indica, o próprio Valle Cabral) deixou esta

6

³⁵ VASARI. Descrizione dell'opere di Giorgio Vasari pittore et architetto aretino. In op. Cit. “Tendo eu até aqui raciocinado das obras alheias, com a maior sinceridade que soube e pôde o meu engenho, quero ainda no final deste meu trabalho juntar e mostrar ao mundo as obras que a divina bondade me deu a graça de conduzir, porque, mesmo que elas não tenham a perfeição que eu gostaria, ver-se-á ainda assim [...] que elas foram realizadas por mim com estudo, diligência e amoroso trabalho, e portanto, se não são dignas de louvor, pelo menos são desculpáveis [...] E como poderiam, por ventura, ser descritas por outra pessoa, é melhor que eu confesse a verdade, e culpe a mim mesmo pela minha imperfeição, a qual conheço de forma avantajada; certo de que, se, como disse, não se verão nelas excelência e perfeição, pelo menos será possível enxergar um ardente desejo de agir bem, e um grande e incansável trabalho, e o amor grandíssimo que tenho pelas artes”

notação sobre um retrato naquela altura inexistente, o copista de MC tenha preferido não eliminar ou modificar substancialmente o último parágrafo do texto. Mais insubstancial, mais flutuante e indefinida, então, fica para nós a identidade do Gregório de Rabelo, fixada num retrato invisível, que, como num dos episódios do filme *11 de setembro*, nos inquieta através de uma tela vazia, perturbada pelo ruído indistinto da história (ou da estória).

6.5 Pedro Mariz e a biografia de Camões

Os Lusíadas, publicados em 1572, tiveram várias edições logo em seguida; a edição de 1613 continha também uma vida de Camões escrita por Pedro Mariz; são apenas 12 páginas não numeradas e sem título (só aparece como dedicatória “Ao estudioso da Lição Poética. P.M.”)³⁶ e singularmente escassas de informações sobre o poeta, e ao invés fartas de recriminações conta a sorte adversa, injusta e ingrata. De fato, só na quarta página Mariz, após as tradicionais reclamações contra a fortuna, a pátria ingrata, os governantes avaros, entra no assunto, relatando a genealogia do poeta até chegar aos bisavôs. Nada sabemos da juventude de Camões, que vemos *in medias res*, órfão de pai, convencionalmente pobre, embarcar para a Índia, “como algũs dizẽ, homiziado, ou desterrado por hũs amores no paço da Raynha”.³⁷ Sabemos de sua viagem a Moçambique (5v), de suas dificuldades econômicas (ibid), da preciosa ajuda de seus amigos, da publicação d’*Os Lusíadas*, da pobreza na qual viveu seus últimos anos e enfim de sua morte na miséria: “morto elle em tanta miseria, *que* o enterraram na Igreja de Santa Anna desta cidade, de modo *que* custou muyto trabalho atinarem com o lugar de sua sepultura, quando hum fidalgo Portuguez [...] lhe mandou fazer sepultura propria” (6r). Curiosamente, a única data citada é a da publicação d’*Os Lusíadas*: 1572. Enfim, um texto que, ao mesmo tempo em que exalta a figura do poeta, não informa nem a respeito do homem, nem da obra; uma biografia convencional que talvez nem tenha querido ser biografia, e sim uma simples

6

³⁶ *Os Lusíadas* do Grande Luis de Camoens. Principe da Poesia Heroica. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, natural da Cidade de Elvas. Dedicados ao Doutor D. Rodrigo d’Acunha, Inquisidor Apostólico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandez seu livreyro. Com Licença do Sancto Officio, Ordinario, y Paço. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1613.

³⁷ MARIZ, Pedro. s/titulo. In ibidem. p.4r-6v: 5v.

apresentação do poeta, recheada de reflexões de moralismo convencional, à moda da época.

Uma outra biografia de Camões foi publicada em 1624 por Manuel Severim de Faria, em seus *Discursos Vários Políticos*, ampliando as (poucas) informações oferecidas por Pedro Mariz e, no mesmo processo de ampliação desordenada e ficcional que aconteceu com a *Vida* de Rabelo, completando e integrando as lacunas com informações tiradas dos textos biográficos (os *autoschediasmi* citados no cap.1), num processo que foi chamado de “extrapolação biográfica”³⁸.

³⁸ Cf. MACEDO, Helder. Luís Vaz de Camões: la penna e la spada. In *Civiltà letteraria dei paesi di espressione portoghese*. 4 vols. Firenze: Passigli, 2001. I vol: Il Portogallo dalle origini al Seicento. Págs. 469-495: p.469.

6.6 Biografia como relato verdadeiro?

Vimos que a biografia é um gênero literário, ainda que às vezes lhe tenha sido negado este status, praticado desde os primórdios da literatura. Curiosamente, porém, as reflexões a respeito do gênero em si se concentram quase que obsessivamente na biografia a partir de meados do século XVIII em diante: a biografia da Ilustração, do pré-romantismo e, finalmente, do romantismo, na plena eclosão do Eu desenfreado e hipertrófico, quando “se propos l’homme comme object d’amour plus encore que d’étude”³⁹.

Atualmente o biógrafo literário questiona-se com assuntos que nunca teriam preocupado um biógrafo antigo: James Clifford, por exemplo, dedica um extenso capítulo de seu *From Puzzles to Portrait: Problems of a Literary Biographer* à questão da autenticidade e da possibilidade de averiguar os fatos: “One of the chief tasks facing a biographer is evaluating the reliability of the facts he has assembled”⁴⁰. Um problema deste tipo nunca teria preocupado nem longinquamente um biógrafo clássico, ou medieval, ou renascentista, ou mesmo o nosso Rabelo: porque a biografia para eles, retomando a expressão de Plutarco usada inicialmente, “não conta histórias, mas vidas”, entendendo com vidas os *exempla*, os fatos memoráveis que, justamente por serem memoráveis, devem ser exemplares, e portanto não precisam necessariamente ser verídicos – mais do que a veracidade, importa a ética, lida, naturalmente, como adequação à ideologia dominante. Daqui decorre um interessante paradoxo: se por um lado, pelo menos no século XVII, a historiografia, e com ela a biografia, devia conformar-se, mais

6

³⁹ DIAZ, José-Luis. Écrire la vie du poète. La biographie d’écrivain entre Lumières et Romantisme. *Revue des Sciences Humaines*. N.224. Tome LXXXV. Oct-déc 1991. p.215-233: p.216. “Quando se propõe o homem como objeto de amor, mais ainda do que de estudo”.

do que à realidade concreta, à idéia da ordem social e moral, pelo outro o romance, que então começava a sua ascensão triunfal, tinha obrigação de ser pelo menos verossímil⁴¹.

Num texto setecentista o biógrafo recomenda, entre outros preceitos, que “The writer of a life must be qualified, and first by a confirmed character of honesty”⁴²; se aqui com “honestidade” o autor possivelmente queira recomendar a abstenção das alterações intencionais da vida e do caráter do biografado, podemos também ler uma recomendação moral na qual o exemplo das qualidades éticas do biografado deve espelhar-se rigorosamente nas qualidades do biógrafo, talvez até estimulá-las, na mais clara demonstração da função ética da vida relatada. Isto explica e justifica não só as omissões e as incongruências, como também o singular desinteresse que muitos autores, entre os quais Rabelo, demonstram pelos aspectos factuais da vida de seus biografados: no fundo o excesso de detalhes concretos poderia até desviar a atenção do leitor do verdadeiro fim da biografia, a virtude. Virtude que evidentemente pode ser lida de forma um tanto mais elástica nos séculos XVII e XVIII do que nos anteriores.

7

⁴⁰ CLIFFORD, James. *From Puzzles to Portrait: Problems of a Literary Biographer*. London: OUP, 1970. p.69. “Um dos problemas principais que um biógrafo deve enfrentar é a avaliação da confiabilidade dos fatos que ele coletou”.

⁴¹ Cf. DIPIERO, Thomas. La funzione e la forma. Etica, politica e romanzo nel Seicento francese. In Franco MORETTI (org). *Il romanzo*. 5 vols. Torino: Einaudi, 2002-2003. III, pp.185-204: 192-93.

⁴² NORTH, Roger. In CLIFFORD (org). *Biography as an Art*. Selected Criticism. London: OUP 1962. p.36. “O escritor de uma vida deve ser qualificado, antes de tudo por um caráter confirmado de honestidade”.

CONCLUSÕES

Esta tese foi composta em diferentes momentos e sob diferentes solicitações. Isto explica, se não justifica, a diversidade de tom que por vezes pode surgir entre os vários capítulos ou no âmbito do mesmo capítulo. Mais do que um *work in progress*, ela tem sido uma *reflection in progress*; resolvi não tentar uniformizar (com a exceção das aporias gritantes), e sim manter as estratificações das várias fases da pesquisa e principalmente do desenrolar das idéias.

Três críticas, entre outras, possivelmente possam ou devam ser feitas ao trabalho:

1. Há uma certa oscilação, e talvez incerteza, entre o foco sobre Rabelo e umas escapadas quiçá nostálgicas para o texto gregoriano;
2. O trabalho não é especificamente filológico – mas por vezes assume feições filológicas – nem especificamente de crítica literária, ainda que por vezes se aventure nos caminhos da crítica.
3. Não cheguei a conclusões acerca da fixação do texto, sobre a pessoa de Rabelo e a genealogia dos testemunhos.

À primeira crítica posso responder que o imbricamento, a sobreposição e a confusão entre o texto (dito) gregoriano e o texto de Rabelo são antigos, e nesta altura, já sedimentados, constituem por si uma específica tradição impossível de se esquivar; à segunda, que tive a intenção explícita de escrever um trabalho que, sem ser desgovernado, ampliasse seu foco para diferentes aspectos mais culturais do que filológicos ou críticos, ou melhor, assumisse várias feições, abarcasse

aspectos variados, por vezes, é bem verdade, com um certo receio de chegar aos excessos de uma “*panlalia*” que poderia ser estéril, mas sem inibir uma certa vocação enciclopédica que espero ser aberta, *à la* Calvino; finalmente, à terceira, que com plena intencionalidade, ao longo destes anos, deixei cair os propósitos originários, para tentar realizar uma tese justamente “aberta” que, mais do que dar respostas, fomentasse perguntas e instigasse sugestões.

Parece-me ter conseguido demonstrar a vitalidade do texto de Rabelo, assim como a sua inserção numa tradição que ele, talvez inconscientemente, talvez intencionalmente, aos poucos, se apropriando dela, subverte. Demonstrei também, acho, que na atualidade a questão da autoria, quando reportada a textos como o de Rabelo e os de Gregório, constitui uma falsa obsessão, que dificilmente será resolvida. Quis evidenciar o movimento dos textos manuscritos e a importância da figura e da individualidade do copista.

Enfim, considero que o resgate de Rabelo tenha sido realizado, e que seu texto tenha conseguido ganhar a voz própria que há mais de dois séculos merece ter.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1 EDIÇÕES

1.1 RABELO

BARBOSA, Januário da Cunha. Biografia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc. In *Revista Trimestral de História e Geografia, ou Jornal do Instituto Histórico-geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, III, n. 9, 1841, p.267-274.

REBELLO, Manuel Pereira. *Vida do dr. Gregório de Matos Guerra*. Ed. Valle Cabral (cf.). Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1881. 37 páginas.

Vida do Dr.Gregório de Mattos Guerra, in *Obras Poéticas*. ed. Valle Cabral. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882. p.3-37 (reedição da anterior).

Vida e morte do Doutor Gregório de Mattos Guerra, escrita pelo Licenceado Manuel Pereira Rabelo, e mais apurada depois por outro engenho in *Obras de Gregório de Matos*. dir. de Afrânio Peixoto. 6 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933 (Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Satírica, IV e V, 1930; Ultima, VI, 1933). I, 1929, p.39-90.

Vida do Grande Poeta Americano Gregório de Mattos Guerra. *Obras de Gregório de Matos*. dir. de Afrânio Peixoto VI, 1933, p.59-95.

Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos e Guerra, in *Obras completas de Gregório de Matos*. Crônica do viver baiano seiscentista. Ed.James Amado. 7 vols. Salvador: Janaína, 1968, VII, p. 1689-1721, e novamente na segunda edição, Gregório de Matos, *Obra Poética*. Ed James Amado. Notas de E. Araújo. 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1990, II, p.1251-1270.

Vida do Doutor Gregório de Mattos Guerra Escrita pelo Licenciado Manoel Pereira Rabello. In ESPÍNOLA, Adriano. *As artes de enganar*. Um estudo das máscaras poéticas e biográficas de Gregório de Mattos. Rio de Janeiro: Topbook, 2000. p.349-379.

1.2 GREGÓRIO DE MATTOS

Além das obras completas, existem numerosas antologias das obras atribuídas a Gregório de Mattos. Aqui serão citadas apenas as principais, em ordem cronológica.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso Brasileiro, ou colleção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas* 2 vols. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Nacional 1829-1831 II, p.53-61.

SILVA, Joaquim Norberto Sousa. Estudos sobre a literatura brasileira durante o século XVII. *Minerva Brasiliense*, I, p.41-45 e 76-82. Rio de Janeiro: 1843.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira* ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil. 3 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1987 (I ed. Lisboa, Imprensa Nacional 1850-1853). I, p.95-176.

MATTOS, Gregório de. *Obras Poéticas*, precedidas pela vida do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello. Ed. Alfredo Vale CABRAL. vol.I - *Sátiras*. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882.

Obras de Gregório de Matos. dir. de Afrânio Peixoto. 6 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933 (Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Satírica, IV e V, 1930; Última, VI, 1933) (ABL).

SPINA, Segismundo. *Gregório de Mattos*. São Paulo: Assunção, 1946. Segunda edição: *A poesia de Gregório de Matos*. São Paulo: Edusp, 1995.

Obras completas de Gregório de Matos. Crônica do viver baiano seiscentista. ed. James Amado. 7 voll. Salvador, Janaína, 1968, reeditado como Gregório de Matos, *Obras Poéticas*. Ed James Amado. Notas de E. Araújo. 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1990 (JA)

POLVORA, Hélio. *Para conhecer melhor Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. Seleção, introdução e notas de José Miguel Wisnik. São Paulo: Cultrix, 1975.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*. II ed. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.53-99 e 494-97.

Gregório de Matos. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico por Antônio Dimas. São Paulo: Abril, 1981.

MATOS, Gregório de. *Os melhores poemas*. Seleção de Darcy Damasceno. São Paulo: Global, 1985.

MATOS, Gregório de. *Sátira*. Org. de Angela Maria Dias. Rio de Janeiro, Agir 1985 (Nossos clássicos 113).

MATOS. *Escritos*. Seleção e notas de Higino Barros. Porto Alegre, L&PM Editores 1986.

MATOS. *Se souberas falar também falarás*. Antologia poética. Org., sel., notas por Gilberto Mendonça Teles. Lisboa, Imprensa Nacional, 1989.

Poemas do Boca do Inferno. Poesias Fesceninas. Introdução de José Emílio Major Neto. São Paulo: Princípio, 1993.

MATOS. *Poesias*. Edição diplomática organizada por José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: UERJ/DIGRAF, 1997 (código da BNRJ 50,66).

Senhora Dona Bahia. Poesia satírica de Gregório de Matos. Seleção, introdução, estudo crítico e notas de Cleise Furtado Mendes. Salvador, EDUFBA, 1998.

PERES, Fernando da Rocha; LA REGINA, Silvia. *Um código setecentista inédito de Gregório de Mattos*. Salvador: Edufba, 2000.

2 TEXTOS SOBRE GREGÓRIO DE MATTOS

2.1 MONOGRAFIAS E ARTIGOS SOBRE GREGÓRIO DE MATTOS

ALVES, Constâncio. Gregório de Matos. In *Obras de Gregório de Matos*. Ed. ABL. IV (Satírica), 1930, págs.9-40 .

ANDRADE, Mário de. Literatura nacional (3.XII.1939). *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins, 1955 (II ed.). págs.165-168.

ARARIPE Júnior, T.A. *Gregório de Mattos* (1899). II edição. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1910.

BARQUIN, Maria del Carmen. *Gregório de Matos La epoca - el hombre - la obra*. Ciudad del Mexico: Robredo, 1946

BATES, Margaret J. A Poet of the Seventeenth Century, Brazil - Gregório de Matos. *The Americas*. Washington, IV/1, July 1947. págs.83-99.

BOSI, Alfredo. Do antigo estado à máquina mercante. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.96-118.

CABRAL, Alfredo do Vale. Introdução. *Obras Poéticas de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882. p.V-LIII.

CALMON, Pedro. *A vida espantosa de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1983.

CAMPOS, Haroldo de. *O seqüestro do barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CUNHA, Helena Parente. Convivência maneirista e barroca na obra de Gregório de Matos. *Origem da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. págs.79-108.

DAMASCENO, Darcy. Gregório de Matos: a transmissão textual. In MATOS, Gregório de. *Os melhores poemas*. Seleção de Darcy Damasceno. São Paulo: Global, 1985. págs.7-12.

DIMAS, Antônio. Gregório de Matos Guerra ao português. In Roberto Schwarz, org. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. págs.13-20.

ESPÍNOLA, Adriano. *As artes de enganar*. Um estudo das máscaras poéticas e biográfica de Gregório de Mattos. Rio de Janeiro: Topbook, 2000.

GOMES, Eugênio. O gênio cômico de Gregório de Matos e Sobre três sonetos de Gregório de Matos. *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: INL, 1958. págs.9-17; 18-28.

GOMES, João Carlos Teixeira. *Gregório de Matos, o Boca de Brasa*. Um estudo de plágio e criação intertextual. Petrópolis: Vozes, 1985.

GUERRA, Álvaro. *Gregório de Matos, sua vida e suas obras*. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HELENA, Lúcia. Um antropófago em Salvador. *Uma literatura antropofágica*. Rio de Janeiro: Cátedra/Brasília: INL, 1982. págs.20-45.

HOUAISS, Antônio. A tradição de Gregório de Matos. In *1º Simpósio de língua e literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed.Gernasa, 1967.

JULIO, Sílvio. Gregório de Matos e Quevedo. *Penhascos*. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1933. págs .245-259.

JULIO. Os plágios de Gregório de Matos Guerra. *Reações na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: H.Antunes, 1938. págs.102-137.

LA REGINA, Silvia. A recepção de Gregório de Mattos no século XVIII. *Merope* V, 8, gennaio 1993 (Pescara, Italia). Págs.45-57.

LA REGINA. Per un'edizione critica di Gregório de Mattos. in *E vós, Tágides minhas*. Miscellanea in onore di Luciana Stegagno Picchio. Roma: Baroni, 1999. págs.405-413.

LA REGINA. Gregório de Mattos e la *mouvance*, *Merope* XI, 27, giugno 1999, Pescara, Itália. págs. 139-146.

LA REGINA. Os sonetos de Gregório de Mattos. Fernando da Rocha Peres (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 139-155.

- LUCAS, Fábio. A hipótese Gregório de Matos e o barroco., *Do barroco ao moderno*. São Paulo: Atica, 1989. págs .9-27
- LUND, Christopher C. Os sonetos filosóficos-morais de Gregório de Matos e Sor. Inês de la Cruz. *Barroco*, 4, Minas Gerais, UFMG. 1972 págs.77-89
- MANFIO, Diléa Zanotto. Manuscritos de Gregório de Mattos no Exterior. Fernando da Rocha Peres (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 35-44.
- MARQUES, Xavier. Gregório de Matos. In *Obras de Gregório de Matos*. Ed. ABL. vol.III (Graciosa). págs.9-27.
- MARTINS, Heitor. Gregório de Matos: mito e problemas. *Do barroco a Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Itatiaia/Brasília: INL ,1983. p.235-245.
- MARTINS, Wilson. O caso Gregório de Matos. *História da inteligência brasileira*. 7 vols. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976. I, págs.225-233.
- MENEZES, Djacir. Gregório de Matos. *Evolução do pensamento literário do Brasil*. Rio de Janeiro: Simões, 1954, págs. 63-68.
- PERES, Fernando da Rocha. Negros e mulatos em Gregório de Mattos. *Afro-Ásia*, n.os 4-5, CEAO da UFBA. Salvador: 1967, págs. 59-75.
- PERES Gregório de Matos e Guerra: seu primeiro casamento. *Universitas*, Revista de Cultura da UFBA, n.1, Salvador: 1968, págs. 135-142.
- PERES Gregório de Mattos e Guerra em Angola. *Afro-Ásia* 6-7, CEAO da UFBA, jun-dez/68. págs. 17-40.
- PERES Documentos para uma biografia de Gregório de Mattos Guerra. *Universitas*, Revista de Cultura da UFBA, n.2. Salvador: 1969. p.53-65.
- PERES *Os filhos de Gregório de Mattos e Guerra*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1969.
- PERES Gregório de Mattos: os códices em Portugal. *Revista Brasileira de Cultura*, 9, 1971, p. 105-114.
- PERES O Pinto novamente renascido. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. N.8/9, janeiro/agosto 1971. Págs. 215-249.
- PERES De novo o Pinto Renascido. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. N.30, maio/agosto 1982. Págs. 49-58.
- PERES *Gregório de Mattos Guerra - uma re-visão biográfica*. Salvador: Macunaima, 1983.

PERES *Gregório de Mattos e a Inquisição*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1987.

PERES *A família Mattos na Bahia do século XVII*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Ufba, 1988.

PIRES, Homero. Gregório de Matos, poeta religioso. In *Obras de Gregório de Matos*. Ed.ABL. I (*Sacra*), 1929, p.23-38.

PORTELLA, Eduardo. Gregório de Matos - a tesoura, o tesouro. *Confluências. Manifestações da consciência comunicativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

REEDY, Daniel R. Gregório de Matos, the Quevedo of Brasil. *Comparative Literature Studies*, II, n.3, 1965.

RIBEIRO, João. O padre Manoel Bernardes e o poeta Gregório de Matos. e Gregório de Matos e Luís de Góngora. *O fabordão*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910. p.55-63; 305-315.

RIBEIRO. Acerca de Gregório de Matos. (1925). *Cartas devolvidas*. Rio de Janeiro: São José 1960 (II ed.). p.96-102.

RÓNAI, Paulo. Um enigma da nossa história literária: Gregório de Matos. *Revista do Livro*, vol.I, n.3-4, 1956. p.55-66.

SAFADY, Naief. Gregório de Matos. in AA. VV. *Panorama da literatura brasileira*. 6 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. I, p.17-20.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Poesia e protesto em Gregório de Matos*. Estudo crítico e seleção de poemas. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

SPINA, Segismundo. Gregório de Matos. in *A literatura no Brasil*. dir. de Afrânio Coutinho. 3 vols. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1955. I, 1, pp.363-376.

SPINA. A língua literária no período colonial: o padrão português. Gregório de Matos. São Paulo, *Revista do IEB da USP* (22), 1980. p.61-75.

SPINA. Monografia do Marinícolos *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, ABL, VI, 17, jun/set 1946. p.89-99.

SPINA. Gregório de Matos. *Da Idade Média e outras idades*. São Paulo: 1964. p.165-75

SPINA. Introdução. *A Poesia de Gregório de Matos* (vide no item 1.2). Págs 17-88.

TOPA, Francisco. Das tarefas por cumprir que nos deixou o Boca. Porto: *Terceira Margem*. Revista do Centro de Estudos Brasileiros. N. 2, 1999. p.25-28.

TOPA. *O mapa do labirinto*. Inventário testemunhal da poesia atribuída a Gregório de Mattos. 2 vols. Rio de Janeiro: Imago/Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, 2001.

VERISSIMO, José. Gregório de Matos. *Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Cia. Tipográfica do Brasil, 1894. p.225-238.

VERISSIMO. Gregório de Matos. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 7, 1912.

2.2 OBRAS GERAIS

BIBLIOTECA NACIONAL. *Manuscritos: séc. XII-XVIII*. Pergaminhos iluminados e documentos preciosos. Rio de Janeiro: Publicações da B.N., 1973. n.111-118.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882-1903. III, págs. 187-190.

BRANDÃO, Tomás Pinto. *Este é o bom governo de Portugal*. Antologia. Prefácio, leitura de textos e notas de João Palma-Ferreira. Lisboa: Europa América, 1976.

CALMON, Pedro. *História da literatura baiana*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1949. págs.25-35

COUTO, Domingos do Loreto. *Desagravos do Brazil e Glorias de Pernambuco*. Discursos brasílicos, dogmáticos, bélicos, apologeticos, moraes e históricos repartidos em 8 livros [...]. (1757). 2 tomos. Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1902-1903.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 5 vols. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio 1953.

VERISSIMO. *História da literatura brasileira*. 4ª. Ed. Brasília: Editora da UnB, 1981. p.75-85.

3 CRITICA TEXTUAL

ACIOLI, Vera Lucia Costa, *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana; UFPE, Editora Universitária, 1994.

ANTONELLI, Roberto. Interpretazione e critica del testo. *Letteratura Italiana*. Direzione di Alberto Asor Rosa. Torino: Einaudi, 1984-1990. IV, 141-243.

AVALLE, D'Arco Silvio. *Principi di critica testuale*. Padova: Antenore, 1978.

AZEVEDO Filho, Leodegário A. *Lírica de Camões*. 7 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985-. I. História, Metodologia, corpus.

BALDUINO, Armando. *Manuale di filologia italiana*. Milano: Sansoni, 1995.

- BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.
- BOAVENTURA, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática*. 2^a. edição. Santa Maria: UFSM, 1995.
- BRAMBILLA AGENO, Franca. *L'edizione critica dei testi volgari*. Padova: Antenore, 1984.
- CANFORA, Luciano. *Il copista come autore*. Palermo: Sellerio, 2002.
- CONTINI, Gianfranco. *Breviario di ecdotica*, Milano/Napoli: Ricciardi, 1986.
- CUNHA, Celso. *Significância e movência na lírica trovadoresca*. Questões de crítica textual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- DAIN, Alphonse. Il problema della copia. In STUSSI, Alfredo (org). *La critica del testo*. Bologna: Il Mulino, 1985. p.129-150.
- DIAS, José Alves Dias. MARQUES, A. H. de Oliveira. RODRIGUES, Teresa F., *Album de paleografia*, Lisboa: Estampa, 1987.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas*. Manuscritos dos séculos XVI ao XIX. São Paulo: Arquivo do Estado, 1979.
- FRÄNKEL, Herrman. *Testo critico e critica del testo*, Firenze: Le Monnier, 1969.
- GREETHAM, D.C. *Textual Scholarship. An Introduction*. New York/London: Garland, 1994.
- HAVET, Louis. *Manuel de critique verbale appliquée aux textes latins* (Paris 1911). Roma: L'Erma, 1967.
- MAAS, Paul. *Critica del testo*. Firenze: Le Monnier, 1980.
- PASQUALI, Giorgio. *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze: Le Lettere, 1988.
- PETRUCCI, Armando, *La descrizione del manoscritto*. Storia, problemi, modelli. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1984.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *A lição do texto*. Filologia e literatura. Lisboa: Edições 70, 1976.
- STUSSI, Alfredo (ed.). *La critica del testo*. Bologna: Il Mulino, 1985.

4 TEXTOS SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO E BIOGRAFIAS

ALIGHIERI, Dante. *Vita Nuova e Rime*. Milano: Mondadori, 1991.

Biografia e autobiografia. *Românica*. Revista de Literatura. Universidade de Lisboa. n.3, 1994.

BOCCACCIO, Giovanni. *Trattatello in laude di Dante*. Milano: Garzanti, 1995.

BONINO, Guido Davido. Introduzione alla *Vita Nuova*. In ALIGHIERI, Dante. *Vita Nuova e Rime*. Milano: Mondadori, 1991. p.vii-xix.

BONNET, Jean-Claude. Le fantasma de l'écrivain. *Poétique* 63, 1985, pp. 259-278.

CLIFFORD, James L (org). *Biography as an Art*. London: Oxford University Press, 1962.

_____. *From Puzzles to Portraits*. Problems of a Literary Biographer. London: Oxford University Press, 1970.

DESIDERI, Paolo. "Non scriviamo storie, ma vite" (Plut., *Alex* 1.2): la formula biográfica di Plutarco. *Testis Temporum. Aspetti e problemi della storiografia antica*, Incontri del Dipartimento di Scienze dell'Antichità dell'Università di Pavia, VIII, Como, 1995, págs. 15-25.

GANDILLAC, Maurice. Aspects anciens du biographique philosophique. *Revue de Sciences Humaines*. Tome LXXXXVIII, n.224. Octobre-Décembre 1991. Págs. 193-204.

GUGLIELMINETTI, Marziano. Biografia ed autobiografia. In Alberto Asor Rosa (org). *Letteratura Italiana*. Volume quinto: Le Questioni. Torino: Einaudi, 1986. págs. 829-886.

LAERTIUS, Diogenes. *Lives of Eminent Philosophers*. With an English translation by R.D.Hicks. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

LASOWSK, Patrick et Roman Wald. Anecdote et biographie. *Revue de Sciences Humaines*. Tome LXXXXVIII, n.224. Octobre-Décembre 1991. págs. 205-214.

LEJEUNE, Philippe. *Il patto autobiografico*. Bologna: Il Mulino, 1986.

MARIZ, Pedro. [Vida de Camões]. In *Os Lusíadas* do Grande Luis de Camoens. Príncipe da Poesia Heroica. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S.Sebastião da Mouraria, natural da Cidade de Elvas. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1613. ff. 4r-6v.

PLUTARCO. *Vite parallele*. Traduzione e introduzione di Carlo Carena. 3 vols. Milano: Mondadori, 1974.

PUECH, Jean-Benoît. Du vivant de l'auteur. *Poétique* 63, 1985, pp.279-300.

SVETONIO, Caio Tranquillo. *Vite dei Cesari*. Traduzione e introduzione di Edoardo Nosedà. Milano: Garzanti, 1977.

ZIEGLER, Konrat. *Plutarco*. Trad. di Maria Rosa Zancan Rinaldini. Brescia: Paideia, 1965.

5 OUTROS TEXTOS

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes*. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. Il Cinquecento. *Storia dell'arte italiana*. 4 vols. Firenze: Sansoni, 1980. III, p.3-256.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 3 vols. 3ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

BARTHES, Roland. *Miti d'oggi (Mythologies)*. Trad Lidia Lonzi. Torino: Einaudi, 1974

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos; e oferecido a Elrey de Portugal, D. João V pelo Padre Raphael Bluteau, clérigo regular doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa*. Coimbra, no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno 1712-1728 [1712 (A); 1712 (B-C); 1712 (D-E); 1713 (F-I); 1716 (K-N); 1720 (O-P); 1720 (Q-S); 1721 (TZ); 1727 (supl. I parte); 1728 (supl. II parte)].

BONORA, Ettore. Le Vite del Vasari. *Storia della letteratura italiana* (orgs. Emilio Cecchi e Natalino Sapegno). 9 vols. Milano: Garzanti, 1976. IV, 493-501.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autore del *Chisciotte*. *Finzioni*. Trad. Angelo Morino. Milano: Feltrinelli, 1985. pp.38-49.

BRANCA, Vittore. *Giovanni Boccaccio*. Profilo biografico. Firenze: La Nuova Italia, 1977.

CALMON, Pedro. *História social do Brasil*. 3 vols. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

- CALVINO, Italo. *Lezioni americane*. Milano: Mondadori, 1994.
- CANFORA. *La biblioteca scomparsa*. Palermo: Sellerio, 1986.
- CASTELLO, José Aderaldo. *O movimento academicista no Brasil 1641-1820/22*. 14 vols. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1969-
- CUNHA, Euclides da. Carta a Araripe jr. *Obra completa*. 2 vols. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. II, p.626
- DIPIERO, Thomas. La funzione e la forma. Etica, politica e romanzo nel Seicento francese. In Franco MORETTI (org). *Il romanzo*. 5 vols. Torino: Einaudi, 2002-2003. III, pp.185-204.
- FREUD, Sigmund. Il perturbante (Das Unheimliche). *Psicoanalisi dell'arte e della letteratura*. Trad. Celso Balducci. Roma: Newton Compton, 1997. p. 147-178.
- FUSILLO, Massimo. *L'altro e lo stesso*. Firenze: La Nuova Italia, 1998.
- GARCIA, Rodolfo, *Ensaio sobre a história política e administrativa do Brasil (1500-1810)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- GÓNGORA, Luis de. *Sonetos completos*. Edición de Biruté Ciplijauskaitė. Madrid: Castalia, 1985.
- GÓNGORA. *Romances*. Edición de Antonio Carreño. 4ª. Ed. Madrid: Cátedra, 1995.
- HANSEN. *Ut pictura poesis e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII*, in VVAA. *Para Segismundo Spina*. São Paulo: Iluminuras/Edusp, p.201-214.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*. 11 vols. 6ª. ed. São Paulo: Difel, 1985, I tomo, vols.1-2: A época colonial.
- HOLLANDA. *Raízes do Brasil*. 14ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- LEITE, Serafim. Características do primeiro ensino popular no Brasil (1549-1759). *Novas páginas de história do Brasil*. Lisboa: s/e, 1962. págs. 193-200.
- MACEDO, Helder. Luís Vaz de Camões: la penna e la spada. In *Civiltà letteraria dei paesi di espressione portoghese*. 4 vols. Firenze: Passigli, 2001. I vol: Il Portogallo dalle origini al Seicento. Págs. 469-495.
- MARTINS Filho, Ives Gandra da Silva. Evolução histórica da estrutura judiciária brasileira.
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_05/evol_historica.htm>.
Acesso em 15/3/2003.

MATOS, Eusébio de. *Sermão do mandato*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 1999.

MENDONÇA, Renato. *O Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

MUHANA, Adma. *A epopéia em prosa seiscentista*. São Paulo: UNESP, 1997.

MUSCETTA, Carlo. Giovanni Boccaccio e i novellieri. *Storia della letteratura italiana* (orgs. Emilio Cecchi e Natalino Sapegno). 9 vols. Milano: Garzanti, 1976. II, 250-444.

PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio narrativo do Peregrino da América*. 2 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1939 (VI ed; I ed.1728). II, p.51-65 e 100-120.

POIRION, Daniel. Écriture et ré-écriture au Moyen Age. *littérature*, 41, février 1981, págs 109-118.

PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo – Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

QUAYSON, Ato. Realismo mágico, narrativa e storia. In Franco MORETTI (org). *Il romanzo*. 5 vols. Torino: Einaudi, 2002-2003. II. Le forme. pp.615-636.

QUEVEDO, Francisco de. *Poesía original completa*. Ed. J.M.Blecua. Barcelona: Planeta, 1987.

RANK, Otto. *Il doppio*. Il significato del sosia nella letteratura e nel folklore (*Der Doppelgänger*). Trad. Maria Grazia Cocconi Poli. Milano: SugarCo, s/d.

RODRIGUES, Graça Almeida. *Breve história da censura literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.

RONCONI, Alessandro; POSANI, Maria Rosa; TANDOI, Vincenzo. *Manuale storico della letteratura romana*. Firenze: Le Monnier, 1986.

SANTIAGO, Silviano. Eça, autor de Madame Bovary. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.47-65.

SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano. *Uma literatura nos trópicos*. p.9-26.

SAPEGNO, Natalino. Francesco Petrarca. *Storia della letteratura italiana* (orgs. Emilio Cecchi e Natalino Sapegno). 9 vols. Milano: Garzanti, 1976. II, 141-248.

SAPEGNO. Boccaccio dantista. *Disegno storico della letteratura italiana*. Firenze: La Nuova Italia, 1990. pp.123-126.

SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 12ª. edição. Porto: Porto Editora, s/d.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARTZ, Stuart B. *Burocracia e sociedade no Brasil Colonial. A suprema corte da Bahia e seus juizes, 1609-1751*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. 20 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859-1893.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

SODRÉ. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da vida privada do Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SPINA. *História da língua portuguesa*. III. Segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Ática, 1987.

STEGAGNO PICCHIO. Camões/Petrarca: studio di varianti, in *Petrarca, Verona e l'Europa, Studi sul Petrarca* – 26, Padova: Antenore, 1997. pp.435-456.

STEGAGNO PICCHIO. Il mito di Camões. In *Civiltà letteraria dei paesi di espressione portoghese*. 4 vols. Firenze: Passigli, 2001. I vol: Il Portogallo dalle origini al Seicento. pags. 497-507.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

TEODORO, Janice. *América barroca*. São Paulo: Edusp, 1992.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.

UBIALI, Nelson Attilio. *A Academia Brasílica dos Esquecidos no contexto do Movimento Academicista Brasileiro*. Londrina: UEL, 1999.

VARNHAGEN. *História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. 5 vols. VI ed. Revisão e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

VÀRVARO, Alberto, SAMONÁ, Carmelo. *La letteratura spagnola dal Cid ai Re Cattolici*. 2ª. Edizione. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1995.

VIANNA, Hélio. *Estudos de história colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.

VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. 3 vols. Salvador: Itapuã, 1969.

WILDBERGER, Arnold, *A Bahia de 1676 vista por um médico francês*. Salvador: Publicações do Centro de Estudos Baianos n.24, s/d.

ZUMTHOR, Paul. Intertextualité et mouvance. *littérature*, 41, février 1981, págs. 8-16.

ZUMTHOR. *A letra e a voz*. A “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.